



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS FLORIANÓPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO (PGET)

“A schort tretys and a comfortabyll for synful wrecchys”: As traduções do inglês médio para o inglês moderno da autobiografia *The book of Margery Kempe*

Alison Silveira Morais

Florianópolis

2021

Alison Silveira Morais

“A schort tretys and a comfortabyl for synful wrecchys”: As traduções do inglês médio para o inglês moderno na autobiografia *The book of Margery Kempe*

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Rita Drumond Viana

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Morais, Alison

"A schort tretys and a comfortabyl for synful wrecchys":
: As traduções do inglês médio para o inglês moderno na
autobiografia *The book of Margery Kempe* / Alison Moraes ;
orientador, Maria Rita Drumond Viana, 2021.
124 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. *The book of Margery Kempe*. 3.
Literatura Medieval. 4. Autobiografias. 5. Estudos
Feministas da Tradução. I. Drumond Viana, Maria Rita. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Alison Silveira Morais

“A comfortabyl for synful wrecchys”: As traduções do inglês médio para o inglês moderno na autobiografia *The book of Margery Kempe*

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Andrea Catarina Souza Silva

Instituição: York College, City University of New York

Profa. Dra. Meritxell Hernando Marsal

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** da dissertação de mestrado que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Estudos da Tradução.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Dra. Maria Rita Drumond Viana

Orientadora

Florianópolis, 2021

Este trabalho é dedicado a Bruna e ao Caffé.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Maria Rita Drumond Viana, por todo o suporte com a dissertação, a paciência e as injeções de ânimo. Também por demonstrar que confia na minha capacidade de lidar com os temas que foram abordados.

Agradeço também à Profa. Dra. Salma Ferraz, que tive o prazer de conhecer e me infiltrar em várias de suas disciplinas. É uma pessoa inspiradora e que me fez gostar ainda mais dos diálogos entre literatura e teologia.

À Profa. Dra. Janyne Sattler do Departamento de Filosofia, que ministrou uma disciplina sobre o livro *Calibã e a bruxa*, de Silvia Federici, e que ampliou minhas perspectivas em relação a forma que abordava os temas deste trabalho.

Agradeço especialmente à Profa. Dra. Dirce Waltrick do Amarante, pelos dois semestres de muita prática tradutória e projetos que pude me envolver tanto como tradutor, quanto organizador e ilustrador.

À Profa. Dra. Alinne Balduino Pires Fernandes por ter apresentado, ao longo de suas disciplinas de literatura na graduação, obras feministas e teorias literárias que acabariam se tornando de meu maior interesse. Além de ter sido minha orientadora para o trabalho de conclusão de curso, um processo atribulado devido a questões pessoais, mas que teve um bonito desfecho e me fez cogitar uma pós-graduação.

Agradeço aos meus colegas do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, e também as pessoas que conheci no CFH que direta e indiretamente me encorajavam e incentivavam para prosseguir com minha pesquisa.

Por fim, agradeço à minha companheira de todos os momentos, Bruna e ao Caffé.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“for it nedith us to fallen, & it nedith us to sen it,
for if we felle nowte, we should not knowen how
febil & how wretchid we arn of our selfe” – Julian
de Norwich, 1373.¹

¹ É preciso cair & é preciso estarmos cientes disso, pois se não caíssemos, nunca saberíamos nós mesmas o quanto somos frágeis e desprezíveis”¹ (tradução minha)

RESUMO

The book of Margery Kempe, escrito por volta de 1434 é conhecido como a mais antiga autobiografia em língua inglesa. Nele, temos o relato da trajetória pessoal e espiritual de uma mulher multifacetada: mãe, esposa, empreendedora, peregrina e mística inglesa, Margery Kempe da cidade de Lynn desafiou a autoridade da Igreja Católica e as noções misóginas da Idade Média sobre os perigos associados ao corpo e à voz das mulheres. Esta dissertação coteja e analisa todas as sete traduções da obra transcritas de um único manuscrito em inglês médio para o inglês moderno: de 1940, por William Butler-Bowdon; de 1985, por Barry Windeatt; de 1995, por Tony D. Triggs; de 1998, por John Skinner; de 2001, por Lynn Staley; a versão resumida de 2003 por Liz Herbert McAvoy, e por fim, de 2015, por Anthony Bale. As seleções de trechos para cotejo baseiam-se nos excertos apresentados por Gilbert & Gubar no clássico feminista *The Norton anthology of literature by women* (primeira edição de 1985), referentes aos capítulos 3 e 4 de *The book of Margery Kempe*. Essas importantes teóricas selecionaram para sua antologia seções a que intitulam “On female celibacy” [sobre o celibato das mulheres] e “Her temptation to adultery” [sua tentação ao adultério], tornando esses os trechos mais conhecidos da obra de Kempe para os estudos feministas. O cotejo linha a linha foi então agrupado por temas: “comportamento/sentimento”, “Linguagem gendrada”, “Religião” e “Sexo”, categorias de análise que levam em conta preocupações centrais aos Estudos Feministas da Tradução. Contrastam-se também as escolhas de tradução ressaltadas no cotejo com os projetos de tradução de cada edição analisada, tendo em vista seus elementos paratextuais como forças mediadoras da recepção. Busca-se, assim, explorar como essas traduções apresentam o texto medieval e como constroem a voz de sua autora para públicos contemporâneos no inglês moderno.

Palavras-chave: *The book of Margery Kempe*. Literatura Medieval. Autobiografias. Estudos Feministas da Tradução.

ABSTRACT

The Book of Margery Kempe, written around 1434, is known as the earliest autobiography in the English language. It narrates the personal and spiritual trajectory of a multifaceted woman: mother, spouse, entrepreneur, pilgrim and mystic, Margery Kempe, from King's Lynn, Northfolk, challenged the authority of the Catholic Church and the misogynistic notion of the Middle Ages about the dangers attached to women's bodies and voices. For this research, I collated and analysed all the seven editions which were translated from the manuscript in Middle English to Modern English: by William Butler-Bowdon (1940); by Barry Windeatt (1985); by Tony D. Triggs (1995); by John Skinner (1998); by Lynn Staley (2001); the abridged version by Liz Herbert McAvoy (2003); and by Anthony Bale (2015). The excerpts were selected based on Gilber & Gubar's, feminist classic *The Norton Anthology of Literature by Women* (1985), and refer to chapters 3 and 4 of the *Book of Margery Kempe*. These important theorists selected for their anthology sections entitled "On Female Celibacy" and "Her Temptation to Adultery", making these fragments the most famous of Kempes' lines in feminist studies. The line-by-line comparison was divided into categories: "behavior/feelings", "gendered language", "religion" and "sex", categories take into consideration central concerns within Feminist Translation Studies. Translation choices were also contrasted with the translation projects of each edition, considering their paratextual elements as mediating tools for reception. This research aims to explore how these translations present the medieval text and how they create spaces to ensure the author's voice is heard by contemporary publics in modern English.

Keywords: *The Book of Margery Kempe*. Medieval Literature. Autobiographies. Feminist Translation Studies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quadro de capas lado a lado.....	16
Figura 2: Manuscrito.....	58
Figura 3: Capa <i>The book of Margery Kempe</i> (1940) William Butler-Bowdon.....	63
Figura 4: Capa <i>The book of Margery Kempe</i> (1985) Barry Windeatt.....	65
Figura 5: Capa <i>The book of Margery Kempe: The Autobiography of the Madwoman of God</i> (1995) Tony D. Triggs.....	67
Figura 6: Capa <i>The book of Margery Kempe</i> (1998) John Skinner.....	69
Figura 7: Capa <i>The book of Margery Kempe</i> (2001) Lynn Staley.....	71
Figura 8: Capa <i>The book of Margery Kempe: An Abridged Translation</i> (2003) Liz Herbert McAvoy.....	74
Figura 9: Capa <i>The book of Margery Kempe</i> (2015) Antony Bale.....	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Peritextos <i>The book of Margery Kempe</i> (1940) de William Butler-Bowdon.....	63
Quadro 2: Peritextos <i>The book of Margery Kempe</i> (1985) de Barry Windeatt.....	66
Quadro 3: Peritextos <i>The book of Margery Kempe</i> (1995) de Tony D. Triggs.....	68
Quadro 4: Peritextos <i>The book of Margery Kempe</i> (1998) de John Skinner.....	69
Quadro 5: Peritextos <i>The book of Margery Kempe</i> (2001) de Lynn Staley.....	71
Quadro 6: Peritextos <i>The book of Margery Kempe</i> (2003) de Liz Herbert McAvoy.....	74
Quadro 7: Peritextos <i>The book of Margery Kempe</i> (2015) de Anthony Bale.....	76

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	O LUGAR DE <i>THE BOOK OF MARGERY KEMPE</i> NA LITERATURA EM LÍNGUA INGLESA.....	17
1.2	AS PREDECESSORAS DE MARGERY KEMPE	19
1.3	APRESENTANDO MARGERY KEMPE: ENREDO E CRONOLOGIA.....	22
1.4	ASPECTOS NARRATIVOS: PONTO DE VISTA E VOZ	27
2	O QUE SE TRADUZ EM <i>THE BOOK OF MARGERY KEMPE</i>: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS, DE GÊNEROS E LINGUAGEM.....	29
2.1	FORJANDO UMA VOZ PARA SI: KEMPE, FEMINISMOS E CONTEXTOS	30
2.2	CONSTRUINDO UMA INTERFACE ENTRE AS NARRATIVAS AUTO/BIOGRÁFICAS E <i>THE BOOK OF MARGERY KEMPE</i>	34
2.3	A PERSPECTIVA QUEER EM MARGERY KEMPE.....	41
2.4	O INGLÊS MÉDIO: TENSIONANDO OS DIÁLOGOS ENTRE A TRADUÇÃO INTRA E INTERLINGUAL.....	43
3	DIMENSÕES PARATEXTUAIS: DOS FRAGMENTOS DO <i>THE BOOK OF MARGERY KEMPE</i> E AS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES ATÉ ÀS TRADUÇÕES MODERNAS.....	47
3.1	EXPLORANDO OS FUNDAMENTOS DE HIPERMEDIAÇÃO, IMEDIAÇÃO E REMEDIAÇÃO: O QUE RESTA DA VOZ DE MARGERY KEMPE?	48
3.2	INVESTIGANDO QUESTÕES EDITORIAIS E DE AUTORIA.....	50
3.2.1	AUTORIA	54
3.2.2	EDIÇÃO	59
3.3	5 TRADUTORES, 2 TRADUTORAS	62

3.3.1	WILLIAM BUTLER-BOWDON.....	63
3.3.2	BARRY WINDEATT	65
3.3.3	TONY D. TRIGGS.....	67
3.3.4	JOHN SKINNER.....	69
3.3.5	LYNN STALEY	70
3.3.6	LIZ HERBERT MCAVOY	72
3.3.7	ANTHONY PAUL BALE.....	75
4	<i>“remysyon of my synne”</i>: ANALISANDO AS TRADUCÇÕES DO <i>THE BOOK OF MARGERY KEMPE</i>	78
4.1	COMPORTAMENTO/ SENTIMENTO/ PENSAMENTO	79
4.2	LINGUAGEM GENDRADA.....	87
4.3	RELIGIÃO	92
4.4	SEXO.....	103
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
6	REFERÊNCIAS.....	117

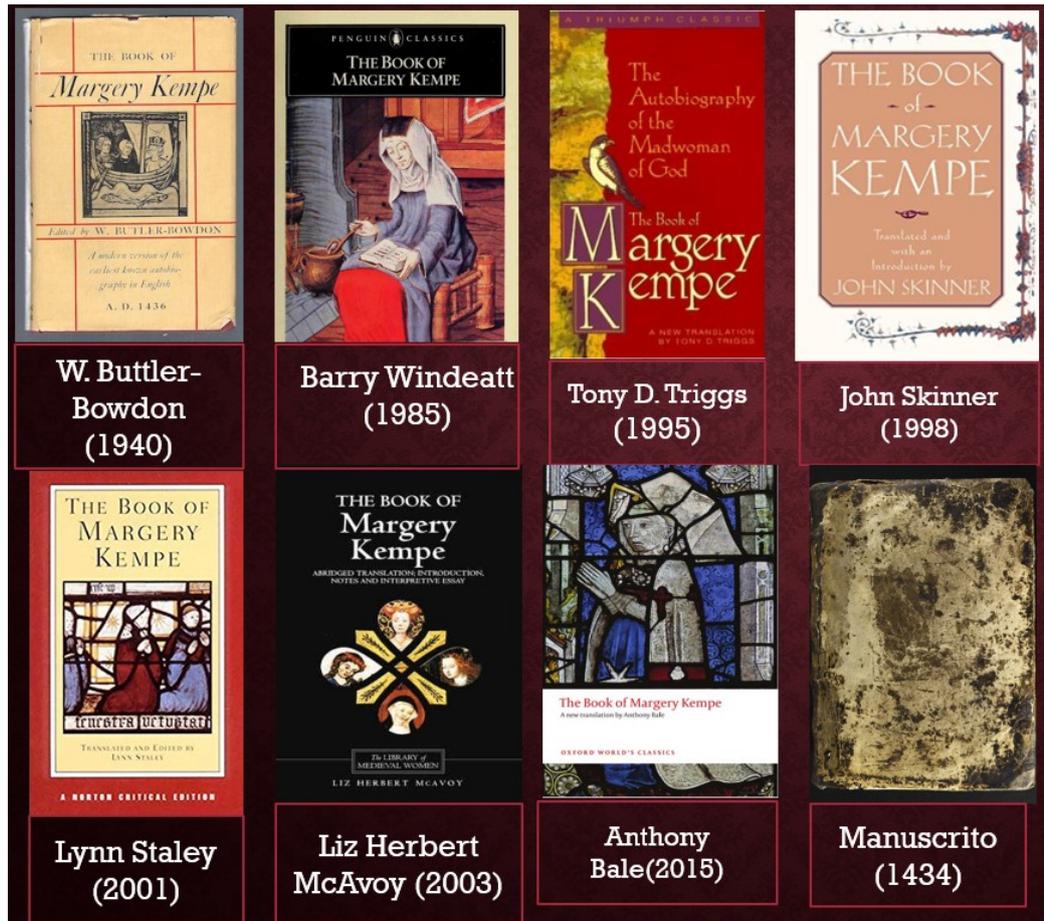
1 INTRODUÇÃO

Analisar *The book of Margery Kempe*, lê-lo em inglês médio, assim como suas traduções para o inglês moderno, foi um caminho que se abriu em muitos outros, uma trajetória de pesquisa rica tanto para um leitor, escritor de fantasia e pesquisador, quanto principalmente para um tradutor.

Fui apresentado à obra pela orientadora Maria Rita Drumond Viana, que suscitou em mim a vontade de partir para a pós-graduação em Estudos da Tradução. Minha monografia na área de literatura foi uma análise das diferentes faces do diabo bíblico na ficção científica e fantasia de Isaac Asimov; portanto, minhas leituras e interesse nas relações e diálogos entre literatura e teologia se estendem ao campo da tradução para este trabalho.

A primeira leitura de *The book of Margery Kempe* foi através da seleção disponível na tradicional *Norton anthology of literature by women* (1985), de Sandra Gilbert e Susan Gubar. Os excertos, referentes aos capítulos 3 e 4, encontravam-se em duas sessões identificadas pelas editoras como [*On female celibacy*] e [*Her temptation to adultery*] e abordavam questões de sexualidade e gênero. Tal foco muito me interessa e pude aprofundar-me nele em disciplinas sobre os Estudos Feministas da Tradução, na própria PGET e Estudos de Gênero no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas. Com esse suporte teórico pude abraçar com segurança a ideia por trás de minha pesquisa.

O objetivo deste trabalho é analisar as escolhas tradutórias de todas as traduções existentes para o inglês moderno feitas a partir de um único manuscrito em inglês médio de *The book of Margery Kempe*. Para esta pesquisa, serão analisadas todas as sete traduções já feitas e publicadas, entre os anos de 1940 e 2015, e assinadas por William Erdeswick Ignatius Butler-Bowdon (1940), Barry Windeatt (1985), Tony D. Triggs (1995), John Skinner (1998), Lynn Staley (2001), Liz Herbert McAvoy (2003), e Anthony Bale (2015).



Montagem de minha autoria apresentando todas as capas das traduções neste trabalho analisadas. As traduções de 1940 à 2015 e por último, a capa do manuscrito.

Em primeiro lugar, justifico a realização deste trabalho em um programa de Estudo da Tradução discutindo conceitos de tradução interlingual e intralingual, já que partimos do inglês médio para o inglês moderno. Para tal, tensiono a discussão com uma consideração sobre o tratamento de idiomas distintos entre si em termos temporais e não geográficos, nacionais ou dialetais e o que isso implica em uma análise dentro dos Estudos da Tradução.

Pretendo explorar nessa pesquisa as ligações entre o gênero autobiográfico e sua importância no desenvolvimento das culturas escritas em inglês, já que *The book of Margery Kempe* é considerado a primeira autobiografia existente nessa língua. Dentro do tema auto/biografia exploro duas questões: como o gênero literário se relaciona com a presença de mulheres na literatura; e como a busca e revisão de obras escritas por mulheres no passado feita dentro dos Estudos Feministas mostram-se valiosas para esse trabalho, considerando que o próprio *The book of Margery Kempe* foi identificado por Hope Emily Allen, uma pesquisadora feminista independente.

As partes que compõem o paratexto (GENETTE, 2009), ou seja, peritexto (como materiais prefatórios, notas, capas, etc.) e epitexto (informações contextuais e pessoais dos próprios/as tradutores/as) são cruciais para entendermos melhor o projeto de tradução (BERMAN, 1995) de cada edição traduzida publicada. Partimos então para o contraponto entre o que de fato encontramos nas traduções e o que é explicitamente colocado em seus projetos, conforme podemos entendê-los pelo paratexto.

É feito também aporte dos Estudos Feministas da Tradução, que nos esclarece questões de políticas de tradução, uso do masculino universal nas traduções, posicionamento dos/as tradutores/as e outros, além de dialogar também com os elementos paratextuais e do gênero autobiográfico. Essas abordagens serão discutidas no primeiro capítulo, antes de considerarmos cada uma das traduções em termos de seus projetos de edição e tradução de forma mais ampla. Por fim, temos o cotejo, cuja análise se dá por temas que ressaltam questões levantadas ao longo da dissertação e como elas se fazem notar, textualmente.

Ao longo dos argumentos apresentados neste trabalho, pretendo me aproximar de respostas para as seguintes perguntas de pesquisa:

1) Como é textualizada a voz de Margery Kempe no manuscrito em inglês médio e nas traduções? São construções que revelam marcas de mediações patriarcais? O que resta da voz de Kempe para quem lê o livro?

2) Que tipo de acesso que se dá à Idade Média nas traduções? Como nos permitem conhecer a experiência mística de sua autora? Uma tradução mais moderna apagaria o colorido medieval ou o tornaria mais acessível para quem lê?

3) Como os paratextos realizam a mediação desses temas? Como os paratextos das traduções nos aproximam ou afastam das diferentes particularidades do livro? O que mais se resalta do livro com as diferentes escolhas dos projetos?

1.1 O LUGAR DE *THE BOOK OF MARGERY KEMPE* NA LITERATURA EM LÍNGUA INGLESA

The book of Margery Kempe é uma obra sem precedentes, reconhecida, conforme discussão abaixo, como a primeira autobiografia em inglês; é uma obra pioneira da prosa inglesa e do gênero auto/biográfico. Em livro que sintetiza o desenvolvimento e recepção do gênero, Sidonie Smith e Julia Watson (2010) apresentam o conceito com o uso da barra,

apontando que, embora sejam diferentes, a autobiografia e a biografia têm fronteiras fluídas, e o uso de auto/biografia “sinaliza a inter-relação da narrativa autobiográfica e a biografia”² (p. 184).

Robert W. Chambers (1936), indica que a única biografia em língua inglesa anterior foi a *Life of Wulfstan of Worcester*, escrita entre os anos de 1095 e 1113, um período de transição do que é conhecido como *Old English* (inglês antigo, que compreende o período de 500-1100 da Era Comum) para o *Middle English* (inglês médio, de aproximadamente 1100-1500 EC). Escrita pelo capelão Coleman, com quem Vulstano colaborou em vida, foi feita a opção nada ortodoxa pela língua inglesa para a composição da biografia, sobre esse tópico, Carole Weinberg & Donald Scraag, no livro *Literary Appropriations of the Anglo-Saxons from the Thirteenth to the Twentieth Century* complementam que:

Alega-se que Coleman escolheu escrever em inglês em um tempo em que o latim era o idioma mais comumente utilizado e meio linguístico mais aceito para biografias hagiográficas [...] criando um precedente importante para o uso do inglês em um tempo em que o latim e o anglo-normando eram as línguas reconhecidas para narrativas históricas (2001, p. 24).³

No entanto, uma vez que o manuscrito original em inglês foi perdido e o texto da biografia do bispo Vulstano só chegou a nós através de tradução para o latim, *The book of Margery Kempe* mantém seu lugar de destaque como a primeira auto/biografia escrita originalmente em inglês médio e apresentada de forma avulsa, ou seja, não integrando uma série de contos, crônicas ou antologias, comuns naquela época.

Julie Chappel (2013) afirma que, quando Hope Emily Allen analisou e identificou *The book of Margery Kempe* em 1934, percebeu também que, para além da vida de Kempe, a narrativa era um registro histórico incomparável. Além dos aspectos da vida de sua autora e seus méritos literários, a auto/biografia também continha indicações sobre as rotas de peregrinações medievais, aspectos da rotina e da vida medieval tanto dos famosos do século XV quanto das pessoas mais humildes, em um panorama de dentro e fora da cidade de Lynn e da Inglaterra, sendo, assim também de grande importância como fonte historiográfica.

Lynn Staley (2001), na introdução de sua tradução de *The book of Margery Kempe*, explica que fazer uma lista das questões centrais desse livro é fazer uma lista das questões vistas

² No original: This acronym signals the interrelatedness of autobiographical narrative and biography.” Todas as traduções de referências em outros idiomas ao longo desta dissertação foram feitas por mim.

³ Coleman, it has been argued, chose to write in English at a time when Latin was the commonly used and accepted linguistic medium for hagiographical biography [...] an important precedent for the use of English at a time when Latin and Anglo-Norman were the recognized languages of historical narrative.

como centrais também para a Inglaterra do século XV e a Idade Média de forma geral: a “alfabetização e transmissão de textos vernaculares, heterodoxia religiosa, piedade feminina, papéis de gênero, controle episcopal, ascensão do nacionalismo, comunidade, criação de identidades individuais e a natureza da verdadeira autoridade”⁴ (p. 8), além das questões mercantis, de deslocamento, e o próprio turismo medieval. É uma obra essencial para entender o proto-protestantismo (o movimento lollardista estava em alta durante o período em que viveu Margery Kempe) e, principalmente, uma obra integrada ao que conhecemos como o proto-feminismo.

Também é de nosso maior interesse dar notoriedade e contribuir para a disseminação dessa autora no Brasil. Possuo enorme vontade de empreender a tradução deste livro do inglês médio para o português do Brasil em projetos futuros, uma vez que, segundo a British Library, além das traduções para o inglês moderno, uma para italiano e outra para o francês, há somente uma tradução para o espanhol de 2012, o *Libro de Margery Kempe: La mujer que se reinventó a sí misma*, de Salustiano Moreta.

1.2 AS PREDECESSORAS DE MARGERY KEMPE

Na literatura mística medieval, a palavra de Deus se resumia em “experiência”, as escrituras ficam ainda mantidas em segundo plano para dar lugar aos sentidos, visões, e ao mistério para reinterpretação da religião. Esse movimento, transborda do plano da própria literatura mística para dar cor ao processo de tradução da Bíblia na Inglaterra, do latim para o vernáculo. De acordo com Amaral e Mariani no breve artigo *A mística como crítica nas narrativas de mulheres medievais* (2015):

A palavra mística é a transcrição do adjetivo grego *mystikós* e remete a algo oculto, não acessível à vista e do que não se pode falar. Referida ao conhecimento de Deus, no contexto do cristianismo [...] “uma forma especial de conhecimento de Deus que se caracteriza por sua condição experiencial e por chegar a Deus mais além do que permitem alcançar o conhecimento pelo que outros contam dele e o conhecimento por conceitos”. (p. 88).

Ainda segundo Amaral e Mariani, há uma reinterpretação religiosa, das vivências e da própria realidade através da mística, e isso por si só um ato insurgente. A sociedade se dividia

⁴ literacy and the transmission of vernacular texts, religious heterodoxy, female and/or lay piety, gender roles, episcopal control, the rise of nationalism, Community, the making of individual identities, and the nature of true authority.

em suas reações: haviam os que, munidos de preconceito, ou por medo do que fugia de suas vidas ordinárias, se colocavam contra estes homens e mulheres, assim como muitos outros observavam esse fenômeno como parte das vigentes práticas essencialmente cristãs, ao ponto de muitas vezes admirarem e idolatram os místicos e místicas, acreditavam que sabiam de menos sobre o seu próprio mundo para poder julgar as “habilidades transcendentais” de outra pessoa, e rejeitavam questionar a escolha de Deus de seus “porta-vozes”.

Em seu livro, Kempe se refere à palavra de Deus como “entidade” material. Ela era uma mulher iletrada, portanto, foi ensinada espiritualmente através de orações, as idas à Igreja e participação em seus rituais, missas e principalmente encontros com seu confessor Robert Spryngolde, que lia muitos livros para ela; no entanto, mesmo assim, seu livro não possui nenhuma menção ou citação direta das Escrituras cristãs, mas várias menções sobre os rituais e às práticas catequistas. A narrativa mística se concretiza com status sagrado, mesmo que em alguns casos se afaste da Bíblia:

Como pudemos ver, a mística tem uma dimensão crítica. Apoiadas na experiência, essas mulheres narram seu paradoxal itinerário. Ambas experimentam a liberdade que lhes é ofertada como dom a partir de um processo de ascese que vivenciam na busca de um encontro direto com Deus. (Amaral & Mariani, 2015, p.104)

Em relação aos livros lidos por Spryngolde, muitos estudiosos vêm elaborando uma vasta lista de possíveis leituras oferecidas a Margery Kempe, que teriam, por pressuposto, de alguma forma, inspirado-a a “escrever”, ou produzir, sua própria obra. Barry Windeatt (1984), um de seus tradutores, comenta em sua introdução sobre os nomes e coincidências de trajetória de outras mulheres místicas em relação à Kempe, ressaltadas a seguir.

Santa Brígida da Suécia (1303-1373, Uppland, Suécia)⁵ e María de Oignes (ca.1177-1213, Oignies, Bélgica)⁶ por exemplo, refletem algumas atitudes de Kempe, como persuadir o marido a uma vida de castidade e abstinência sexual, o dom de chorar⁷, e a vida de peregrinação. Muitos ecos de Maria de Oignes podem ser ouvidos anos depois na vida de Margery Kempe,

⁵ Tem sob sua autoria o manuscrito *Revelations of Saint Birgitta of Sweden* (ca. 1340), que foi escrito originalmente em sueco, porém compilado e traduzido para o latim em meados de 1374 por Alfonso Pecha, seu último confessor.

⁶ Foi escrita uma hagiografia sobre sua vida no ano de 1215 por seu confessor Jacques de Vitry chamada *Vita Mariae Oigniencensis*.

⁷ O chamado “dom de chorar” na idade média, eram considerados uma espécie de “presente” concedido por Deus à poucas pessoas como um sinal de Sua presença na Terra e em suas rotinas, e também era visto como um meio eficaz de receber Sua graça e “lavar os pecados” (daqueles que possuíam esse dom).

suas visões, a caridade, o fato de ser vegetariana, e a vontade de usar vestimentas brancas⁸ perante a sociedade são alguns exemplos.

Menciona também Santa Catarina de Siena (Siena, 1347- Roma, 1380)⁹, Santa Matilde de Hackborne (1240-1298, Helfta, Alemanha)¹⁰, Elisabeth de Schonau (1129-1164, Strüth, Alemanha)¹¹ e Marguerite Porete (Hainaut, Bélgica, 1250 - Paris, 1310)¹², são obras que possivelmente podem ter sido lidas para Kempe e, que também refletem em sua vida, como o casamento místico.

Angela de Foligno (1248-1309, Foligno, Itália)¹³ é outra figura que possivelmente foi apresentada a Margery Kempe, pois ela visitou pontos específicos em Assis onde Angela também fora. Essa mulher também chorava alto e orava fervorosamente durante as missas, sofria muito com as visões da paixão de Cristo e se emocionava profundamente. Dedicou sua vida à pobreza e à penitência após a morte de seus familiares, tinha muitas visões e revelações, sofreu tentações demoníacas e também ditou seu “livro” para um confessor ao final de sua vida.

Dorothea de Montau também apresenta interessantes reflexos que são reproduzidos em *The book of Margery Kempe*; ela foi mãe de nove, era iletrada, foi por muito tempo mal tratada por seu marido, mas conseguiu o voto de castidade mais tarde. Peregrinou pela Inglaterra e Roma com o marido, e tornou-se reclusa após a morte dele. Tinha muitas visões que foram registradas pelos escribas da Catedral de Mariewerder.

E por fim, Julian de Norwich, personagem bastante conhecida da literatura mística inglesa e visitada por Margery Kempe durante seus primeiros anos de peregrinação. Essa mística escreveu o livro *Revelations of Divine Love* (c.a 1373), que por sua vez, é reconhecido como o

⁸ Na época de Margery Kempe, as mulheres virgens eram consideradas pessoas sagradas e mais próximas do divino, e as únicas que trajavam vestimentas completamente brancas. Na teoria, através da renúncia da expressão sexual, a virgem poderia dedicar sua vida e amor inteiramente a Deus.

⁹ Sua principal obra foi o *The Dialogue of Divine Providence*, escrito por volta de 1377. Também foram compiladas, depois de sua morte, quatrocentas cartas enviadas e recebidas ao longo de sua vida para autoridades eclesásticas e o próprio Papa, além de um curto livreto escrito de próprio punho (depois de ter aprendido a escrever ao final de sua vida) com vinte e seis orações.

¹⁰ Em 1290 temos o *Liber specialis gratiae*, com uma série de revelações divinas recebidas por Santa Matilde ao final de sua vida. O manuscrito foi possivelmente escrito por Santa Gertrudes de Helfta.

¹¹ Autora do livro *Liber viarum Dei*, escrito possivelmente por volta de 1157 e também de obra incompleta sobre a vida e o martírio de Santa Úrsula.

¹² Autora do livro *Le Mirouer des simples âmes anienties et qui seulement demeurent en vouloir et désir d'amour* (O espelho das almas simples que são aniquiladas e permanecem apenas na vontade e no desejo de amor, **tradução minha**), escrito por volta de 1300.

¹³ Angela de Foligno deixou inúmeros escritos de natureza mística, incluindo uma ampla autobiografia em duas partes chamadas: *Memoriale* e *Instructiones*, concluído por volta de 1299 e sua famosa meditação sobre a Paixão de Cristo, *Theologia Crucis*, escrito provavelmente entre os anos de 1290 e 1300.

primeiro livro escrito em língua inglesa por uma mulher. Apesar de não haver hoje muitos registros sobre a vida de Julian de Norwich, sabemos que foi uma cidadã que viveu em Norwich, na época considerado o polo cultural e religioso da Inglaterra medieval. Sua vontade de escrever e seu livro surgiram de uma forma “tipicamente” mística, em meados de 1373, Julian de Norwich ficou doente ao ponto de quase morrer, e neste momento, entre a vida e a morte, ela recebeu uma série de revelações, mais especificamente dezesseis visões da Paixão de Cristo e da Virgem Maria, visões essas que Julian, após a recuperação, acreditou se tratar de um recado de Deus que precisava ser disseminado a todos daquela sociedade. Assim como *The book of Margery Kempe*, no livro de Julian de Norwich *Revelations*, mesmo considerando que a palavra de Deus é a base e a fundamentação da fé, seu livro contém pouquíssimas citações e menções diretas à Bíblia.

Uma parcela dessas autoras místicas é conhecida apenas por escritos de hagiografia, um tipo de literatura biográfica escrita normalmente por um confessor, que nesses casos, apresentava as mulheres como modelos ideais de vida virtuosa, beatas e santas, geralmente com o objetivo de promovê-la à uma futura canonização.

1.3 APRESENTANDO MARGERY KEMPE: ENREDO E CRONOLOGIA

The book of Margery Kempe é dividido em três partes, o proêmio (uma espécie de prefácio ou nota prefatória), o livro 1, contendo 89 capítulos e o livro 2, que contém 10 capítulos. Sua escrita deu-se por volta de 1434 e partes do texto foram disseminadas apenas em fragmentos em duas ocasiões até o ano de 1520; em ambos os casos, em antologias (que serão abordadas mais à frente neste trabalho). O manuscrito da obra ficou esquecido durante séculos e somente após a descoberta de uma cópia em 1934, quase quatrocentos anos depois, pôde ser publicado na íntegra o texto completo e em uma edição moderna.

A obra traz a história da vida de Margery Kempe, uma mãe, filha, esposa, mulher de negócios, uma pecadora penitente, mística e, acima de tudo, visionária. Kempe fazia parte do que pode ser considerada a classe média em ascensão da cidade de King's Lynn, Northfolk, Inglaterra, e viveu uma vida bastante fora do comum. Seu pai, John Brunham, foi um comerciante bastante conhecido e prefeito da cidade seguidas vezes. E ainda que faltem registros mais específicos de sua vida íntima e familiar ao longo da autobiografia, sabemos que foi casada com John Kempe, com quem teve quatorze filhos.

O livro é essencialmente uma auto/biografia espiritual, registrando momentos, viagens, acontecimentos que giram em torno do invólucro do sagrado e da redenção de sua autora mais do que suas relações interpessoais. No início de sua vida adulta, Kempe fica grávida de seu primeiro filho, e após o parto, passa a sofrer muito psicológica e emocionalmente. Em muitos desses episódios, tinha visões de demônios que a atormentavam, como vemos no inglês médio original do fac-símile do manuscrito disponibilizado pela British Library:

And in þ's tyme sche sey as hir thowt deuelys opyn her mowthys al inflaumyd w^t brennyg lowys of fyr · as þei schuld a swalwyd hyr in Sum tyme rampyng at hyr sū tyme thretyng her su tym pullyng hyr & halȳg hir boþ^e nygth & day duryng þe forseyd tyme (Kempe, c.a 1434, p. 4).¹⁴

Tais tormentos continuaram até o dia em que teve uma visão de Jesus Cristo e despertou “curada”. Depois desse episódio, Kempe continuou recebendo revelações divinas e então decidiu dedicar-se completamente a vida devocional e espiritual, com a intenção de espalhar a Palavra de Deus revelada a ela. Ao longo de seu livro, Kempe lamenta dezenas de vezes por não ser virgem e não ter conseguido se dedicar exclusivamente à oração mais cedo em sua vida, principalmente antes de se casar. No capítulo 22 temos: “A lord Maydenys dawnsyn now myly in heuyn xal not I don so · for be cawse I am no mayden · lak of maydenhed is to me now gret sorwe” (p. 57)¹⁵. No entanto, Margery Kempe era uma mulher casada, com quatorze filhos, independente e financeiramente estável, mas que também reivindicava o espaço que achava ser por ela merecido e justo, ao lado das virgens e aos pés de Deus no paraíso. Reivindicava-os justamente por ter o retorno positivo de sua comunicação com Deus, que repetidas vezes (ainda no capítulo 22) lhe garantia um lugar especial no paraíso junto às virgens e aos outros santos.

The book of Margery Kempe, além de ser um documento sobre a vida medieval inglesa, que segundo Anthony Bale, em entrevista à Oxford University Press, extrapola as dualidades da “nobreza/alto clero” e “campesinato/marginais”, é também um diário de viagem detalhado.

Depois de anos de matrimônio e de criar quatorze filhos, Kempe consegue convencer seu marido a fazer um voto de castidade e viverem como celibatários. Dessa forma, o marido poderia liberar a autora de seus “débitos matrimoniais” para que ela pudesse se tornar peregrina,

¹⁴ E nessa época, ela viu o que achava serem demônios, abrindo suas bocas cheias de chamas com ondas flamejantes de fogo, como se a fossem engolir, às vezes esbravejando contra ela, às vezes ameaçando-a, puxando e arrastando-a, dia e noite durante o tempo mencionado. Esta tradução do inglês médio para o português é um projeto ainda em andamento, incluo-a aqui com o objetivo exclusivo de auxiliar a leitura desta dissertação.

¹⁵ Ah, Senhor, virgens estão agora dançando alegremente no paraíso. Devo não fazer isso? Porque não sou virgem, minha falta de virgindade é para mim agora uma grande tristeza.

viajando para os locais sagrados do Cristianismo como Jerusalém, Assis, Roma, Santiago de Compostela e, mais tarde, para os países bálticos e a região hoje conhecida como Alemanha.

Por enfrentar a normatividade do papel de mulher, a misoginia e também outros elementos de que era composta a “razoabilidade” na Idade Média, sua forma de se expressar e seu comportamento foram muitas vezes considerados hereges. Em longa vida de peregrinação, ela também incomodava as autoridades eclesiásticas ao exigir permissão para usar roupas penitenciais, para observar seu voto de castidade e reivindicar sua forma de pregar: derramando lágrimas, com violentos ataques de choro, gritos e espasmos corporais. Tais demonstrações levaram a diversas acusações de lollardismo, sendo que as autoridades por muito tempo acreditaram que Kempe seria filha de John Oldcastle, um grande líder desse movimento então considerado herege.

De acordo com Anne Hudson (1988) e Margaret Aston (1996), os lollardos eram cidadãos comuns de classe média baixa/alta com perfil não-acadêmico, mas que concordavam e percebiam as irregularidades das práticas da Igreja apontadas por John Wycliffe, o fundador do movimento e o primeiro a traduzir a Bíblia integralmente da *Vulgata* latina para o inglês médio, em 1382. Uma característica do movimento era que a autoridade da Bíblia não era a única a ser respeitada; dessa forma, abriam-se brechas para a criação de novos rituais, leituras, formas de disseminação de informação, redefinindo sentidos e interpretações, partindo da Bíblia em Inglês de Wycliffe ao invés da *Vulgata*. O movimento criticava a utilização de imagens de santos como ornamento em Igrejas, era contra peregrinação e o culto aos santos e, acima de tudo, renegavam a ideia da transubstanciação e pregavam que as propriedades da Igreja deveriam ser taxadas. Dessa forma, a Igreja passou a declará-los hereges.

Lori Anne Ferrell (2008) no segundo capítulo de seu livro *Bible and the People*, comenta que, embora importante, o lollardismo não pode ser considerado uma forma de gatilho para o que foi reconhecido como Reforma Protestante. Afinal, era um movimento local e muitas vezes individual, não tinham de fato uma instituição organizada para abolir as premissas doutrinárias da Igreja e nem formas de impor opiniões eclesiásticas ou populares entre o povo inglês. Apesar de descentralizado, pessoas identificadas como lollardistas foram, durante longos anos, perseguidos, presos e assassinados pela Igreja. Margery Kempe sofreu com acusações de lollardismo, especialmente ao que se referia ao fato de repudiar o uso de “palavrões” (talvez na época com o sentido de blasfêmia/sacrilégio) e pela forma que pregava.

Apresentada em seu livro como “esta criatura”, em terceira pessoa, Margery Kempre também não menciona o nome dos escreventes, tanto o do livro 1 quanto do livro 2 e proêmio.

Também não encontramos os nomes de seus filhos e filhas e mesmo o marido é mencionado de forma bastante funcional, como “um respeitável burguês”, enquanto seu pai um “antigo prefeito da cidade de N” (ambos no proêmio). Não temos datas exatas de suas viagens no livro e para traçar muitos dos acontecimentos históricos e pessoais foi necessário um estudo cronológico com trabalho de arquivologia.

Apesar de ser uma auto/biografia espiritual, cujo foco é a conversão e prática de Margery Kempe, o livro descreve uma parte de sua vida antes do episódio que a levou a se dedicar à religião, enquanto tentava administrar uma cervejaria e também um moinho de grãos, negócios domésticos bastante comuns para mulheres medievais de sua classe na Inglaterra. Depois de seu “despertar espiritual”, causado, ao que parece, por um período difícil de pós-parto e uma visão mística, Kempe decide seguir um chamado religioso e dedicar sua vida a Cristo. O principal problema é que dedicar a vida a Cristo, sendo uma mulher casada, com filhos pequenos, sem a idade e o status de virgem para ser uma noviça usual, era algo incomum e requeria uma trajetória idiossincrática.

Um apanhado de materiais prefatórios e demais peritextos da tradução do *The book of Margery Kempe* feitas por Barry Windeatt, John Skinner e Anthony Bale (presentes neste estudo) permitiu desenhar um panorama cronológico para a vida de Margery Kempe.

No ano de 1401, quando Kempe tinha aproximadamente 28 anos de idade, foi instaurada pelo Parlamento do rei Henrique IV da Inglaterra a lei conhecida como *De heretico comburendo*, que punia os hereges com a morte na fogueira. Já em 1408, começa a vigorar também a polêmica Constituição de Arundel, assim nomeada pelo papel de um arcebispo muito importante durante o reinado de Henrique IV e que estabeleceu leis anti-lollardos. Chambers (1936) considera que “As coisas seriam mais fáceis para Margery se ela fosse reclusa.”¹⁶ (p. 21) No entanto, um ano depois de sua visão, Kempe deixa de comer carne e procura evitar relações sexuais com seu marido, tentando convencê-lo a fazerem um voto de castidade perante a Igreja para imediatamente iniciar sua vida de peregrinações, visitando locais santos e tornando-se figura conhecida entre frequentadores das igrejas devido ao seu dom do choro. Além disso:

ela também punha em questão que roupas era permitida vestir, num tempo em que vestimentas eram uniformes determinados pelo status social e ocupação. Ao eleger usar roupas brancas, ela abandona o uniforme que a definia como esposa de John

¹⁶ Things might have been easier for Margery, if she had been a recluse.

Kempe e mãe de seus filhos, redefinindo-se como mulher sagrada (DICKENS, 2009, p. 167)¹⁷

Margery Kempe foi inúmeras vezes acusada de ser hipócrita, herege e lollardista, correndo risco de morte em suas viagens. Lynn Staley (2001) reforça que “O comportamento de Margery [...] seu conhecimento das escrituras, seu desgosto por palavrões e sua presunção de autoridade espiritual”¹⁸ (p. 13) eram fatores que agravavam a impressão de muitos de que ela era uma mulher mentirosa que buscava somente chamar atenção.

No ano de 1413, Margery Kempe faz sua primeira viagem para fora da Inglaterra, especificamente para a Terra Santa, Jerusalém. Porém, é interessante perceber que ela “descreve quase nada do que fascinava os viajantes daquela época”¹⁹ (Windeatt, 1995, p.12) e que costumava registrar quase exclusivamente “o que ela achava **espiritualmente** significante”²⁰ (p. 13, ênfase minha). Esse foco na experiência espiritual deixa claro que não era seu objetivo escrever um diário de viagem convencional, ainda que como peregrina. No ano seguinte, seguiu para Assis, Roma e Santiago de Compostela, retornando somente em 1418 à cidade de Lynn.

Margery Kempe fazia questão de visitar as principais autoridades eclesiásticas de todos os lugares para onde viajava, com o intuito de divulgar seu modo de vida, suas “peculiaridades” em sua forma de rezar, tentando não somente validar seu estilo de vida e buscar a aprovação dessas pessoas, mas também como uma estratégia para obter “permissão” para prosseguir agindo dessa forma. No livro, ela revela ter conseguido cartas e documentos de arcebispos garantindo por escrito que ela tinha a liberdade de agir daquela forma em qualquer local, e que não se tratava do que ela chama no livro de “hipocrisia”, num sentido que parece diferir um pouco de nosso entendimento do senso comum contemporâneo.

Quando menciono o termo hipocrisia, acredito que retomo, em partes, o que temos no início do terceiro capítulo, quando Kempe tem uma visão e imediatamente começa a pregar para as pessoas que “há muita felicidade no paraíso”, então alguns cidadãos, com raiva, lhe perguntaram: “why speke 3e so of þe myrth þat is in heuyn 3e know it not & 3e haue not be þer no mor þ ÷ we (Kempe, c.a 1434, p.6)²¹, deixando claro que não haveria motivo para ela saber

¹⁷ She also challenges the clothes that she is allowed to wear, back in the days when one’s clothes were a uniform determined by one’s social status and work. Choosing to wear white clothes moves her out of the uniform that defines her as John Kempe’s wife and as her children’s mother, redefining her as a holy woman.

¹⁸ Margery’s behavior [...] her knowledge of scriptures, her dislike of swearing, and her assumption of spiritual authority

¹⁹ describes almost nothing of what struck contemporary travellers.

²⁰ what she sees as the spiritually significant

²¹ Porque falas tanto sobre a felicidade no paraíso? Você não sabe de nada. Você não esteve lá mais do que nós estivemos.

mais ou menos sobre esses temas do que qualquer outra pessoa. Portanto, ter essa validação para agir, rezar, peregrinar e viver como vivia, era importante para evitar esse tipo de acusação.

Por muitos anos, após seu retorno, ela cuidou de seu marido doente, que veio a falecer em uma data não mencionada no livro, possivelmente por volta de 1430. Anthony Bale, professor e medievalista inglês comenta em uma entrevista à Oxford University Press, que é em 1431, o mesmo ano que Joana D’Arc foi queimada na fogueira, que John Kempe, filho mais velho de Margery Kempe retorna à Lynn para concluir negociações iniciadas na Polônia e possivelmente dá início à escrita do *The book of Margery Kempe*. Em 1432-33, esse primeiro escrivão (provavelmente o próprio John Kempe) morre e somente em 1434 é dada continuidade ao projeto, quando Margery Kempe procura a ajuda de outro escrivão para ler, corrigir, editar e terminar de redigir o livro 1, o livro 2 e o próêmio. Entre os anos de 1434 e 1437 o livro seria concluído.

Em uma visão geral, o livro mostra o desenvolvimento espiritual de uma mulher que vive múltiplas restrições, tanto sociais quanto religiosas e ideológicas, dentro de uma sociedade complexa, cujo principais conflitos atingem direta e indiretamente sua trajetória.

1.4 ASPECTOS NARRATIVOS: PONTO DE VISTA E VOZ

Sabemos que *The book of Margery Kempe* foi escrito em terceira pessoa no inglês médio, mas veremos no cotejo que nem as traduções mantêm essa característica, adaptando o foco narrativo para primeira pessoa. De acordo com Staley, a “escolha” pela terceira pessoa era também uma forma de proteção:

Por volta de 1430, era mais perigoso produzir prosa vernacular devocional. O que Julian de Norwich pôde fazer (embora cuidadosamente) no final do século XIV, Kempe não podia mais fazer no século XV sem correr o perigo de suspeita de heresia, e até mesmo traição. Ao se distanciar do assunto, Kempe se resguardava de tais cobranças, bem como de acusações de que ela, uma mulher, ousara colocar-se como figura de autoridade espiritual. (2001, p. 11)²²

O livro é uma construção de memória, que foi ditada para pelo menos dois escrivães, ao qual não somente o tempo cronológico, mas também associações temáticas, a multiplicidade de

²² by the 1430’s, it was more dangerous to produce vernacular devotional prose. What Julian of Norwich could do (albeit carefully) in the late fourteenth century Kempe could not have done in the fifteenth without the danger of being suspected of heresy, possibly of treason. By distancing herself from her subject, Kempe thus screened herself from such charges, as well as from charges that she, a woman, had dared to set herself up as a figure of spitual authority.

focos e a digressão, são fatores que ordenam a sequência narrativa, intensificando-a e, muitas vezes, interrompendo o próprio progresso e gerando uma espécie de curvas anacrônicas ao longo dos acontecimentos.

De acordo com Carolyn Dinshaw, em seu livro *How Soon Is Now?: Medieval Texts, Amateur Readers, and the Queerness of Time*, a narrativa é:

focada no agora e distanciada nem pelas estruturas institucionais, nem pelo tempo cronológico que procuram controlar. Seu tempo, seu presente, seu agora [...] isso é ser assincrônico, ela é uma criatura não apenas em outro tempo, mas com outro tempo contido em si mesma, por assim dizer (2012, p.107).²³

Em suma, o passado, presente e futuro ficam encapsulados em um iminente agora, um “agora assincrônico”. Como postularia Dinshaw (2012), quando defende a tese que a obra é sim uma auto/biografia, *The book of Margery Kempe*, apesar de uma auto/biografia espiritual, não mostra uma progressão de “mundano” para “divino” como o modelo das *Confissões* de Santo Agostinho, mas somente a constante “intensificação do ser”, que não se prende a dualismos entre o secular e espiritual, muito menos ao pragmático e subjetivo. Lynn Staley (2001), no entanto, diria que apesar dessa assincronicidade, *The book of Margery Kempe* apresenta uma trajetória gradual em direção a um lugar bastante parecido com a liberdade²⁴ (p. 15) para Kempe.

²³ focused in the *now* and distanced neither by institutional structures nor by the chronological time they seek to control. Her time, her present, her now[...] That’s what it feels like to be asynchronous; she is a creature not merely in another time but rather with another time *in* her, as it were.

²⁴ the Book records her gradual trajectory toward a place that looks very like freedom

2 O QUE SE TRADUZ EM *THE BOOK OF MARGERY KEMPE*: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS, DE GÊNEROS E LINGUAGEM

A trajetória de Margery Kempe em sua obra é longa e inusitada (como veremos através dos paratextos) e é possível que, não fosse por uma coincidência, o manuscrito poderia ainda estar repousando em alguma prateleira antiga entre outros volumes. Apesar de não ser mais o caso, é perceptível que se não fosse pelo interesse dos estudos feministas, talvez ainda não tivéssemos essa obra difundida como temos hoje. Sobre essa possibilidade em específico, Liz Herbert McAvoy (2003) na introdução de sua edição do *The book of Margery Kempe* (presente neste estudo) revela que:

com o desenvolvimento rápido e inexorável, a partir do início dos anos 1970, de uma abordagem feminista da literatura nos círculos acadêmicos – e nos estudos medievais em particular – houve um aumento de interesse muito bem-vindo por esse texto singularmente rico e provocativo; e é um interesse e entusiasmo que tem ganhado força desde então. [...] [O texto] é agora considerado um dos relatos mais eletrizantes e competentes de como uma mulher foi capaz de contornar a proscrição sócio-religiosa da época e forjar para si mesma, a despeito de obstáculos aparentemente intransponíveis, uma vida que incorporava certa medida de autonomia e realização pessoal. Como resultado, *The book of Margery Kempe* tem encontrado seu caminho para a grande maioria dos cursos de literatura medieval dentro da Academia (2003, p.8-9).²⁵

McAvoy reforça aqui a importância dos estudos feministas tanto na recuperação do texto quanto em sua posterior difusão, responsável por alçá-lo a um status canônico para estudiosos do medievo inglês – e, possivelmente, europeu, dado o contexto transnacional das peregrinações de sua autora. Há uma importantante consonância entre os objetivos mais amplos dos estudos feministas, assim como dos estudos feministas da tradução, de buscar dar voz, ou melhor, “recuperar” as vozes de mulheres como Kempe e seu próprio objetivo como escritora para ser ouvida em seu próprio tempo.

²⁵ upon the rapid and inexorable development from the early 1970s onwards of a feminist approach to literature within academic circles - and within medieval studies in particular - there came about a welcome upsurge of interest in this singularly rich and provocative text; and it is an interest and enthusiasm which had been gaining momentum ever since. [...] [the text] is now regarded as one of the most electrifying and authoritative accounts of how a woman was able to circumvent contemporary socio-religious proscription and forge for herself, in spite of seemingly insurmountable obstacles, a life which incorporates a measure of both autonomy and personal fulfilment. As a result, *The book of Margery Kempe* has now found its way onto a large majority of medieval literature courses within the Academy..

2.1 FORJANDO UMA VOZ PARA SI: KEMPE, FEMINISMOS E CONTEXTOS

Começo esse trabalho com a sessão que servirá como ponto base de sustentação para todos os demais temas que serão abordados e o cotejo: os estudos feministas da tradução. Essa área de estudo, que parece ter surgido das tensões da interdisciplinaridade entre Estudos Feministas e Estudos da Tradução, contribuem muito para minha discussão em termos de perceber o peso e a carga sociopolítica que uma tradução pode carregar consigo, especialmente ao que tange a escolha do *The book of Margery Kempe*.

A professora e especialista em Estudos da Tradução, Luise Von Flotow (1997), comenta que o movimento feminista vem apontando que o cânone literário/acadêmico/crítico (patriarcal) é o que vem definindo o que tem ou não valor, em termos que privilegiam obras produzidas por homens, fazendo assim com que muitos escritos de mulheres autoras, estudiosas, poetisas e etc., permaneçam “perdidos” no passado. Ela comenta também que isso

É mais particularmente verdade com mulheres escritoras da antiguidade, cujas obras precisam ser desenterradas por historiadoras e historiadores literários e lidas novamente por críticas e críticos literários. A tradução começou a desempenhar um papel importante na disponibilização de conhecimento, experiências e trabalho criativo de muitas dessas escritoras do passado. Numerosas publicações de tais trabalhos apareceram em tradução nos últimos anos, frequentemente acompanhados por ensaios acadêmicos contextualizando os textos originais e discutindo algumas das questões levantadas por essas traduções. (1997, p. 30)²⁶

É o caso do *The book of Margery Kempe* de Liz Herbert McAvoy, e especialmente o de Lynn Staley, que possui ensaios críticos, textos de contextualização, mapas, glossário, artigos, resenhas e outros elementos que extrapolam um prefácio e um posfácio, encontrado nas demais obras traduzidas que estarão presentes no cotejo.

Von Flotow ainda comenta que “tornar acessível e credível o trabalho das mulheres há muito tempo ignorado no meio acadêmico patriarcal [...] cria vínculos entre escrita, política de tradução e questões de cultura e gênero”²⁷ (p. 32). Apesar de muitas vezes suprimidos em curtos excertos, muito desse trabalho de “resgate” das obras de autoria de mulheres vem sendo feito

²⁶ It is more particularly true of women writers from earlier periods, whose works need to be unearthed by literary historians and read again by literary critics. Translation has begun to play an important role in making available the knowledge, experiences and creative work of many of these earlier women writers. Numerous publications of such work have appeared in translation in recent years, often accompanied by academic essays contextualizing the source texts and discussing some of the issues these translations raise.

²⁷ They thus seek to make accessible and credible the work of women long ignored in patriarchal scholarship, and in so doing create links between writing, translation politics, and issues of culture and gender.

através de antologias, justamente onde esse texto da Margery Kempe me foi originalmente apresentado pela orientadora. Primeiro através dos capítulos 3 e 4, referentes às sessões [*On female celibacy*] e [*Her temptation to adultery*] e mais tarde nos capítulos 11, 18, 28, 52 e 76, também seleções do *The Norton Anthology of Literature by Women* de 1985, escrito e organizado por Sandra Gilbert e Susan Gubar. Somente depois tive acesso à obra completa por meio do fac-símile do manuscrito, disponibilizado pela British Library e das edições aqui elencadas.

A escolha deste tema como ponto de partida em particular justifica-se pelo fato de se tratar de um recorte polêmico que transita entre essas áreas (Estudos da Tradução e Estudos Feministas), e aborda temas que eram condenados pela Igreja, como heresia, a liberdade sexual e autonomia feminina. No ensaio presente na antologia, são apresentadas questões não só do corpo feminino e a autonomia, mas também o misticismo medieval, a sexualidade, espiritualidade, questões de gênero, mitos, lendas sociais, religião e a influência do poder da Igreja Católica sobre o imaginário popular na época.

Segundo Olga Castro (2017) em seu artigo “(Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?”:

Em última instância, o fato de que se traduzam textos de autoria feminina entre diferentes línguas e culturas colocará em contato experiências de mulheres muito distintas, contribuindo para dissolver a presunção patriarcal de que o homem é heterogêneo e a mulher homogênea, e a constatar que o gênero não é um princípio unificador para todas as mulheres, mas que apenas configura a identidade junto a outras variáveis (2017 p. 231)

Muitos escritos de mulheres no passado eram publicados com a assinatura de pseudônimos masculinos, ou em grande parte não eram publicados, como em caso de diários, agendas, cartas e, muitas vezes, auto/biografias. Este trabalho é trespassado constantemente pelo interesse de tentar resgatar este texto fundador para os gêneros autobiográficos em inglês, analisar as questões tradutórias de uma obra crucial para a literatura mundial, e principalmente, dar notoriedade e contribuir para a disseminação dessa autora no Brasil.

Para prosseguir essa discussão é importante declarar que a tradução feminista não é reprodução, e sim produção; de acordo com Barbara Goddard em seu artigo “Theorizing Feminist Discourse/Translation (1990), as questões de linguagem e gênero sempre foram um dos focos centrais na teoria feminista e especialmente na tradução de escritoras. Como um ato emancipatório, o discurso feminista é acima de tudo um discurso político, que tende a apontar para a construção de novos significados e que se concentra nos sujeitos que se criam na língua e também **pela** língua, como forma de:

expor modos ideológicos de percepção por meio de uma expansão de mensagens nas quais a experiência individual e coletiva se origina de uma posição crítica contra os contextos sociais do patriarcado e sua linguagem. Nisso, os textos feministas geram uma teoria do texto como transformação crítica. (1990, p.88)²⁸

Os temas aqui estão interligados, desde questões de recuperação de trabalhos “perdidos”, sendo esses trabalhos muitas vezes autobiografias, até a questão dos paratextos, com objetivo de não gerar um produto final isolado, mas sim concebê-lo junto a outras variáveis (idade, raça, classe, gênero, etc.); evitar generalizações e analisar todos os recursos paratextuais que possam nos dar pistas dos motivos por trás das escolhas tradutórias — e se essas pistas são satisfatórias ou não — são fundamentais “para dismantelar a carga patriarcal da linguagem e da sociedade” (Castro 2017, p 222).

Goddard (1990) complementa dizendo que o discurso feminista trabalha sobre a linguagem, diretamente sobre o discurso dominante patriarcal, em uma forma de verdadeiro interrogatório de significados, com o intuito de fazer retornar o masculino para sua própria linguagem, o que significa que o mundo masculino passa a não ser mais o “tudo” (p. 90).

Além disso, retomando que a tradução feminista é uma produção, Sherry Simon em seu livro *Gender in translation: cultural identity and the politics of transmission* (1996) comenta que os estudos da tradução foram impulsionados por muitas preocupações centrais do feminismo, como “a desconfiança de hierarquias tradicionais e papéis de gênero, uma suspeita profunda das regras que definem ‘fidelidade’ e o questionamento dos padrões universais de significado e valores” (p. 8)²⁹.

Quando digo que os estudos feministas da tradução é o principal pilar que apoia este estudo, digo isso como um eco de Simon (1996) ao dizer que, em vez de fazer perguntas ordinárias tradicionalistas como “como deveríamos traduzir?” ou “qual é a tradução correta?”³⁰ (p.7) enfatiza questões como “o que a tradução faz? Como essa tradução circula? Como elas respondem perguntas no mundo?”³¹ (p. 7) E também “como as diferenças sociais, sexuais e históricas expressos na linguagem são traduzidas?”³² (p. 8) Essas são perguntas que podem ser

²⁸ seeks to expose ideological modes of perception through an expansion of messages in which individual and collective experience originate from a critical stance against the social contexts of patriarchy and its language. In this, feminist texts generate a theory of the text as critical transformation.

²⁹ the distrust of traditional hierarchies and gendered roles, deep suspicion of rules defining fidelity, and the questioning of universal standards of meaning and value.

³⁰ how should we translate, what is a correct translation?

³¹ what do translations do, how do they circulate in the world and elicit response?

³² how are social, sexual and historical differences expressed in language and how can these differences be transferred across languages?

levadas conosco ao longo deste trabalho para chegar em respostas para nossas próprias perguntas de pesquisa.

Os estudos feministas da tradução, além de ligados aos gêneros autobiográficos e desligados do termo “fidelidade” na tradução, também flertam com *The book of Margery Kempe*, (que apesar de ser hoje uma obra canônica da literatura medieval) por defenderem um “resgate” histórico de uma obra da autoria de uma mulher. Outro ponto focal é perceber como a questão da tradução intralingual também tem ligações com os estudos feministas da tradução, tanto pelo fato do “resgate” das obras e as descobertas de autoras que se utilizavam de pseudônimos, quanto ao revisionismo linguístico e todo o apoio ao que se refere a trajetória histórica e paratextual da obra original, a cópia que sobreviveu ao tempo e de suas traduções.

Julgo importante esclarecer antes de seguir, que a questão do uso da palavra “resgate” (grafado entre aspas ao longo deste trabalho), pode ser interpretado como uma forma de mediação patriarcal, pois pode passar a ideia equivocada de que essas obras escritas por mulheres ou precisaram ser resgatadas, ou que foram resgatadas apenas por serem obras escritas por mulheres, e não por sua importância, qualidade ou valor. Muitas dessas obras foram lidas, distribuídas e construíram o cânone literário em suas próprias épocas, essas autoras sempre estiveram presentes na história, e suas obras, quando são recuperadas, ou redescobertas dão a prova real desses indícios.

Além disso, há também, inevitavelmente, uma comparação e uma análise entre as traduções feitas pelas mulheres, e por homens. Penso que, em certa medida, é crucial manter em mente, como uma espécie de bússola, um exemplo clássico trazido primeiro por Goddard em seu artigo *Translating and Sexual Difference* de 1984 e mais tarde comentada por von Flotow (1991), no artigo *Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories*, para nossa análise: o trabalho de Linda Gaboriou, quando ela traduz as linhas de “L’écricain” em “in La Nef des sorcières” de Nicole Brossard: “Ce soir, j’entre dans l’histoire sans relever ma jupe”, como “this evening I’m entering history without opening my legs.” (Esta tarde eu estou entrando para a história sem abrir minhas pernas), enquanto David Ellis, traduz a mesma frase “mais literalmente”: “this evening I’m entering history without pulling up my skirt.” (Esta tarde eu estou entrando para a história sem levantar minha saia)”. A versão de Gaboriau tem um efeito que choca mais, mas que torna explícito o principal “motivo” ou “topos” do feminismo, ou seja, a reintegração de posse da palavra, a nomeação e a escrita da vida do corpo, a exploração de sua imagem, experiências vividas por mulheres.

Sobre esse exemplo específico, Von Flotow comenta:

Minha exploração dessas práticas de tradução não se preocupa com qual das duas traduções acima é melhor, ou mais apropriada, ou mais fiel. Ao invés disso, eu estou interessada no contexto, as práticas e as teorias por trás do que faz a tradução feminista “sem abrir minhas pernas” aceitável, até mesmo preferível [...] Godard, por exemplo, elogiou este “choque”, e o fato de tornar o explícito o que antes era implícito (VON FLOTOW, 1991, p.70).³³

Segundo Godard (1984), o homem tradutor frequentemente falha em compreender toda a extensão da experiência de vida da mulher durante uma tradução, como no exemplo da tradução de Brossard feita por David Ellis “les mots affluent autour de clitoris” que foi traduzida: “the words flow by the clitoris” (as palavras fluem pelo clitóris), enquanto Gaboriau escolhe traduzir como “the words gather around the clitoris” (as palavras se reúnem ao redor do clitóris), fazendo muito mais sentido, até mesmo literal, logo que nada “flui” do órgão. Com essas observações em mente, seguimos para o gênero auto/biográfico.

2.2 CONSTRUINDO UMA INTERFACE ENTRE AS NARRATIVAS AUTO/BIOGRÁFICAS E *THE BOOK OF MARGERY KEMPE*

Autobiographies . . . may reveal as much about the author’s assumed audience as they do about him or her, and this is a further reason why they need to be read as *cultural documents*, not just as personal ones - Robert F. Sayre³⁴

Para debater o papel da autobiografia nesta dissertação e sua ligação com o feminismo, incluo o trabalho de Laura Marcus *Auto/biographical discourses: Criticism, theory, practice* (1994), o qual, em sua introdução, explica que o interesse acadêmico pelo gênero autobiografia vem aumentando dentro dos estudos culturais nas últimas décadas e é cada vez mais avivado pelos Estudos Feministas e historiografia. Ela exemplifica falando sobre o criticismo feminista dos anos 80, que lutava para desconstruir o cânone literário, dando atenção a obras de mulheres que foram marginalizadas e excluídas:

³³ “My exploration of this translation practice is not concerned with which of the two translations given above is better, or more appropriate, or more faithful. Instead, I am interested in the context, the practices and the underlying theories that make the feminist translation “without opening my legs” acceptable, even desirable [...] Godard, for example, praised its “shock effect,” and the fact that it makes explicit what is implicit.”

³⁴ Autobiografias... podem revelar tanto sobre o público presumido de um autor quanto sobre ele ou ela, e esta é mais uma das razões pela qual elas precisam ser lidas como documentos culturais, não apenas como pessoais.

Não só as autobiografias de mulheres se encontravam fora da tradição dos “Grandes Homens” que operava na época, mas como também definições genéricas serviam como forma de excluir da autobiografia (escrita de vida) trabalhos como diários e cartas, frequentemente adotados por mulheres, além daqueles que se encontravam fora da cultura literária “convencional”. A extensa literatura feminista sobre a autobiografia das mulheres na última década introduziu muitas escritoras antes excluídas de discussões, enquanto revelou o caráter androcêntrico de como costumava ser a tradição autobiográfica e a crítica do gênero autobiografia (MARCUS, 1994, p. 1).³⁵

Ela traz em seu livro uma discussão/apanhado histórico que nos serve como papel de fundo para compreender melhor a autobiografia como gênero literário, começando com o que é considerada a primeira autobiografia “verdadeira”: *Confissões* (397 d.C.) de Santo Agostinho, que viria a dominar o que se entendeu por séculos como autobiografia. Isso porque *Confissões*, apesar de ser um texto altamente introspectivo, centralmente preocupado com as problemáticas do tempo, passou a impressão de que a autobiografia seria, em sua essência, um aspecto da civilização ocidental cristã e poderia somente tomar forma e se desenvolver dentro desse contexto, o que não é verdadeiro.

Sobre as questões que englobam a autobiografia e como base organizacional para este trabalho, trago também o guia *Reading autobiography: A guide for interpreting life narratives* (2010) de Sidonie Smith e Julia Watson. Nessa obra, as autoras analisam, separam e categorizam os diferentes tipos de narrativa de vida, e uma leitura extensa foi construtiva para entender as questões que giram em torno dos motivos pelos quais alguns estudiosos não consideraram *The book of Margery Kempe* uma autobiografia.

Smith e Watson iniciam sua obra deixando de forma muito clara as diferenças entre a escrita da vida ou “Life Writing” (uma escrita de algo cujo foco central seria alguma vida de maneira geral), e a narrativa de vida ou “Life Narrative” (que seria o que engloba uma diversidade gigantesca de “mediações” para que ela ocorra, por exemplo a autobiografia).

A autobiografia é uma das diversas formas de escrever sobre a vida de quem está escrevendo. A questão, é que o termo foi canonizado na academia, e se tornou algo tão grande, que acabou suprimindo as demais válidas formas e categorias de escrever sobre a vida. Smith & Watson reforçam:

³⁵ Not only were women autobiographers self-evidently outside the “Great Men” tradition with which many autobiographical critics operated; generic definitions served to exclude forms of ‘life-writing’ such as diaries, letters and journals, often adopted by women and those outside mainstream literary culture. The extensive feminist literature on women’s autobiography over the last decade or so introduces many writers previously excluded from discussion, while revealing how ‘androcentric’ the autobiographical tradition and autobiographical criticism have been.

Um número crescente de teóricos pós-modernos e pós-colonialistas sustentam que o termo autobiografia é inadequado para descrever o extenso alcance histórico e os diversos gêneros e práticas da narrativa e narradores da vida no Ocidente e em outros lugares ao redor do globo. (2010, p.4)³⁶

Por que motivo há essa discussão, já que o livro cobre um período da vida de Margery Kempe que se estende desde o casamento, aos vinte anos de idade, até logo após sua última jornada, quando ela tinha mais de sessenta anos? O gênero autobiografia como entendemos hoje não existia na Idade Média, mas existiam exemplares que podiam conter uma “narrativa autobiográfica”, como era o caso das hagiografias. Dickens (2009) comenta que, para alguns especialistas, a autobiografia significa “desenfatizar” o espiritual para focar no individual, e como Margery Kempe constantemente se referia a si mesma como “essa criatura” ao longo do texto, ela estaria efetivamente “desenfatizando” a natureza individual de seu novo gênero de escrita, não fazendo parte então do que seria o entendimento mais canônico da autobiografia (p. 116). Sobre esse assunto, Lynn Staley (2001) na introdução de sua tradução do *The Book of Margery Kempe* expõe:

Margery Kempe [...] é barulhenta, desconfortável, e uma protagonista comprovadamente devota, e suas críticas sociais e eclesiásticas fazem com que seu livro pareça pertencer a muitos gêneros, sem se encaixar precisamente nos contornos de nenhum outro. (2001, p. 7)³⁷

A narrativa autobiográfica tem o potencial de oferecer possíveis verdades filtradas pelo subjetivo e não necessariamente fatos. Vemos a história, cultura, religião e política através de um dos pontos de vistas possíveis, o que Marcus (1994) chamaria de referencialidade (o tipo e o grau de “verdade” que pode ser esperado de uma escrita autobiográfica). Ela comenta que, enquanto para alguns estudiosos a “verdade” factual deveria ser sempre literalmente verificável, para outros a verdade tem a ver com a intenção de dizer a verdade, isso por si só já sendo garantia suficiente de veracidade autobiográfica e sinceridade.

O hibridismo dos gêneros auto/biográficos faz-se um recurso valioso de estratégias argumentativas em tópicos como: sujeito e objeto, performance e identidade, o privado e público, fato e ficção. E ainda de acordo com Marcus (1994) “também desempenha um papel central em

³⁶ a growing number of postmodern and postcolonial theorists contend that the term *autobiography* is inadequate to describe the extensive historical range and the diverse genres and practices of life narratives and life narrators in the West and elsewhere around the globe

³⁷ Margery Kempe [...] is noisy, uncomfortable, and demonstrably pious protagonist, and its social and ecclesiastical critiques, makes *The Book* seem to belong to many genres without fitting precisely into the outlines of any.

discussões de crises vistas na [...] cultura, marcadas por tais noções como alienação, retificação, o declínio da comunidade e a ascensão de sociedades de massa.”³⁸ (p. 7)

Um bom exercício possível é explorar alguns conceitos autobiográficos que jogam luz sobre essa questão no caso do *The book of Margery Kempe*: dentre a extensa lista de gêneros e subgêneros que afluem do estudo de Smith & Watson, chamo atenção para alguns que fazem sentido para a obra de Margery Kempe.

Temos a “narrativa de vida colaborativa” (p. 191), quando uma pessoa dita sua história a um entrevistador escrevente para que assim seja criado o trabalho, entrando em acordo em relação a co-autoria, forma de registrar e edição, o que em vias lembra um pouco o processo de escrita do *The book of Margery Kempe*, logo que seu segundo escrevente, enfatiza ao longo do próêmio que o que está sendo escrito está sob controle de Kempe, se afastando da noção de co-autoria: And þ for sche dede no þing wryten but þ^t sche knew rygth wel for vy trewth³⁹ (p.5).

Temos também os gêneros “confissão” e “apologia”, que saltaram em minha memória quando li *The book of Margery Kempe* pela primeira vez, pois acreditei inicialmente representar bem os gêneros devido a forma que a obra e a narrativa eram construídas, por essa razão, aqui os diferencio e exploro em busca de respostas.

Esses dois gêneros possuem ligações históricas notáveis, no caso, a apologia se manifestando como uma reação à confissão. Nadel (1982) afirma que a confissão como gênero nasce junto da já citadas *Confissões* (397 d.C.) de Santo Agostinho, pois ele “cria um ‘eu’ particular interno, focado, que oferece uma verdade mais profunda, visando a edificação e não a arte”⁴⁰ (p. 190) escrevendo sobre seus pecados, interpretações teológicas, suas falhas e admitindo seus erros, enquanto mantém um diálogo entre ele mesmo e Deus.

À medida que a confissão e a apologia evoluíram, os autobiógrafos alteraram suas características. A confissão se tornou mais imediata, pessoal e descontínua em sua estrutura, ao mesmo tempo que se tornou mais inspiradora, auto-imaginativa e subjetiva em seu conteúdo. A natureza privada da confissão criou sinceridade e autenticidade através do diálogo íntimo entre quem narra e quem lê, o que por sua vez intensificou a credibilidade no texto. Revelação, não justificação, tornou-se o principal impulso, enquanto sua principal ação foi uma crise ou conversão. A confissão tornou-se ontológica, projetando a singularidade do eu (NADEL, 1982, p. 190)⁴¹.

³⁸ It also plays a central role in discussions of a perceived crisis of [...] culture, marked by such notions of alienation, retification, the decline of community and the rise of mass society.

³⁹ Portanto, não há nada escrito que ela não considere ser a verdade

⁴⁰ creates a focused, internal private self who offers an inner-most truth for edification, not for art.

⁴¹ As the confession and apology evolved, autobiographers altered their features. The confession became more immediate, personal and discontinuous in its structure while it became more inspirational, selfimagining and subjective in its content. The private nature of the confession created sincerity and authenticity through the intimate

Isso nos faz pensar em Margery Kempe, que não só dialoga com Deus (ou “Godhead”), mas também com sua mãe, Maria Madalena, Jesus Cristo, os santos e anjos, pedindo conselhos e obtendo-os muitas vezes quase instantaneamente. Seu foco é voltado para sua trajetória espiritual, com uma atenção enorme voltada em “contar uma história”, mesmo que fora de ordem cronológica, em fragmentos de memória, transitando entre as “verdade verificáveis” e seus sentimentos e emoções, o que faz com que o diálogo entre narrador e leitor passe a ser muitas vezes distante, ou talvez difuso. Além disso, as confissões propriamente ditas (como sacramento na Igreja Católica) fazem parte da narrativa, mas dificilmente é seu foco principal. Apesar de Margery Kempe nos apresentar uma obra com um “eu” particular, e que suas verdades precisarem constantemente de validação das autoridades eclesiásticas, também é nos revelado que o objetivo era cumprir uma tarefa solicitada por Deus, escrever sobre sua vida e sua trajetória de pecadora sem pretensões, não havendo foco nem na confissão em si, nem na defesa.

Já em *Apologia de Platão* (ca. 399 a.C.), Sócrates afirma e reafirma sua crença moral absoluta em si mesmo, sendo essa “expressão pública de confiança, unida à racionalidade e apresentada em um padrão retórico, a marca da apologia”⁴² (NADEL, p. 191). Sendo assim, a confissão como algo espontâneo, e a apologia, mais elaborada e planejada.

O principal contraste, que inclusive distancia *The book of Margery Kempe* da apologia, é que ao contrário da confissão, “a apologia era uma composição consciente, refletindo detalhes organizacionais, controle e racionalidade. Seu principal objetivo era justificar, defender e explicar [...] ideias, não o “eu”⁴³ (p. 191). Sabemos que o livro foi ditado de memória por Margery Kempe à pelo menos dois escreventes, e que seu foco não era sua vida pessoal, mas sim espiritual; dessa forma, seria difícil afirmar que ela se coloca como uma força defensora inflexível e meticulosa de seus ideais (única e exclusivamente) em sua obra, além de podermos observar ao longo dos dois capítulos que analisei, e ao longo de toda a obra, que ela expõe suas opiniões mesmo que heterodoxas, e que não só admite suas falhas, mas se apresenta como ser criado, uma “creatur/creature” quando se refere a si mesma, descentralizando a sua agência e

dialogue between the narrator and reader which in turn intensified believability in the text. Revelation not justification became the major impulse, while its major action was a crisis or conversion. The confession became ontological, projecting the uniqueness of the self

⁴² public expression of trust United with rationality and presented in a rhetorical pattern are the hallmarks of the apology.

⁴³ the apology was a conscious composition reflecting organizational detail, control and rationality. Its primary purpose was to justify, defend or explain [...] Ideas, not the self.

individualidade. Como Lynn Staley (mencionada anteriormente) coloca, *The book of Margery Kempe* é “barulhento”, não há exatamente um planejamento para manter a sua integridade intacta, promover seu caráter como exemplo a ser seguido, sua nobreza, castidade ou a justeza de sua moral.

Outra categoria que se encaixaria parcialmente, é a “narrativa de viagem” (p. 207). Apesar de sabermos que o texto não se concentra somente no lado espiritual da vida de Margery Kempe (mesmo tendo muita ênfase), os detalhes de suas viagens são colocados em segundo plano em comparação com seus conflitos internos, as dificuldades com os demais viajantes e suas visões e diálogos milagrosos.

Também temos a “narrativa da vida espiritual”, que engloba a “narrativa de conversão”, conforme as palavras de Smith & Watson:

Esse modo de narrativa é estruturado em volta de uma transformação radical de um “antes” cheio de falhas e um iluminado “depois”. O padrão típico envolve uma queda em uma situação perturbadora e sensorialmente confusa de “noite escura da alma”⁴⁴, seguido de um momento de revelação, a vida, a luta contra a morte, o processo de reeducação, e a jornada para uma “nova Jerusalém” ou um lugar de associação em uma comunidade de crentes. (2010, p.192)⁴⁵

Há também o gênero hagiografia, uma obra escrita sobre a vida de um santo ou em tom exageradamente elogioso. Esse gênero foi bastante comum na Idade Média sempre que existia interesse de canonizar uma pessoa e persiste, com menos força, até hoje, especialmente em seu sentido mais conotativo. É assim uma biografia sobre os feitos e milagres de uma pessoa, e era escrita depois de sua morte. Helen Taylor (1991) comenta que a própria noção de gênero literário na Idade Média, especialmente ao que se refere a autobiografia x hagiografia, é problemática:

Kempe apresenta-se de acordo com as convenções da hagiografia, mas sua narrativa carece do *status* de autoridade fornecido por um hagiógrafo em terceira pessoa. Do mesmo modo, o texto localiza Kempe historicamente no tempo e no espaço, mas esta localização não corresponde à nossa noção moderna de autobiografia. (p. 5)⁴⁶

⁴⁴ Refere-se especificamente a um período de desolação espiritual sofrida por um místico, no qual todo o senso de consolação e graça é removido de si.

⁴⁵ This narrative mode is structured around a radical transformation from a faulty “before” self to an enlightened “after” self. The typical pattern involves a fall into a troubled and sensorily confused “dark night of the soul,” followed by a moment of revelation, a life and death struggle, a process of re-education, and a journey to a “new Jerusalem” or site of membership in an enlightened community of like believers.

⁴⁶ Kempe presents herself according to the conventions of hagiography, yet her narrative lacks the authoritative status provided by a third-person hagiographer. Similarly, the text locates Kempe historically in time and space, but this location does not add up to our modern notion of autobiography.

Ela ainda expõe que o termo “auto-hagiografia”, cunhado por Richard Kieckhefer, em seu livro *Unquiet Souls: Fourteenth-Century Saints and Their Religions Milieu* (1984) foi inspirado na tentativa de classificar *The book of Margery Kempe*.

O que afasta a obra deste gênero talvez nem seja o fato de Margery Kempe não ter sido canonizada, ou que seu objetivo não fosse esse, mas o fato de que a hagiografia era um texto geralmente de caráter público, sobre pessoas já muito conhecidas, de figuras notórias. Taylor (1991) aponta que esse distanciamento talvez resida justamente no conflito entre o caráter público e privado da função do texto (p. 12). Em maior ou menor grau, essas categorias representam, de certa forma, a narrativa de Margery Kempe, mas suas fronteiras são fluídas, elas se invadem, se chocam e se transformam em algo único. A grande questão da narrativa de vida, e nesse caso, a “contação” de uma vida de memória, é a constante negociação com o passado, e os fragmentos que ela gera, tentando produzir uma única só peça, talvez por esse motivo que se referem a narrativa autobiográfica como um ato performativo (p. 47).

Margery Kempe faz-se pertencente à sociedade inglesa da época enquanto protagonista e autora. Smith & Watson (2010) enfatizam a questão do status social dessa obra, algo que é corroborado por Lynn Staley (2001), que costuma colocar *The book of Margery Kempe* sobre os termos de “texto social”. A estudiosa e tradutora afirma também que, apesar de seguir alguns padrões para uma obra criada naquela época e com as influências literárias que teve, acredita que Kempe é uma personagem criada para ser inserida em um contexto ao qual ela possa fazer críticas sócio-religiosas e políticas.

É muito importante lembrar que Margery Kempe não parece ter escrito, de nenhuma forma explícita, seu livro para responder às expectativas de um público leitor de narrativas autobiográficas, e sim como uma missão espiritual. Barry Windeatt (1985) na introdução de sua tradução do *The book of Margery Kempe*, comenta:

O livro de Margery não foi, no final das contas, concluído para responder às expectativas do posterior público leitor de autobiografia. Margery provavelmente não acreditava que a experiência humana valia a pena ser registrada por si só. O proêmio deixa claro que essa vida está sendo lembrada devido ao belo relacionamento de Deus com Margery, mais para a glória de Deus do que para a de Margery.⁴⁷ (1985, p.22-23)

Dessa forma, reforça o conceito de “categorias transbordantes” e fronteiras fluídas, trazidas por Smith & Watson, corroborando que no caso dessa obra, e possivelmente de tantas

⁴⁷ Margery’s Book was not, after all, set down to answer the expectations of later readers of autobiography. Margery would probably not have believed that human experience was Worth recording for its own sake. The Proem makes clear that this life is being recalled because of God’s wonderful dealings with Margery, to God’s glory rather than Margery’s.

outras, acaba não sendo produtiva a tentativa de enquadrá-la em algum lugar confortável, de fácil identificação. Marcus (1994) compartilha do mesmo pensamento e ratifica:

Autobiografia é um tópico quase impossível de se discutir em sua totalidade. Muitos críticos afirmam que isso é porque as fronteiras da escrita autobiográfica são “borradas”. Mas também é possível que críticas e críticos vem usando autobiografias como ponto de partida para abordar problemas que muitas vezes não são explicitados, e que, portanto, podem ser as fontes de ambiguidade e não as autobiografias em si [...] Autobiografias aparecem em parte como uma versão do microcosmo envolvendo essas preocupações, servindo para articulá-las, e [...] para oferecer pelo menos uma solução parcial. (1994, p. 7)⁴⁸

Por fim, acredito ser válido desconstruir a dualidade e o caráter monolítico desse gênero; vivências são sobretudo desorganizadas, não lineares, caóticas, intermitentes e cíclicas, assim, a autobiografia aparece aqui como um excelente exemplo de heterogeneidade, tanto da produção literária, quanto da própria vida.

2.3 PERSPECTIVAS *QUEER* EM MARGERY KEMPE

A fluidez do *The book of Margery Kempe* em termos de gênero auto/biográfico, como discutimos acima, assim como a fluidez do idioma inglês e do tempo e espaço (em termos de ordem cronológica do texto) que discutiremos mais à frente, essa repetição nos abre espaço para analisar Margery Kempe também como gênero fluido a partir de um olhar queer, pois ela se constrói como uma força “desviante” em sua sociedade.

Quando menciono o ‘queer’, faço das minhas as palavras de Margaret Sheble em seu artigo *Queer eye for God: Reading Margery Kempe as Female Masculine* (2018) que diz:

“queer também pode significar simplesmente a teoria de advogar pela quebra do pensamento binário. Construindo a si mesmo como queer, alguém já está usando um termo que altera os padrões e a definição original do termo pela sociedade heteronormativa – representar alguém como queer é retomar a linguagem e criar um espaço em uma comunidade onde de outra forma não existiria. (p.40)⁴⁹

⁴⁸ autobiography is a near-impossible topic to discuss as a totality. Many critics claim that this is because the boundaries of autobiographical writing are blurred. But it is also possible that critics have been using autobiographies as a point of departure from which to address problematics which are often not made explicit, and which therefore may be the sources of ambiguity rather than the autobiographies themselves [...] Autobiography appears in part as a microcosm version of many of these concerns, serving to articulate them, and [...] to offer at least a partial solution.

⁴⁹ queer can also simply mean a theory of advocating a breakdown of binary thinking. By establishing oneself as queer, one is using a term that already alters the standard and original definition of the term defined by a heteronormative society – to represent oneself as “queer” is to reclaim language and create space in a community that otherwise did not exist.

Carolyn Dinshaw em seu artigo *Getting Medieval: Sexualities and Communities, pre- and postmodern* (1999) vê Margery Kempe como queer “em relação aos ideais assim como em seu comportamento, hábitos, e expectativas em seu mundo terreno. Ninguém precisa impor um conceito anacrônico de normatividade a fim de chegar nessa conclusão; isso pode ser ouvido em seu próprio meio social. (p. 208)⁵⁰.

Testemunhamos isso quando, por exemplo, Kempe não fala sobre a maternidade, sobre seus filhos e a criação, já que seu foco é justamente a partir do momento que “quita” seus débitos matrimoniais e obtém o voto de castidade de seu marido para peregrinar; e também quando usa branco sem a permissão das autoridades eclesiásticas. Dinshaw reafirma: “Margery quer usar de seu corpo de forma completamente diferente dos jeitos (reprodutivos) esperados por sua comunidade: esse desejo é assinalado por suas vestes brancas” (p.157).⁵¹ e conclui: “Nós percebemos uma criatura cujo o corpo não cabe em seus desejos... Nós percebemos, que é, queer”. (p.149)⁵².

As múltiplas facetas de Kempe, uma empreendedora, mãe, esposa, peregrina, mística, ao longo de toda sua vida, adquire novas cores com a intimidade que possui com a Santíssima Trindade, onde age como mãe, pai, irmã e amante de cristo, **simultaneamente**. A fluidez do gênero transparece tanto em momento como quando ela volta para Lynn para cuidar de seu marido doente, quanto quando contraria ordem diretas e indiretas de autoridades eclesiásticas para criar agencia sobre si, através da autorização direta do próprio Deus. Digo isso porque Margery Kempe parece transitar com maestria em seu mundo, e apesar de inserida num espectro de tradições devocionais e compreende-las de forma inigualável, ela parece modifica-las para caber em seus propósitos.

2.4 O INGLÊS MÉDIO: TENSIONANDO OS DIÁLOGOS ENTRE A TRADUÇÃO INTRA E INTERLINGUAL

⁵⁰ relation to religious ideals as well as to behaviors, habits, and expectations of her earthly community. One does not need to impose an anachronistic concept of normativity in order to come to this conclusion; it can be heard in her own milieu.

⁵¹ Margery wants to use her body completely differently from the (reproductive) ways expected by her community: that desire is signaled by her white clothing.

⁵² We perceive a creature whose body does not fit her desires ... We perceive, that is, a queer.

Sobre esse tópico, começo com um momento histórico divisor de águas, a Grande Mudança Vocálica, uma transformação da língua inglesa que partiu do sul da Inglaterra, por volta de 1190 a 1600 aproximadamente.

Essa mudança está ligada as consequências sociolinguísticas da imigração medieval tardia para Londres, mais especificamente para Anglia Oriental, trazendo consigo nova fonologia e atribuindo também novos valores sociais para comunicação oral e escrita. O professor e especialista em Linguagem e Literatura medieval, Tim William Machan, em seu livro *English in the middle ages* (2005) comenta que a invasão e “conquista” das Ilhas Britânicas, nos séculos IV, V e VI, pelos Anglos de São Beda, os Saxões e Jutos, trouxeram uma enorme variedade de idiomas germânicos ocidentais que acabaria se mesclando, se tornando o Inglês Antigo e mais tarde o Inglês Médio, que para ele é o momento mais importante do idioma Inglês como um todo:

Nas críticas de Margery Kempe, no início do século XV, sobre a religião e a sociedade inglesa, por exemplo, o Inglês tem um significado político por si só, como um idioma que incorpora toda uma comunidade resistente e articula a orientação radical dessa comunidade em relação a ortodoxia social e a autoridade religiosa. O Inglês foi atribuído com significado sociolinguístico semelhante, tanto para o misticismo do período medieval tardio quanto a heterodoxia do movimento Lollardista. Aqui, entende-se que ajudou a construir uma teologia vernacular distinta e inovadora, cuja a supressão pela Constituição de Arundel (1407-1409) era tanto linguística quanto teológica (Machan, 2005, p.5)⁵³

Sobre a questão das traduções intralingual e interlingual, já que estamos partindo de um inglês para outro, trago Roman Jakobson, que em seu artigo seminal *On Linguistic Aspects of Translation*⁵⁴, de 1959 (trazido para o Brasil através do trabalho do Prof. Izidoro Blikstein, através do livro *Linguística e Comunicação* de 1976), afirma que “a tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* ‘consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua” (p. 43) e a tradução intralingual ou *reformulação*, que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua” (p. 43).

⁵³ In Margery Kempe’s early fifteenth-century critiques of English society and religion, for example, the English language has been seen to have political significance in and of itself, as a language that both embodies a resistant English community and articulates that community’s radical orientation towards orthodox social and religious authority. English has been attributed with similar sociolinguistic significance for both late-medieval mysticism and the heterodox Lollard movement. Here, it is sometimes understood to have helped constitute a distinctive and disruptive vernacular theology whose suppression by the 1407–9 Constitutions of Arundel was linguistic as well as theological

⁵⁴ Publicado no compêndio organizado por Reuben Arthur Brower chamado *On Translation* (1959)

No entanto, apesar da clássica definição de Jakobson, Karen Korning Zethsen em seu artigo *Intralingual Translation: An Attempt at Description* (2009) diz que a tradução intralingual ou *reformulação* é “extremamente periférica aos Estudos da Tradução, mais do que merecer, e as relações entre tradução intra e interlingual é negligenciada dentro da área de pesquisa”⁵⁵. (p.795)

A autora comenta que teve acesso a estudos, onde observou tentativas de redefinição e classificação da tradução intralingual, mas que desde Jakobson, elas pareciam cada vez menos inclusivas (p.796); ela advoga contra a clássica teoria de categorização, já que não consegue ver fronteiras claras na relação entre tradução intra e interlingual, para ela é necessário que haja uma definição alternativa, mais “aberta e inerentemente não finita”⁵⁶ (798-799) e nos propõe 4 parâmetros básicos para isso: 1) conhecimento; 2) tempo; 3) cultura; 4) espaço (p.805).

Esses conceitos me pareceram extremamente relevantes para compreendermos a tradução intralingual e como ela funciona no caso do *The book of Margery Kempe*. Começando com o “conhecimento”: que se relaciona a habilidade de compreensão do público alvo, ou seja, a capacidade de entender o texto e seu conteúdo, levando em conta seu próprio contexto, conhecimento (ou a falta dele), e envolve também a interpretação (explicitação, explicação, adições no texto), com o intuito de ser uma comunicação (tradução) tipicamente “especialista-para-leigo” (p.806). Aqui podemos ver que no *The book of Margery Kempe*, temos as duas dimensões desses parâmetros aplicados, pois temos as versões mais acadêmicas, onde observamos o uso de muitas ferramentas paratextuais para explicar e ampliar a compreensão do público (nesses casos eu arriscaria dizer também mais acadêmico) e as versões com a linguagem “simplificada”, onde as explicações e explicitações ocorrem através da linguagem para públicos mais diversos.

O parâmetro “tempo”, Zethsen coloca que:

cobre instâncias onde é a distância temporal que faz a nova versão necessária [...] Traduções intralinguais instigadas pelos parâmetros de tempo (tradução diacrônica) são tipicamente traduções novas e mais contemporâneas de textos clássicos (textos religiosos, literatura)⁵⁷ (p. 806-807).

⁵⁵ extremely peripheral to translation studies, more so than it deserves, and the relationship between interlingual and intralingual translation is a neglected area of research.

⁵⁶ open and inherently non-finite

⁵⁷ This parameter covers instances where it is the temporal distance which makes a new version necessary. [...] Intralingual translations instigated by the parameter of time (diachronic translations) are typically new and more contemporary translations of classical texts (religious texts, literature)

Ela complementa dizendo que em muitos casos, partindo de uma obra “original” dentro de uma “mesma cultura”, mas com linguagens distintas devido ao tempo, a tradução se torna simultaneamente intra e interlingual. (p.807)

Apesar de as traduções terem alvos diferentes (como por exemplo um público mais jovem, leigos, acadêmico, não acadêmico, etc) é bastante claro para nós que todas as traduções aqui presentes no trabalho — todas vertidas do manuscrito em inglês médio — tem um ponto em comum: tornar acessível uma obra escrita no período medieval para o público contemporâneo, e para isso, vemos os/as tradutores/as lidando vez ou outra com a questão cultural de se manter o colorido medieval, ou produzir um texto explicitamente mais explicativo e moderno. Por se tratar de uma obra produzida na Idade Média, inevitavelmente se deparam com o que Vizioli (2014) chama de “fósseis linguísticos”, e cabe a cada um/a dos/as tradutores/as modificá-lo, reinterpretá-lo, explicá-lo, ou não.

Já o parâmetro “cultura”, “se refere à necessidade de explicar referências culturais em um texto ao qual o tempo e o conhecimento impedem o grupo alvo de compreender”⁵⁸ (p.807) completamente, embora se referiram a explicações culturais diferentes de um **mesmo texto** e dentro de um **mesmo idioma**, percebo que *The book of Margery Kempe* absorve somente parcialmente algumas dessas características, pois a tradução de termos, palavras e expressões comuns do medieval que são traduzidas para palavras modernas (como veremos mais à frente no cotejo) corresponde à explicações de cunho cultural, já que são culturas distantes, mas não corresponde ao fato de se tratar da mesma língua já que o inglês médio e o inglês moderno, apesar de serem inglês, constituem idiomas distintos.

Para completar, temos o parâmetro de “espaço”, cuja caracterização é bastante literal: “se refere a instâncias onde o texto é ou reduzido ou estendido, ou seja, o espaço físico do texto sofre mudanças”⁵⁹ (p.807-808). A tradução intralingual influenciada por esse parâmetro tipicamente se tratam de sumários, versões recortadas, resumidas, ou estendidas devido à linguagem moderna e às demais explicações; o que me fez lembrar do único caso que se aproxima dessa proposta, que é a “abridged version”, ou “versão abreviada/resumida” de Liz Herbert McAvoy (2000), presente no corpus desta pesquisa, onde o conteúdo do *The book of Margery Kempe* não é traduzido na íntegra, mas sim em partes que se encaixam em categorias temáticas de seu

⁵⁸ refers to the need to explain cultural references in a text which time or general background knowledge prevent the target group from understanding

⁵⁹ refers to instances where the text is either reduced or extended, i.e., the physical space of the text is changed.

livro, como “maternidade”, “sexualidade” e etc. Sua versão é consideravelmente menor que as demais e a adaptação é criada para atender as temáticas e os textos críticos que imediatamente seguem o corpo do texto (tradução).

Por fim, é importante levar em consideração alguns desses parâmetros como forma de pensar a tradução intralingual, em primeiro momento, como uma tradução de fato, e também que suas fronteiras não são tão claras como poderíamos imaginar, já que a tradução do *The book of Margery Kempe* é ao mesmo tempo não só intra e interlingual, mas intercultural, que lida com as mudanças históricas, políticas e sociais de uma sociedade e se distancia **temporalmente** da sua “original”, mas não em sua localização. Com esse pensamento latente de ver a tradução intralingual em cada uma das seis traduções aqui presentes, seguimos para a próxima seção, onde não só exponho as diferentes edições do *The book of Margery Kempe* mas também um quadro mais detalhado das traduções e tradutores/as.

3 DIMENSÕES PARATEXTUAIS : DOS FRAGMENTOS DO *THE BOOK OF MARGERY KEMPE* E AS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES ATÉ ÀS TRADUÇÕES MODERNAS

É de fundamental importância esclarecer que o manuscrito original está ainda perdido e que o manuscrito sobrevivente usado como texto-base é obra de um copista, que assina a última página do livro 2 como “Salthows”. Antes do descobrimento desse manuscrito contendo o texto de *The book of Margery Kempe*, pouco se conhecia sobre a existência dessa obra e sobre seu real conteúdo, pois somente fragmentos dele haviam sido publicados por Wynkyn de Worde em 1501 em um *quarto*⁶⁰ (atualmente na biblioteca da Universidade de Cambridge) de apenas sete páginas. chamado *Here begynneth a shorte treatyse of contemplacyon taught by our lorde Jhesu cryste, or taken out of the boke of Margerie kempe of Lynn*, que deixavam a entender que o original se tratava de um livro de meditações de uma mulher anacoreta⁶¹ medieval, o que não era verdade. De acordo com McAvoy, esse tipo de texto, publicado em fragmentos, acabou distorcendo a figura de Kempe:

Referências a suas práticas religiosas excessivas, por exemplo, o choro, os gritos, a frequente perda de controle corporal e os múltiplos paroxismos físicos, tudo o que mais domina o próprio livro original - são praticamente inexistentes. Em vez disso, o texto editado é constituído por uma série de conversas descontextualizadas e descronologizadas entre Margery e Cristo, fornecendo uma narrativa dialógica enganosa que reconstrói Margery Kempe como uma mulher santa muitíssimo mais ortodoxa e com menos presença física do que ela aparece no texto original. (2003, p. 6)⁶²

Já em 1521, Henry Pepwell publicou novamente esses fragmentos que intitulou *A Short Treatyse of Contemplation taught by our Lord Jesu Christ, or taken out of the Book of Margery Kempe, Ancress of Lynn*, que fazia parte de uma espécie de coletânea chamada *The Cell of Self-Knowledge*, também em formato de *quarto*, contendo excertos de outras sete

⁶⁰ O “quarto” é um livro produzido com folhas inteiras impressas dos dois lados e dobradas duas vezes, gerando no total de oito páginas de texto. Esse papel podia ser costurado a outros para formar um volume mais robusto, mas geralmente suas dimensões não ultrapassam 25 centímetros de altura e 20 centímetros de largura.

⁶¹ Anacoretas eram monges cristãos que viviam isolados nos primórdios do cristianismo. Muitos dedicavam suas vidas inteiras à oração e estudos litúrgicos, outros em penitência para expurgar seus pecados.

⁶² References to her excessive religious practices, for example – the crying, the screaming, the frequente loss of bodily control and the multiple physical collapses, all of which dominate the original Book itself – are virtually non-existent. Instead, the redacted text is contituted of a series of decontextualised and dechronologised conversations between Margery and Christ, providing a misleading dialogic narrative which reconstruct Margery Kempe as far more orthodox a holy woman and far less physical presence than she appears in the original text.

místicas inglesas, e que também passava uma ideia incompleta do que Margery Kempe representava. Sobre a edição de Pepwell, McAvoy considera que ele “então prossegue em transformar Margery Kempe completamente de uma mulher notadamente loquaz e cheia de palavras que vemos nos primeiros momentos do texto original em alguém que fora controlada com sucesso e efetivamente silenciada (2003, p. 8).⁶³

Sobre o contexto do período em que o livro foi escrito, Lynn Staley (2001) comenta que há muitos componentes verificáveis, começando com as personalidades da Idade Média, como Thomas Arundel, arcebispo de Canterbury, Philip Repington, bispo de Lincoln, William Alnwick, bispo de Norwich e Robert Spryngolde, confessor de Margery Kempe, uma figura bastante conhecida na Igreja Católica Medieval. Além desses, há também os acontecimentos históricos como a morte do Rei Henrique V em 1422, e o incêndio no Salão da Guilda de Lynn em janeiro de 1420, mencionados no livro. Curiosamente, o que podemos ter como garantias em espaço e tempo, certamente não podemos garantir em termos de autoria do livro e como ele foi escrito, como veremos adiante.

3.1 EXPLORANDO OS FUNDAMENTOS DE HIPERMEDIAÇÃO, IMEDIAÇÃO E REMIDIAÇÃO: O QUE RESTA DA VOZ DE MARGERY KEMPE?

Antes de partirmos para as questões editoriais e de autoria – como forma de ampliar nossa visão de como foi a trajetória do *The book of Margery Kempe* – trago a teoria de *immediacy, hypermediacy e remediation*⁶⁴ de Jay David Bolter e Richard Grusin, presente no trabalho *Remediation: Understanding new media* (1999).

No trabalho Bolter & Grusin definem os termos: o primeiro, imediação, quando a mídia tende a apagar todos os traços de mediação e se passar como o “original” ou a mais natural possível (p. 5); hipermediação, que contraria essa lógica do apagamento ou automatização dos atos de representação, e que “em todas as suas manifestações [...] nos faz ficar cientes da mediação ou da mídia”⁶⁵ (p. 34) Apesar de serem forças antagônicas, os autores comentam que ao mesmo tempo são interdependentes entre si, pois uma (hipermediação) fornece as ferramentas

⁶³ then proceeds to transform Margery Kempe entirely from the self-confessed loquacious and wordly woman whom we see at the forefront of the original text into one who has been successfully controlled and effectively silenced.

⁶⁴ Menciono os nomes dos conceitos no original em inglês, mas as traduções ao longo da seção: mediação, hipermediação e remediação.

⁶⁵ In every manifestation, hypermediacy makes us aware of the medium or media

necessárias para que a outra (imediação) seja possível. Partindo dessa relação, temos o que nos interessa neste ponto, o processo de remediação, que segundo Bolter & Grusin é a passagem da propriedade de uma mídia para outra e que quase sempre agrega a segunda mais do que apenas o conteúdo da primeira (p. 45).

Lis Yana de Lima Martinez em sua dissertação: *O Diálogo Intermidiático Entre A Sociedade do Anel e The Lord of The Rings Online (Lopro): Aspectos de Remediação, Meia-Realidade, Estrutura e Ficção Interativa* (2017), nos esclarece pontos importantes para pensarmos no *The book of Margery Kempe*, primeiro quando afirma que “mídia é “aquilo que remedia. É aquilo que se apropria das técnicas, formas e importância social de outros meios de comunicação social” e tenta, por vezes, rivalizá-los, por vezes, remodelá-los (p. 42), e segundo quando comenta que “o que faz com que mídias sejam mídias é o fato de serem criações e meios de expressão do ser humano e o modo como **entre si dialogam**” (p. 35, negrito nosso).

O funcionamento dessa engrenagem da remediação nos permite criar uma espécie de genealogia do *The book of Margery Kempe*, mas não em busca de respostas sobre sua origem, e sim sobre como se deram os diálogos ao longo das mudanças midiáticas da obra, ou como diria Bolter & Grusin: “as afiliações históricas ou ressonâncias, não a origem” (p.17) e especialmente, como isso afetou a voz de Margery Kempe.

No capítulo seguinte entraremos em detalhes sobre questões de escrita do livro, autoria e as edições modernas, porém é válido aqui atentarmos para outra dimensão do livro, a dimensão que se refere a como a voz de Margery Kempe é remediada e como ela chega a nós. Portanto, é oportuno que saibamos que quando me refiro a mediação, me refiro a como essa mídia (o livro) passou pelo crivo religioso, político, social, histórico, e subjetivo de vários indivíduos, que por sua vez fizeram parte ativa da criação do conteúdo do livro e de como ele chega até nós.

O caminho que temos aqui é de uma obra escrita de memória por uma mulher a duas pessoas, seu confessor e possivelmente seu filho mais velho, onde já temos uma dupla carga de mediação, o trabalho foi ditado e fora de ordem cronológica; por ser uma mulher iletrada não podia confirmar de fato se suas palavras eram colocadas da forma como desejava; o texto foi revisado por outros homens religiosos e ficou sobre posse de monges por séculos, que por sua vez também editaram o livro. Em 1934 o *The book of Margery Kempe* é descoberto e traduzido para o inglês moderno, o que também amplia essa mediação, pois a voz de Kempe passa

novamente pela subjetividade de quem recebe essa tradução e também para quem traduz e tenta “revitalizar” sua voz.

Além da questão de voz, temos também a mudança físicas dessa “mídia dura”, passando de um manuscrito, depois, em suas duas primeiras “publicações” como “in-quartos”, depois em formato de livro impresso, até o momento atual onde temos ele em diversos formatos eletrônicos (inclusive os formatos e-pub e pdf estando presentes para termos acesso às traduções para análise neste trabalho).

Estudar a genealogia do *The book of Margery Kempe* em busca do “real” não está relacionado a obter respostas sobre o original, ou fiel ao que se propõe e se isso sobreviveu ao longo do tempo, se a voz de Kempe ecoa para nós como em seu ditado ao escritor, mas sim percebendo e analisando que o entremeio, no caso, essas mediações e intermediações também fazem parte do real, são múltiplas vozes atuando simultaneamente. A trajetória de mediação da obra é parte da obra, e para podermos observar de forma mais aprofundada como essa trajetória foi se construindo, partimos para a análise dos paratextos dessa obra e suas traduções.

3.2 INVESTIGANDO QUESTOES EDITORIAIS E DE AUTORIA

Baseio minha análise paratextual das edições do *The Book of Margery Kempe* em *Paratextos Editoriais* (2009) de Gérard Genette, no qual o autor classifica, categoriza e exemplifica uma infinidade de possibilidades paratextuais que possam vir a compor um livro. Para ele, uma obra literária nunca se apresenta “nua”:

[...] sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que, em todo caso, o cercam e o prolongam, exatamente para APRESENTÁ-LO, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais amplo: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua recepção e seu consumo.” (Genette, 2009, p. 9, ênfase no original)

Genette propõe também que o paratexto é composto de um peritexto, mais o epitexto, sendo o primeiro inerente ao interior do livro, como títulos, subtítulo, prefácio, notas e etc. e o segundo externo ao livro, como depoimentos, palestras, entrevistas, cartas, comunicados e afins.

Todas essas possibilidades paratextuais essencialmente se encontram no “limiar” entre o texto e seu exterior, e são compostas por um “conjunto heteróclito de práticas e de discursos de todos os tipos e de todas as épocas” (p. 11); por isso, mesmo havendo essa categorização

para nos guiar ao longo dessa pesquisa, é importante perceber que não há fronteiras definidas, pois o “paratexto é uma franja amiúde indecisa entre o texto e o fora-do-texto” (p. 301).

Apesar de seguirmos com a terminologia proposta por Genette, é imprescindível que apontemos algumas incoerências importantes quando se aplicam seus contextos mais especificamente no campo dos estudos da tradução. No livro *Text, extratext, Metatext and Paratext in Translation* (2013), Valerie Pellatt complementa a definição de Genette sobre o que é o paratexto (deixando algumas características mais explícitas e aparentemente voltadas para os formatos paratextuais mais modernos) como “o texto que acerca e auxilia o texto principal, como camadas de embalagens que inicialmente protegem e gradualmente revela a essência do item de dentro da embalagem”⁶⁶ (p. 1). Ela explica que mesmo o paratexto não-verbal, pouco explorado por Genette, tem o poder de influenciar a recepção, dando exemplos de ilustrações, fotos, tabelas, gráficos, diagramas, design de capa, sobrecapa, demais apresentações visuais, como fontes utilizadas, diagramação, construção dos parágrafos, layout em geral e etc (p. 2-3), cujas funções são “explicar, definir, instruir, auxiliar, adicionar informações contextuais, ou opiniões relevantes e a perspectiva de estudiosos e estudiosas, tradutores e tradutoras e revisores e revisoras (p. 2)⁶⁷. Pellatt também destaca outra importante exclusão de Genette e de importância central para esse estudo: a tradução. Para a autora, isso acontece porque Genette estaria “escrevendo sobre literatura [em seus contextos originais de produção]: ele não se debruçou sobre a questão complementar do paratexto que é traduzido, ou a tradução do paratexto”⁶⁸ (p. 1-2). Esse é precisamente o foco do extenso e recente trabalho de Kahryn Batchelor em *Translation and paratexts* (2018), que nos revela um pouco mais sobre duas principais contradições.

A autora, em seu primeiro capítulo, concorda com Genette em determinados pontos-chave, como o fato de que um texto nunca ocorre isolado dos paratextos que o cercam (p. 11) e que até mesmo na Antiguidade, ou durante o período ao qual grande parte dos textos circulavam em forma de manuscritos e não possuíam uma fórmula de apresentação bem definida, o paratexto “ainda é relevante, já que o próprio ato de transcrever traz para o cerne do texto algum

⁶⁶ Paratext is the text that surrounds and supports the core text, like layers of packaging that initially protect and gradually reveal the essence of the packaged item.

⁶⁷ explaining, defining, instructing, or supporting, adding background information, or the relevant opinions and attitudes of scholars, translators and reviewers.

⁶⁸ was writing about literature: he did not tackle the complementary issues of paratext which is translated, or translation as paratext.

grau de materialidade e realização”⁶⁹ (p. 11); mas esbarra na questão abordada por Genette em *Paratextos editorais* (2009) sobre a intencionalidade autoral.

Em sua obra, Genette sugere que a intencionalidade autoral seria um dos fatores determinantes do paratexto, que seria algo “sempre carregando um comentário autoral, ou mais ou menos legitimado pelo autor” (p.10). Já Batchelor vai além da visão de Genette para estudar os paratextos não apenas como materiais que por intenção autoral giram em torno do texto, mas sim “o estudo ao qual os autores (e seus aliados) tentam formar a recepção de seu trabalho”⁷⁰ (p. 13).

Ainda levando em consideração o *Paratextos editorais* (2009), em dezenas de pontos ao longo da obra, Genette reafirma esse argumento; comenta que “é oficial toda a mensagem paratextual que o autor ou/e editor assumem abertamente [...] responsabilidade”. Segundo os apontamentos de Batchelor, vemos que há um padrão mantido em Genette, que o paratexto precisa sempre estar atrelado e assegurar que o destino do um texto seja consistente em relação aos propósitos do autor (p. 13). Essa abordagem é algo que não pretendo levar ao longo desse trabalho, pois sabemos que, por vezes, os paratextos não estão sob controle, crivo ou opinião nem do autor e nem de seus “aliados”. Especificamente sobre essa questão Batchelor escreve:

A insistência de Genette na intencionalidade autoral como uma característica definidora do paratexto dá origem a certas contradições dentro do próprio conceito do paratexto. Em primeiro lugar, a insistência em uma conexão entre responsabilidade autoral e paratexto entra em conflito com a afirmação de Genette focada no leitor de que qualquer informação contextual ou fatorial pode servir como paratexto: é difícil ver como tal informação poderia ficar sob o controle do autor e de seus aliados, ou como o autor poderia assumir a responsabilidade por isso de alguma forma significativa. Em segundo lugar, há uma incompatibilidade entre o critério de responsabilidade autoral e a afirmação de Genette de que todos os peritextos são paratextuais, uma vez que pode facilmente ser demonstrado que existem alguns peritextos que não são legitimados pelo autor ou que vão diretamente contra sua vontade, como o próprio Genette concede⁷¹ (p. 14)

Tanto é difícil imaginarmos o autor tendo qualquer tipo de poder em relação a subjetividade do leitor ao receber o trabalho, quanto ter algum tipo de controle sobre muitos casos de

⁶⁹ is still relevant, since ‘the sole fact of transcription... brings to the ideality of the text some degree of materialization’

⁷⁰ rather, it is the study of the way in which authors (and their allies) look to shape the reception of their work

⁷¹ Genette’s insistence on authorial intention as a defining feature of the paratext gives rise to certain contradictions within the concept of the paratext itself. First, the insistence on a connection between authorial responsibility and paratext conflicts with Genette’s reader-focused statement that any contextual or factual information may serve as paratext: it is hard to see how such information could come under the control of the author and his allies or how the author could assume responsibility for it in any meaningful way. Second, there is an incompatibility between the criterion of authorial responsibility and Genette’s statement that all peritexts are paratextual, since it can easily be shown that there are some peritexts that are not sanctioned by the author or which even go directly against his wishes, as Genette himself acknowledges.

peritextos (e também epitextos) como críticas (escritas e em outras mídias como as redes sociais), resenhas (acadêmicas e não acadêmicas), opiniões, comentários, apontamentos, resumos (entre outros) nas diversas mídias disponíveis hoje em dia.

A questão de intencionalidade autoral é falaciosa – levando em conta que a autora no caso de *The book of Margery Kempe* não possui nenhum tipo de controle sobre sua obra, desde o início quando temos informações metatextuais dentro do próêmio sobre o processo de escrita e revisão, ou quando tínhamos a voz do escrevente reafirmando que as palavras da autora estavam sendo “fielmente” transcritas, mas que ainda não podemos garantir essas afirmações, em relação à circulação do manuscrito, e principalmente como sobreviveu e recebeu “novas vidas” com as traduções modernas.

Imagino termos como bom ponto de partida o que Genette comenta em *Paratextos editoriais*, de que “traduções devem, de um modo ou de outro, trazer comentários ao texto original”. Somos ali também direcionados/as a uma nota de rodapé que afirma que esses comentários devem ser ainda ponderados e usados com precaução, “porque o direito à infidelidade é um privilégio autoral” (p. 356). Segundo Batchelor (2018), imaginar essa afirmação como algo sério para a área de Estudos da Tradução atualmente é contra-produtivo e irreal, pois nessa linha de pensamento, estaria então a tradução à serviço do original, o que não é produtivo (p. 20). Ela se estende:

Em resumo, então, o papel desempenhado pela tradução na tipologia de Genette tem como premissa uma visão da tradução que não ignora completamente as possibilidades de tomada de decisão carregada de significado que os processos de tradução oferecem, mas que, no entanto, adota uma visão conservadora de mudanças feitas por meio da tradução, vendo as traduções como sinônimos de edições posteriores de um texto original e não envolvendo nenhuma mudança na autoria. Desnecessário dizer que tal visão vai contra a compreensão da tradução que atualmente prevalece na disciplina de estudos da tradução, em que a tradução é vista como um processo criativo de reescrita.⁷² (p. 22)

Colocando a tradução nesse local fechado e cheio de limitações (a tradução voltada à apenas à “fidelidade” ao seu original) muito do que vemos acontecendo hoje em dia dentro da área de tradução é desconsiderado também, como por exemplo: o que a obra pode vir a significar para um público de leitores, à literatura do local, à cultura, o “resgate” de obras e sua

⁷² In summary, then, the role played by translation in Genette’s typology is premised on a view of translation that does not completely ignore the possibilities for meaning-laden decision-making that translation processes offer, but which nevertheless adopts a conservative view of the changes wrought through translation, viewing translations as synonymous with later editions of an original text and involving no change to authorship. Needless to say, such a view runs counter to the understanding of translation that currently holds sway in the discipline of translation studies whereby translation is seen as a creative process of rewriting.

disponibilização, inclusive característica esta recorrente dentro dos estudos feministas da tradução como vimos anteriormente, essa “nova vida” ao texto é essencial e muitas vezes assegurada somente devido à uma tradução, e graças a todo o aparato paratextual trazido pelo/a tradutor/a.

Sobre a questão de independência, tanto da tradução em relação ao texto fonte, mas especialmente ao paratexto da tradução em relação à tradução e ao texto fonte, Batchelor, menciona o trabalho de Theo Herman, *The conference of the tongues* (2007) como um reflexo de seu pensamento:

De maneira geral, quando os paratextos são usados para discutir as opções de tradução, eles se tornam lugares onde a autorreferencialidade inerente da tradução é "elevada à autorreflexividade" (51). Paratextos também são lugares onde os tradutores podem "sinalizar sua agenda" (33) ou sua simpatia ideológica ou antipatia para com o autor ou texto (53). Hermans sugere que este último processo pode ser visto como uma forma de colocar as palavras do autor "como se entre aspas" (56), estabelecendo uma distância crítica entre o tradutor e o texto.⁷³ (BATCHELOR, 2018, p. 32).

Como pesquisadoras e pesquisadores, tradutoras e tradutores, segundo Pellatt (2013) criamos paratextos à partir do momento em que colocamos a caneta no papel (ou os dedos no teclado), pois cada transição de fragmento de texto fonte para o texto alvo, já constitui um ato de explicação, comentário, esclarecimento, reformulação, reestruturação, adaptação e posicionamento. Sendo assim, “a zona de transição é entre língua fonte e língua alvo e também entre cultura fonte e cultura alvo”⁷⁴ (p. 3).

Para prosseguir nosso estudo, e análise perante os projetos tradutórios de cada tradução selecionada, e a trajetória histórica do próprio *The book of Margery Kempe*, é necessário desconsiderar tanto a questão de intencionalidade autoral (de qualquer forma pouco acessível no caso de Kempe) quanto o conceito de tradução como comentário do original trazido por Genette e nos figurar às abordagens ampliadas do papel de paratextos na tradução trazidas por Batchelor, ainda que sem necessariamente utilizar sua terminologia específica.

3.2.1 Autoria

⁷³ More generally, when paratexts are used to discuss translation choices, they become places where the inherent self-referentiality of translation is ‘raised to self-reflexivity’ (51). Paratexts are also places where translators can ‘signal their agenda’ (33) or their ideological sympathy or antipathy towards the author or text (53ff.). Hermans suggests that this latter process can be viewed as a way of putting the author’s words ‘as if between quotation marks’ (56), setting up a critical distance between translator and text and thus providing a frame within which the text itself is to be read.

⁷⁴ The zone of transition is between source and target language and between source and target culture.

Margery Kempe — como muitas mulheres de seu tempo — não foi alfabetizada, logo, não podia de fato ter escrito seu livro com o próprio punho. Ela dependia de seu confessor Robert Spryngolde, que por muitos anos leu livros em voz alta para ela e que conseqüentemente transcreveu partes de suas memórias. Por anos, muitos especialistas e críticos afirmaram que a grande dependência de Margery Kempe em relação aos seus escrivães colocava em xeque a autoria do livro. No entanto, no próêmio do livro, temos informações valiosas (mesmo que sem citar nomes), que nos abrem caminho para investigação tanto de sua autoria, quanto os motivos por trás de elementos narrativos, elementos esses que Donna Stanton (1984) chamaria de “circunstancial, experiencial e autobiográfica”⁷⁵ mas de maneira geral, essencialmente ‘solta’, característica do livro (p. 64):

Thys boke is not wretyn in ordyr cuy thyng aft oþ as it wer don ·/ but lych as þe mater cā to þe creatur in mend whan it schuld be wretyn ·/ for it was so long er it was wretyn þ^t sche had for getyn þe tyme & þe ordyr whan thyngþ befellyn. (Kempe, c.a 1434, p. 5)⁷⁶

O período em que o livro foi escrito foi de muita tensão e mudança socioeconômica, ressaltadas por McAvoy em sua observação sobre o período na Europa: “A Peste Negra na metade daquele século havia reduzido a população em até cinquenta por cento em algumas regiões [...] o que levou [...] a um declínio de demandas por determinadas mercadorias no mercado” (MCAVOY, 2003, p. 11)⁷⁷.

Não obstante, independente do período, as experiências espirituais de Kempe durante sua vida de peregrinação eram o foco que resolvera dar enquanto ditava suas memórias ao escrevente. Temos algumas poucas passagens no livro nas quais o escrivão faz sua voz presente (supostamente Robert Spryngolde), sempre reforçando a ideia de se distanciar da autoria, como por exemplo em:

And þ^e priste [...] copiid þ^e same tretys after hys sympyl cūnyng he held it expedient to honor of þ^e blisful trinite þ^t hys holy werkþ xulde be notifyd & declaryd to þ^e pepil · wh^o it plesyd hym to þe worschip of hys holy name. And þ^o he began to writyn [...] sweche grace as owr lord wrowt in hys sym pyl creatur 3erys þ^t sche leuyd after not alle but sūme of hem aftyr hyr owyn tūge. (Kempe, p.107, c.a 1434).⁷⁸

⁷⁵ circumstantial, experiential, autobiographical

⁷⁶ Este livro não foi escrito em ordem, [com] todas as coisas uma depois da outra como aconteceu, mas como o assunto vinha à mente dessa criatura no momento de ser escrito. Pois foi há tanto tempo antes de ser escrito que ela esqueceu a hora e a ordem que as coisas aconteceram

⁷⁷ The Black Death of mid-century had severely depleted the population by up to fifty percent in some areas [...]which led [...] to a decline in the demand for certain commodities within the marketplace.

⁷⁸ E o padre [...] copiou o mesmo tratado de acordo com seu conhecimento, ele acreditou ser apropriado à honra da Santíssima Trindade, que os sagrados trabalhos de Deus devessem ser notificados e declarados às pessoas,

Sabemos que o relacionamento de Margery Kempe com o mestre Spryngolde era bastante sólido e duradouro: ele é mencionado dezenas de vezes ao longo do livro em capítulos-chave, geralmente em passagens que ele a apoiava em momentos em que sua credibilidade estava em baixa na cidade (não raras as vezes), e lhe dava conselhos pessoais, preocupado com seu bem estar físico e emocional (além de espiritual).

Sendo assim, temos essa pessoa muito próxima de Margery Kempe, mas que não podemos afirmar se fora ou não seu escrevente oficial, e a pergunta continua em aberto, o que nos trouxe até um estudo recente de Sebastian Sobeki, um medievalista especializado em literatura inglesa, história e estudos de manuscritos, e seu artigo *The wrytyng of this tretys: Margery Kempe's son and the authorship of her book* de 2015. Nesse artigo, Sobeki apresenta um documento (uma carta) que joga luz sobre esse mistério, uma evidência que confirma muitos pontos de uma teoria de 1930, criada pela historiadora Joan Wake e a medievalista Hope Emily Allen, a responsável por identificar *The book of Margery Kempe*, de que o escrivão original do livro 1 teria sido John Kempe (filho mais velho de Margery Kempe) enquanto que o livro 2 e proêmio ditados a Robert Spryngolde. É uma carta que “mudou o relacionamento entre texto e contexto”⁷⁹ (p. 276) pois faz a ligação necessária entre a realidade histórica e a realidade apresentada na narrativa. A carta faz parte dos Arquivos Nacionais de Danzigue, na Polônia, que mantinha esse documento assinado por um John Kempe, no dia 12 de junho de 1431. Em seu conteúdo, John Kempe, aparece como o executor da vontade de Robert Brunham de Lynn, apresentando um pedido de dívida contra John Griggis.

A teoria de Wake e Allen, exposta no trabalho de Sobeki (2015), baseou-se em algumas informações sugestivas do proêmio e do início do livro 2, que tratam do filho mais velho de Kempe. Neles, vemos que, por muitos anos, Margery Kempe não tivera interesse em escrever sobre sua vida, até receber uma visão divina que a pediu que o fizesse. Sobeki ressalta que ela não confiava completamente em ninguém para escrever por ela, e que não encontrava, (como revela o próprio proêmio) um “wryter þat wold fulfyllyn hyr desyr · ne 3eue credens to hir felingys”⁸⁰ (KEMPE, p. 3). No entanto, a pessoa que ela aguardava acabou se revelando mais tarde, o que a fez engajar na tarefa de reproduzir suas memórias, a situação dessa pessoa

quando lhe agradasse, para a glória de seu sagrado nome. E então ele começou a escrever [...] sobre as tantas bênçãos que o Senhor lançou sobre esta simples criatura durante os anos que vivera; não todos, mas alguns, como ela as contava a ele de sua própria boca.

⁷⁹ changes the relationship between text and context

⁸⁰ Um escritor que fosse cumprir com seus desejos, nem dar crédito aos seus sentimentos

que ela descreve no proêmio são muito semelhantes à de seu filho. Chamo atenção para a passagem que diz:

vn to þe tym þat a man dwellyng in dewchlond · wech was an englyschman in hys byrth & sythen weddyd in dewchland · & had þer boþe a wyf & a chyld · hauyng good knowlach of þis creatur & of hir desyr · meued I trost · thorw þe holy gost cam in to yngland wyth hys wyfe & hys goodys · & dwellyd wyth þe forseyd creatur · tyl he had wretyn as mech as sche wold tellyn hym for þe tym þat þei wer to gydder and sythen he deyde. (Kempe, c.a 1434, p. 4).⁸¹

Uma enorme coincidência, quando iniciamos o primeiro capítulo do livro 2, e Kempe fala sobre seu filho, nascido na Inglaterra, casado na Alemanha, e que partiu de volta para Lynn depois de muitos anos, com sua esposa e filho, carregando consigo seus pertences e que conhecia “esta criatura”.

No contexto do livro, Margery Kempe se refere a seu filho como um homem que por muito tempo vivera em pecado, longe dos ensinamentos das Sagradas Escrituras e das práticas religiosas, e que depois de sofrer com uma grave doença, resolveu se converter. Nesse aspecto, poderíamos supor que ele era propenso a sofrer novamente com uma grave doença, e é o que acontece ao final, quando ela comenta que seu filho morreu em sua casa em Lynn, assim como seu escrivão misterioso, cujo nome ela se deteve de revelar. Sobecki comenta que o ditado de Kempe a seu escrivão deu-se dentro de limitações de tempo, o que poderia reforçar os dois pontos apresentados: o da carta, segundo a qual ele estaria em Lynn para cobrar uma dívida e demais atividades mercantis, ou o do proêmio, por ele estar doente e não conseguir se manter escrevendo por longas horas. Essa passagem é seguida por outra, que abre possibilidades para Spryngolde como o segundo escrivão: “Than was þer a prest wech þis creatur had gret affecyon to · & so sche comownd wyth hym of þis mater & browt hym þe Boke to redyn (p. 4)⁸²”

Mais ao final do proêmio, vemos como se deu essa “negociação”, como Kempe “convenceu” Spryngolde a escrever para ela, pois no início, ele não tinha plena confiança em Kempe, e não queria se arriscar escrevendo suas memórias e acabar sendo condenado por heresia. Quando o primeiro escrivão morreu, Margery Kempe procurou por esse “padre em quem ela confiava muito”, para dar cabo ao trabalho e revisa-lo; porém, temeroso, alegou não

⁸¹ até o momento em que um homem, que vivia na Alemanha, inglês de nascimento, que havia casado na Alemanha e tinha esposa e filho, tendo um bom conhecimento desta criatura e de seu desejo, movido, acredito, pelo Espírito Santo, veio até a Inglaterra com sua esposa e bens, e morou com essa criatura até que escreveu tanto quanto pôde enquanto estavam juntos. E que mais tarde morreu.

⁸² Então havia ali um padre, por quem essa criatura sentia muita afeição, e então ela conversou com ele sobre essa matéria e trouxe o Livro para que lesse

conseguir entender a escrita do escrivão anterior, pois se tratava de uma mistura de alemão com inglês, talvez uma escrita mais comercial do que literária, o que para esse padre, poderia vir a ser de difícil compreensão, e então pediu que Margery Kempe procurasse por outro padre. Este outro senhor, cujo o nome também não é mencionado, admirou o posicionamento espiritual dela e seu empreendimento, porém, também não aceitou a tarefa e sugeriu que voltasse ao padre anterior. Nessas idas e vindas, o padre, possivelmente Spryngolde, que antes não aceitara, de repente revela que consegue ler e compreender perfeitamente o texto, mudando seu posicionamento; temos a passagem do proêmio referente a esse momento:

þe pste trustyng in hire pyers be gan to redyn þ's booke & it was mych mor esy as hym thowt þā it was be forn tym & so he red it ou be forn þ's creatur euy word · sche sū tym helpyng where ony difficulte was (Kempe, c.a 1434, p. 5)⁸³

Essa mudança repentina nos faz polemizar: será que foi operado um milagre que o permitiu ler sem nenhuma explicação lógica? Ou teria ele se aproveitado do fato de Kempe ser iletrada para mentir sobre as dificuldades encontradas no manuscrito? Teria ele compreendido o texto desde o primeiro momento? Sobre esse tópico, Sobecki comenta:

é difícil de entender como a caligrafia do baixo-alemão da metade do século XV, mesmo que com caracteres cursivos informais, originado em Danzigue poderia apresentar problemas para um leitor bem-educado de Lynn, uma cidade que já vira um volume considerável de correspondências de Danzigue desde o início do século XIV. (2015, p. 270)⁸⁴

Para concluir, realmente seria ótimo se tivéssemos obtido provas que nos levassem a um desfecho nessa dissertação, constatando John Kempe como o primeiro escrivão, e Robert Spryngolde como segundo escrivão e revisor. Entretanto, a única certeza que temos é que Salthows assina como o copista do manuscrito que sobreviveu. Ainda é possível que existam provas documentais que podem novamente mudar o debate sobre autoria do *The book of Margery Kempe*, mas vejo ser importante perceber como ele é um trabalho colaborativo fantástico, encabeçado por uma mulher visionária que já tinha o livro pronto em sua mente anos antes de começar a ditá-lo.

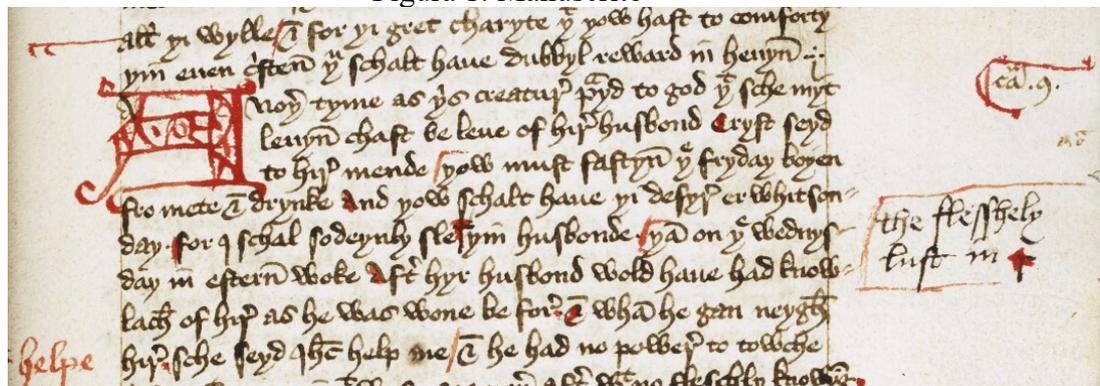
3.2.2 Edição

⁸³ O padre, confiando em suas orações, começou a ler este livro e estava muito mais fácil do que ele julgara antes. E então ele leu cada palavra para esta criatura, e ela, às vezes auxiliando-o onde havia alguma dificuldade.

⁸⁴ it is difficult to see how mid-fifteenth-century Low German handwriting—even informal cursive scripts—that originated in Danzig could have presented problems for an educated reader from Lynn, a town that had seen a considerable volume of correspondence from Danzig since the early fourteenth century.

Por coincidências insólitas, as dificuldades em responder perguntas sobre autoria ainda refletem quase 400 anos depois nas questões editoriais da primeira versão moderna do livro. Sabemos até agora que *The book of Margery Kempe* teve múltiplos escreventes, que foi ditado por Margery Kempe sem apego à linearidade e cronologia dos acontecimentos, e que fragmentos e passagens de seu livro foram publicados em 1501 e 1521. Porém, outra incógnita aparece, pois por muitos anos o manuscrito de Salthows foi “propriedade” do monastério Cartuxo de Mount Grace, no norte do condado de Yorkshire, na Inglaterra. Lá, o manuscrito foi marcado e “corrigido” por alguém, como podem observar na imagem:

Figura 1: Manuscrito



Facsimile disponibilizado pela British Library. Disponível em: <<http://english.selu.edu/humanitiesonline/kempe/bibliography.php>>

Até onde essa pesquisa pôde ir, não foram encontradas explicações sobre o movimento do manuscrito de Lynn para outro local, e nem o motivo, depois de tantos anos sob posse dos Cartuxos, acabou na biblioteca particular do tenente-coronel William Erdeswick Ignatius Butler-Bowdon, onde permaneceu até o ano de 1934, quando foi redescoberto. Em uma carta para *The Times*, Bowdon escreve: “O manuscrito esteve na estante da biblioteca em Plasington Old Hall, em Lancashire... desde sempre, pelo que me lembro”.⁸⁵ No mesmo ano o documento foi levado ao Victoria and Albert Museum e eventualmente identificado pela historiadora medieval Hope Emily Allen. John Skinner, na introdução de sua tradução de *The book of Margery Kempe* comenta que “os Cartuxos eram ótimos copistas desses tipos de textos, e supõe-se que Salthouse (ou Salthows) foi um monge do coro por lá” (p. 1).⁸⁶

⁸⁵ ‘the manuscript has lain in a Bookshelf in the library of Plesington Old Hall, Lancashire... ever since I can remember’

⁸⁶ Charthusians were great copyists of such texts, it is generally supposed that Salthouse was a choir monk there

De acordo com Julie Chapell, autora do livro *Perilous passage: The book of Margery Kempe, 1534-1934* (2013), no dia 22 de outubro de 1934, uma carta de Hope Emily Allen para um de seus amigos “Dr. Flower”, falava sobre um acordo verbal entre partes (p. 75), se referindo ao acordo entre a família Butler-Bowdon, a própria Allen, Sanford Brown Meech, escritor e editor do *Middle English Dictionary* (1933) e a EETS (The Early English Text Society) para o lançamento da versão em inglês moderno. No entanto, houve um descumprimento desse acordo.

John Hirsh (1988) revela que Allen convidou Meech para colaborar na edição do *The book of Margery Kempe*. No entanto, Meech começou a destratar Allen e tentar assumir o controle sobre a edição; em uma carta de Allen escrita na época, ela diz:

Eu descobri que quando a edição foi atribuída ao Sr. Meech, presumiu-se que eu havia desistido de toda e qualquer colaboração... Eu estou ocasionalmente colocada na odiosa situação de dar o lembrete: “Estou escrevendo a Introdução e as notas sobre misticismo”. (*apud.* HIRSH, 1988, p. 119)⁸⁷

O trabalho foi então publicado duas vezes, em 1936, com Meech e Bowdon, e em 1940 com Meech, Bowdon, Allen e a EETS, que não pôde concordar com a atitude misógina de Meech em relação a Allen, e não participaram da primeira versão. Naquele momento, o fato de Allen ser uma pesquisadora profissional, historiadora e escritora, foi minado pelo fato de ser uma voz feminina dentro de uma profissão e área de especialidade extremamente gendrada.

O primeiro volume lançado em 1936 marcou a comemoração dos 400 anos do manuscrito e ficou também conhecido como a “versão popular”. Quatro anos depois, foi publicada a edição com a participação de Hope Emily Allen, sendo a responsável pela introdução e notas. Essa versão é a mais antiga que utilizamos nesta dissertação já que não reconhecemos a edição usurpada, em que se exclui a participação essencial de Allen.

Carolyn Dinshaw (2012) explica que Allen trabalhou em uma extensa pesquisa e em suas notas até o último momento antes do lançamento.

Hope Allen fez um trabalho inovador criando conexões entre as práticas devocionais medievais na Inglaterra e no continente Europeu. Ela trouxe à luz mulheres místicas continentais, como a consagrada Dorothea von Montau, Angela de Foligno, e Margaret Ebner, para melhor entendimento do estilo devocional de Margery Kempe em Anglia Oriental. Allen estava preocupada em compreender o local de vivência de Margery e mostrar como as ideias dessas místicas continentais chegaram até Margery. (p. 120)⁸⁸

⁸⁷ I have found that when Mr Meech was assigned the editing of the text it was assumed in some quarters that I had given up all collaboration...I am occasionally put in the hateful situation of giving the reminder “I am writing the Introduction, and the notes on Mysticism”

⁸⁸ Hope Allen did path-breaking work making connections between late medieval devotional practice in England and on the European continent. She brought to bear Continental women mystics—such as the Blessed Dorothea

Afinal, “o que ela [Hope Emily Allen] realmente queria era produzir uma introdução sintetizando os elementos do misticismo com a história social”⁸⁹ (p. 120), deixando a promessa que seus estudos completos seriam lançados em um segundo (ou no caso, terceiro) volume do *The book of Margery Kempe*, mas esse livro nunca saiu.

Seu cuidado com as pesquisas e a constante revisão de seus textos teóricos, a nota prefatória e demais notas, ressalta que uma de suas principais preocupações era evitar que a imagem de Kempe continuasse atrelada ao estigma de fanática religiosa, histérica, analfabeta, hipócrita ou simplesmente “louca”.

Além das traduções trabalhadas neste trabalho, que são todas vertidas do inglês médio para o inglês moderno, encontramos também outras duas traduções para o francês: *Le livre: une mystique anglaise au temps de l'hérésie lollarde*, traduzido por Daniel Vidal (1987), e *Le livre de Margery Kempe: une aventurière de la foi au Moyen Âge*, em tradução de Louise Magdinier (1989). Uma versão em espanhol, mencionada anteriormente neste trabalho é *Libro de Margery Kempe: La mujer que se reinventó a sí misma*, em tradução de Salustiano Moreta Velayos (2012) e uma versão em italiano, *Il Libro di Margery Kempe. Autobiografia spirituale di una laica del Quattrocento*, traduzida por Gabriela Del Lungo Camiciotti (2002).

Além destes volumes impressos, há também um audiolivro em formato de fita cassete, chamada somente de “Margery Kempe” (1996), cuja a tradução é a de Tony D. Triggs, em primeira pessoa, lida por Maggie Secker, produzida pela Talking Bookshop, em Londres. E para concluir, foi encontrado também um romance baseado na história de Margery Kempe, intitulado também somente como *Margery Kempe* (2020), escrito por Robert Glück, que traz de forma indireta a trajetória de Kempe para incorporar sua própria história em um romance entre personagens nos dias atuais.

3.3 5 TRADUTORES, 2 TRADUTORAS

Partimos para a busca da identidade dos/as tradutores/as, e para isso, como forma de introduzir essa seção da pesquisa, trago Cristina C. Rodrigues (2014), em seu artigo *(Re)lendo clássicos: Trajetos de Pesquisa*, onde explica de maneira prática os três pilares para auxiliar

von Montau, Angela of Foligno, and Margaret Ebner—on the understanding of Margery Kempe’s devotional style in East Anglia. Allen was concerned to understand the local life of Margery as well, and to show how those Continental mystical ideas reached Margery

⁸⁹ what she really wanted to produce, a general introduction synthesizing the mystical elements with social history.

nessa busca (originalmente idealizados por Antoine Berman em seu trabalho *Pour une critique des traductions*, de 1995): a posição tradutória; o projeto de tradução e o horizonte tradutório:

A concepção do tradutor, sua posição tradutória, seria uma espécie de compromisso entre como ele percebe sua tarefa e como ele internalizou o discurso histórico, social, literário, ideológico, sobre o traduzir.” [...] O projeto seria determinado tanto pela posição tradutiva quanto pelas especificidades da obra a ser traduzida e é o que direcionaria a prática tradutória, como ela é realizada. (RODRIGUES, p. 118)

Dessa forma, a posição e o projeto tradutório se encontram em um mesmo horizonte, uma espécie de “conjunto de parâmetros linguísticos, literários, culturais e históricos que ‘determinam’ o sentir, o agir e o pensar de um/a tradutor/a”⁹⁰ (BERMAN, 1995, p. 79). Essas mediações estão envolvidas na construção da identidade do/a tradutor/a assim como em seus projetos de tradução.

Abaixo levantei informações como: idiomas que o/a tradutor/a trabalha/trabalhou, qual seu contexto acadêmico (ou não), que obras traduziu ou escreveu, se ele apresenta notas explicativas sobre a tradução ou notas de tradução propriamente ditas, e quanto revela de suas práticas nessas notas. É importante também verificar se são os/as editores/as do livro ou somente tradutores/as, e se possuem obras dentro e/ou fora da área. Analisar essas mediações tanto quando confrontamos uma tradução com o texto fonte, mas especialmente quando confrontamos as traduções **entre si**, pode nos colocar em um percurso bem sucedido pela busca dessa identidade. Enfim, esta seção é reservada para explorar um pouco sobre o perfil de cada tradutor/a (elementos epítexuais) e exposição dos elementos peritexuais de cada obra. Embora os livros existam em formato impresso, nem todos puderam ser acessados dessa forma. Assim, embora mostre-se a capa do livro impresso, quando o acesso se deu por formatos digitais, essa informação consta da tabela.

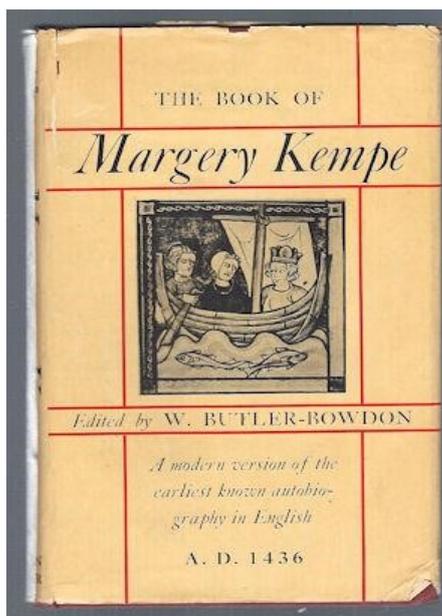
3.3.1 William Butler-Bowdon

William Erdeswick Ignatius Butler-Bowdon teve uma carreira como Tenente-Coronel, residiu em Derbyshire, Inglaterra, e foi em uma de suas propriedades que a única cópia do manuscrito de *The book of Margery Kempe* foi encontrado, por volta de 1934. Retendo os direitos sobre a obra, resolveu trabalhar com Sanford Brown Meech, na época já escritor e editor do *Middle English Dictionary* lançado em 1933, com o intuito de publicar uma “versão

⁹⁰ comme l'ensemble de paramètres linguistiques, littéraires, culturels et historiques qui déterminent le sentiment, l'action et la pensée du traducteur

moderna”, que saiu dois anos depois, em 1936, como forma de comemorar os 400 anos do manuscrito. Mais tarde, seria lançado o segundo volume, como mencionado anteriormente, com a participação de Hope Emily Allen e a EETS, em 1940, versão essa que decidi elencar para o corpus dessa pesquisa.

Figura 2: Capa *The book of Margery Kempe* (1940)



Fonte: University of Surrey. Disponível em: <<https://blogs.surrey.ac.uk/medieval-women/2018/05/08/meeting-margery-kempe/>>

Quadro 1: Informações peritextuais *The book of Margery Kempe* (1940) de William Butler-Bowdon.

Tipo de peritexto		Destaque para informações trazidas e ausentes relevantes (indicado com ND = não disponível)
Peritexto editorial:	Formato acessado	Texto eletrônico (PDF)
	Coleção/Série	The Early English Text Society Edition
	Capa	Título, editor, versão moderna, ano em que o manuscrito foi produzido
	Lombada	ND
	4ª capa/contracapa	ND
	Orelhas	ND
	Anexo	Informações contextuais de Igrejas, eventos religiosos e locais. Cronologia da vida de

		Margery Kempe, partes seleccionadas da versão de Wynkyn de Worde ⁹¹ , de 1501 e index.
	Ficha catalográfica	Informação de nascimento e morte de Margery Kempe, local, informação sobre a 1 ^o edição de 1936, nome da coleção e local de impressão.
	Folha de rosto	Título, tradutor, responsável pela Introdução (Hope Emily Allen), nome do responsável pela publicação (Geoffrey Cumberledge) e editora (Oxford University Press)
	Tiragem	ND
	Introdução	Sim, de Hope Emily Allen
Dedicatória		Não
Conteúdo prefacial		Sumário com capítulos
Notas	Autorais	Não
	Editorais	Explicativas e de cunho histórico, de William Butler-Bowdon
	De tradução	Não
Notas explicativas	Localização	Não há numeração ou sinalização ao longo do texto. Notas ao final na sessão “apêndice” em formato de glossário. Intertítulos para cada capítulo.
Projeto de tradução		Primeira versão traduzida para o inglês moderno, ficou conhecida como a “versão popular”.

3.3.2 Barry Windeatt

Barry Windeatt é professor de Inglês do Emmanuel College, na Universidade de Cambridge, Reino Unido. Foi diretor de Estudos em Inglês por 18 anos, tutor de admissões em artes, tutor para alunos avançados, e tutor financeiro durante os anos 80 e 90. Atuou também como bibliotecário e arquivista, sendo o responsável pela coleção de livros raros e da curadoria de retratos e pinturas da Universidade.

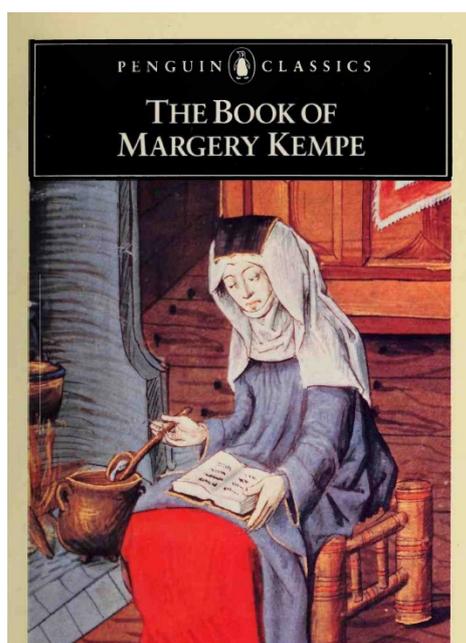
Sua área de especialidade é Literatura Medieval, mas transita entre as áreas de Literatura Mística, Literatura Comparada e Artes Visuais, ressaltando especialmente os autores Geoffrey Chaucer, Julian de Norwich e Margery Kempe em seus principais trabalhos, críticas e

⁹¹ *Here begynneth a shorte treatyse of contemplacyon taught by our lorde Jhesu cryste, or taken out of the boke of Margerie kempe of Lynn*

tradução: *Troilus and Criseyde* (1998), *Chaucer's Dream-Poetry: sources and analogues* (1982) e *The book of Margery Kempe* (1985).

Publicou também uma antologia chamada *English Mystics of the Middle Ages* (1994); e atuou como editor e co-editor em outras edições do *The book of Margery Kempe* e mais recentemente *Julian of Norwich: Revelations of Divine Love* (2016).

Figura 3: Capa *The book of Margery Kempe* (1985)



Fonte: University of Surrey. Disponível em: <<https://blogs.surrey.ac.uk/medieval-women/2018/05/08/meeting-margery-kempe/>>

Quadro 2: Informações peritextuais *The book of Margery Kempe* (1985) de Barry Windeatt

Tipo de peritexto		Destaque para informações trazidas e ausentes relevantes (indicado com ND = não disponível)
Peritexto editorial:	Formato acessado	Texto eletrônico (PDF)
	Coleção/Série	Penguin Classics
	Capa	Editadora (Penguin), logo, título e ilustração
	Lombada	ND
	4ª capa/contracapa	Editadora, logo, título, nome do tradutor e responsável pela introdução (Barry Windeatt),

		texto curto sobre a vida de Margery Kempe, informação sobre ilustração, gênero do livro, preço sugerido e código de barras.
	Orelhas	ND
	Anexo	Cronologia da vida de Margery Kempe e sugestões de leitura.
	Ficha catalográfica	Editora, informações sobre a editora, local, ano de publicação, tradutor e local de impressão.
	Folha de rosto	Editora, logo, resumo da vida de Margery Kempe e minibiografia do tradutor
	Tiragem	ND
	Introdução	Sim, de Barry Windeatt
Dedicatória		Não
Conteúdo prefacial		Sumário e duas epígrafes
Notas	Autorais	Não
	Editorais	Não
	De tradução	Sim, de Barry Windeatt
Notas explicativas	Localização	Palavras numeradas com as notas correspondentes ao final do livro, onde há também a divisão das notas em cada capítulo.
Projeto de tradução		Primeira versão produzida no meio acadêmico por um professor especialista na área de Literatura medieval.

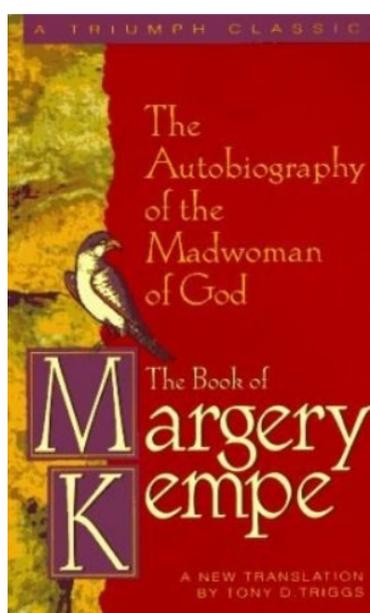
3.3.3 Tony D. Triggs

Tony D. Triggs foi professor na área de Humanidades do Bingley College of Education, professor de Linguística na College of Ripon na York St John University, Reino Unido, durante os anos 70. Atualmente é escritor, professor associado no Trinity College na área de Música e Piano, professor particular de língua inglesa e também fundador do International Song Project.

Grande parte de suas obras são da área da História, com obras sobre civilizações antigas: *Ancient Egyptians* (1985), *Viking Britain* (1990), *The Aztecs* (2006), e períodos históricos: *Germany between the Wars* (1991), *A History of Medicine* (1988), *Founders of Religion* (1981). Além destes, também possui obras na área de Literatura Infantil como *The Gibleteers* (1986), *To David and Rosie* (1987) e *Fisherman Fred* (1994).

Sua primeira, e até o presente momento, única tradução, foi *The book of Margery Kempe: The Autobiography of the Madwoman of God* de 1995, que foi relançado em uma edição mundial em 2018. Por ser seu primeiro trabalho tradutório, talvez algumas perguntas futuras podem ser debatidas, como por exemplo, a liberdade de trocar o foco narrativo para primeira pessoa (como viria fazer também John Skinner em 1998), seu posicionamento perante a pessoa/personagem Margery Kempe, e quanto suas escolhas para o próprio projeto de tradução.

Figura 4: Capa *The book of Margery Kempe: The Autobiography of the Madwoman of God* (1995)



Fonte: MW Books. Disponível em: < <https://www.mwbooks.ie/pages/books/70575/margery-kempe-b-ca-1373/the-book-of-margery-kempe-the-autobiography-of-the-madwoman-of-god-a-new-translation-by-tony-d-triggs> >

Quadro 3: Informações peritextuais *The book of Margery Kempe* (1995) de Tony D. Triggs.

Tipo de peritexto		Destaque para informações trazidas e ausentes relevantes (indicado com ND = não disponível)
Peritexto editorial:	Formato acessado	Brochura, capa comum
	Coleção/Série	A Triumph Classic
	Capa	Editora (Liguori Publication), subtítulo, título, tradutor
	Lombada	Título, tradutor, editora e logo
	4ª capa/contracapa	Preço sugerido, release de Sigrid Undset, texto curto sobre o livro e a vida de Margery

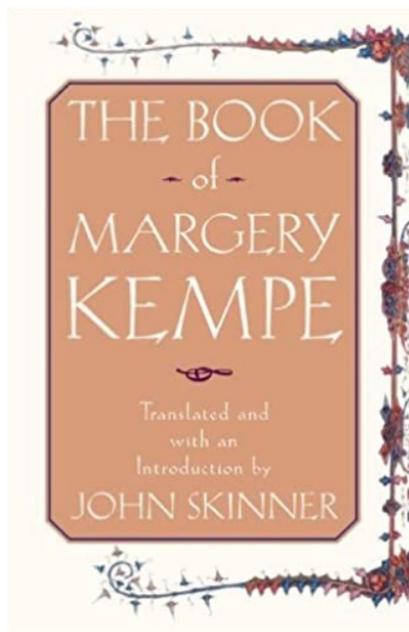
		Kempe, minibiografia, release da editora, logo, nome da editora e código de barras.
	Orelhas	ND
	Anexo	Mapa da trajetória de peregrinação de Margery Kempe e leituras sugeridas.
	Ficha catalográfica	Editora, ano, local, tradutor, ano, nome da coleção, gênero do livro e local de impressão.
	Folha de rosto	Título, subtítulo, tradutor, nome e logo da editora e local.
	Tiragem	ND
	Introdução	Sim, de Tony D. Triggs
Dedicatória		Sim
Conteúdo prefacial		Sumário e duas epígrafes
Notas	Autorais	Não
	Editorais	Não
	De tradução	Sim, de Tony D. Triggs
Notas explicativas	Localização	Não há nenhum tipo de notas explicativa em rodapé e nem ao fim
Projeto de tradução		Primeira versão com o foco narrativo em primeira pessoa. Esta foi a versão mais vendida do <i>The book of Margery Kempe</i> e em 2018 foi relançado mundialmente.

3.3.4 John Skinner

John Skinner é escritor e palestrante sobre temas espirituais. Ex-jornalista, trabalhou por anos no *The Times of London*. Durante treze anos estudou em um monastério para se tornar um padre jesuíta, e ao longo deste período de estudos religiosos, teve acesso pela primeira vez aos escritos místicos medievais, sendo o primeiro deles os de Julian de Norwich.

A partir de então suas pesquisas giraram em torno dos trabalhos de místicos, místicas, santos e santas da Idade Média; escreveu *Hear Our Silence* (2003), onde revela o cotidiano da comunidade dos Cartuxos Ingleses onde viveu; *Sounding the Silence* (2007), sobre o silêncio meditativo e a tradição da oração; além de suas principais traduções: *Revelations of Divine Love* (1997) de Julian de Norwich, *The Confession of St. Patrick* (1998) e a própria tradução do *The book of Margery Kempe* (1998).

Figura 5: Capa *The book of Margery Kempe* (1998)



Fonte: Google Book. Disponível em: < https://books.google.com.br/books?id=qyl5usrKCv4C&hl=pt-BR&source=gbs_book_other_versions >

Quadro 4: Informações peritextuais *The book of Margery Kempe* (1998) de John Skinner.

Tipo de peritexto		Destaque para informações trazidas e ausentes relevantes (indicado com ND = não disponível)
Peritexto editorial:	Formato acessado	Kindle (com capa genérica)
	Coleção/Série	ND
	Capa	Título, nome do tradutor e responsável pela introdução (John Skinner)
	Lombada	ND
	4ª capa/contracapa	ND
	Orelhas	ND
	Anexo	Cronologia da vida de Margery Kempe
	Ficha catalográfica	Editora (Doubleday), local, tradutor, gênero literário, demais informações técnicas, ano e nome do autor novamente
	Folha de rosto	ND
	Tiragem	ND

	Introdução	Sim, John Skinner, contextual, explicativa e histórica
Dedicatória		ND
Conteúdo prefacial		Sumário
Notas	Autorais	Não
	Editorais	Não
	De tradução	Não
Notas explicativas	Localização	Palavras numeradas e notas ao final de cada capítulo
Projeto de tradução		Segunda tradução com o foco narrativo em primeira pessoa. A tradução se destaca pela atenção colocada sobre as explicações de cunho religioso de maneira geral.

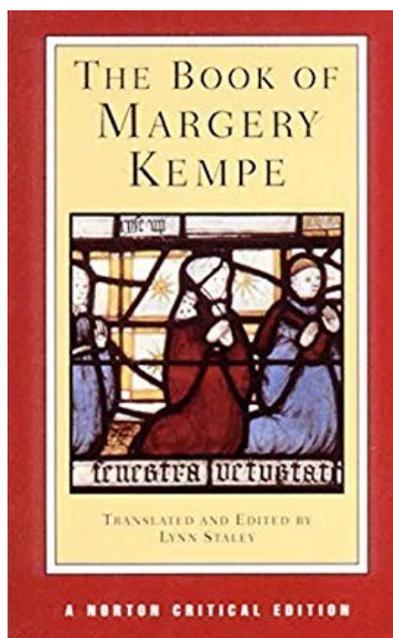
3.3.5 Lynn Staley

Lynn Staley é professora em Humanidades e Estudos Renascentistas e Medievais no Departamento de Inglês da Colgate University, Nova York, EUA. Ela é especialista em Cultura e Literatura Medieval, e primórdios da Literatura Renascentista, Chaucer e escritoras medievais, como Margery Kempe.

Membro da New Chaucer Society, atuou também como editora e revisora na *Speculum*, uma revista da Medieval Academy of America.

Entre seus principais trabalhos estão os *Personal Identity, in A Companion to Chaucer* (2000), *Translating Communitas, in Imagining a Medieval English Community* (2004), *Margery Kempe's Dissenting Fictions* (1994), mais recentemente *The Island Garden: England's Language of Nation from Gildas to Marvell* (2012) e *Following Chaucer: Offices of the Active Life* (2020), e fundamentalmente sua tradução do *The book of Margery Kempe* de 2001, um trabalho publicado pela Norton Critics Edition, em parte como uma espécie de reedição “melhorada” da versão publicada em 1996 pela The Medieval Institute, já que esta versão presente neste estudo apresenta também paratextos importantes como textos críticos, léxico, mapas, notas explicativas apresentada a seguir:

Figura 6: Capa *The book of Margery Kempe* (2001)



Fonte: WorldCat. Disponível em: < <https://www.worldcat.org/title/book-of-margery-kempe-a-new-translation-contexts-criticism/oclc/44426807>>

Quadro 5: Informações peritextuais *The book of Margery Kempe* (2001) de Lynn Staley.

Tipo de peritexto		Destaque para informações trazidas e ausentes relevantes (indicado com ND = não disponível)
Peritexto editorial:	Formato acessado	Brochura, capa comum
	Coleção/Série	Norton Critical Editions
	Capa	Título, ilustração, nome da tradutora e editora Lynn Staley, nome da edição
	Lombada	“Kempe”, título, nome (w.w norton & company) e logo da editora
	4ª capa/contracapa	Título, curto texto sobre a vida de Margery Kempe, informação sobre a série e editora, informação sobre a ilustração, nome e logo da editora e local.
	Orelhas	ND
	Anexo	Mapa da Inglaterra Medieval, léxico, Seção “Context” com três textos históricos ⁹² , Seção “Criticism” com nove textos críticos ⁹³ sobre o livro e bibliografia

⁹² Os textos são os: *From the Constitutions of Thomas Arundel*, *From Meditations on the Life of Christ*, *From the Shewings of Julian of Norwich* e *From The book of Saint Bride*, escritos por Lynn Staley; e o *From The Life of Marie d’Oignies*. escrito por Jacques de Viltry.

⁹³ Os textos críticos são: *Female Sancticity in the Late Middle Ages*, de Clarissa W. Atkinson; *Authorship and Authority*, de Lynn Staley; *From Utterance to Text*, de Karma Lochire; *The Making of Margery Kempe: Individual*

	Ficha catalográfica	Editora, ano, edição, informações técnicas de papel e impressão, gênero literário, local da editora e impressão.
	Folha de rosto	Editora, edição, título, nome das seções do livro, nome da tradutora e editora, local e logo da editora.
	Tiragem	ND
	Introdução	Sim, de Lynn Staley
Dedicatória		Sim
Conteúdo prefacial		Sumário, nome de outras publicações da editora.
Notas	Autorais	Não
	Editorais	Sim, de Lynn Staley
	De tradução	Sim, de Lynn Staley
Notas explicativas	Localização	Palavras numeradas e notas no rodapé em cada página
Projeto de tradução		Segunda tradução criada no meio acadêmico por uma especialista em cultura e literatura medieval. A obra é a que mais possui peritextos, se tornando uma espécie de guia de estudos bastante completo. Dessa forma, sendo a versão mais direcionada ao público acadêmico.

3.3.6 Liz Herbert McAvoy

Liz Herbert McAvoy é professora de Literatura Inglesa e Escrita Criativa na Universidade de Swansea, País de Gales no Reino Unido desde 2015. Ela é especialista em Literatura Medieval escrita por mulheres e seus interesses transitam sobre as relações de gênero em obras de, para e sobre mulheres, literatura mística medieval, religião no período da Idade Média e a vida reclusa de mulheres anacoretas. Estão incluídos em seus principais trabalhos o livro *Authority and the Female Body in the Writings of Julian of Norwich and Margery Kempe* (2004) e a sua tradução “abreviada” do *The book of Margery Kempe* (2003), parte de minha análise.

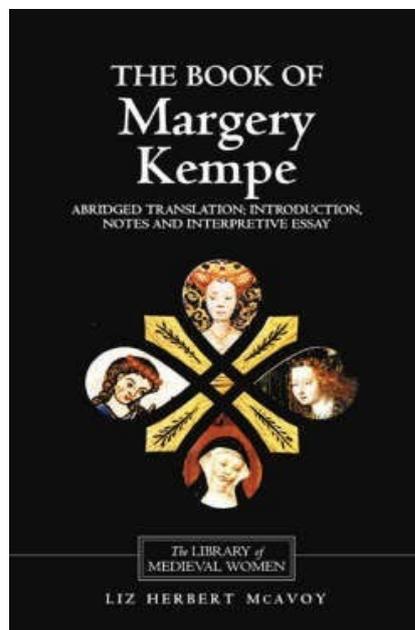
and Community, de David Aers; *Historicizing Margery: The Book of Margery Kempe as a social text*, de Kaateen Ashley; *St. Margery: The Book of Margery Kempe*, de Gail McMurray Gibson; *Margery Kempe’s Imitatio*, de Sarah Beckwith; *Lake Medieval Eucharistic Doctrine*, de Caroline Walker Bynum, e por fim, *Arundel’s Constitutions*, de Nicholas Watson.

McAvoy é membro da Royal Society of Arts de Londres e também do Society of Medieval Feminist Scholarship dos Estados Unidos, vem atuando como editora e co-editora de obras como *Consuming Narratives: Gender and Monstrous Appetite in the Middle Ages and the Renaissance* (2002) e *Anchorites Wombs and Tombs Intersections of Gender and Enclosure in the Middle Ages* (2005), além de múltiplas participações também organizando coletâneas, editando ensaios e promovendo palestras sobre o tema.

Por fim, mais recentemente participou em um projeto colaborativo com a medievalista e professora Diane Watt do livro *The History of British Women's Writing, 700-1500* (2012).

No caso de McAvoy, ela é a única que propõe uma adaptação do *The book of Margery Kempe*, sendo assim, sua edição contém um subtítulo escrito “An Abridged Translation”. O trabalho é dividido em categorias consideradas importantes para ela como maternidade e sexualidade, já que ela faz de seu texto crítico algo ativamente integrado ao texto de Kempe, dialogando sistematicamente do início ao fim. Apesar de ser traduzido do inglês médio, nessa versão nem todos os capítulos e passagens do texto fonte são traduzidos.

Figura 7: Capa *The book of Margery Kempe: An Abridged Translation* (2003)



Fonte: Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/The_Book_of_Margery_Kempe.html?hl=ms&id=t4vFdxYIRBgC&utm_source=gb-gplus-shareThe>

Quadro 6: Informações peritextuais *The book of Margery Kempe* (2003) de Liz Herbert McAvoy.

Tipo de peritexto		Destaque para informações trazidas e ausentes relevantes (indicado com ND = não disponível)
Peritexto editorial:	Formato acessado	Brochura, capa comum
	Coleção/Série	The Library of Medieval Women
	Capa	Título, ilustração, nome da série, nome da tradutora
	Lombada	Título, nome da tradutora, nome da editora (Brewer)
	4ª capa/contracapa	“Margery Kempe”, texto curto sobre a vida de Margery Kempe, minibiografia da tradutora, informação sobre a ilustração, série, código de barras, editora e local.
	Orelhas	ND
	Anexo	Lista de abreviações, ensaio interpretativo ⁹⁴ , apêndice com textos selecionados da versão de Wynkyn de Worde, de 1501, bibliografia e index
	Ficha catalográfica	Tradutora, ano, editora, local, gênero literário, demais informações técnicas e local de impressão.
	Folha de rosto	Título, subtítulo, informa que é traduzido do inglês médio, informação das seções, tradutora, local e editora.
	Tiragem	ND
	Introdução	Sim, de Liz Herbert McAvoy
Dedicatória		Sim
Conteúdo prefacial		Sumário
Notas	Autorais	Não
	Editorais	Sim, de Jane Chance
	De tradução	Sim, de Liz Herbert McAvoy
Notas explicativas	Localização	Palavras numeradas e notas no rodapé em cada página
Projeto de tradução		Primeira e única tradução adaptada do <i>The book of Margery Kempe</i> . Uma das versões com maior atenção em explicar através de peritextos questões específicas de sexo, voz e autoridade, e maternidade. Esta versão parece também direcionada ao público acadêmico, já que não tem interesse em apresentar a história

⁹⁴ *Wonderfully turnyng & wrestyng hir body: Agonies, Ecstasies, and Gendered Performances in The Book of Margery Kempe*, por Liz Herbert McAvoy

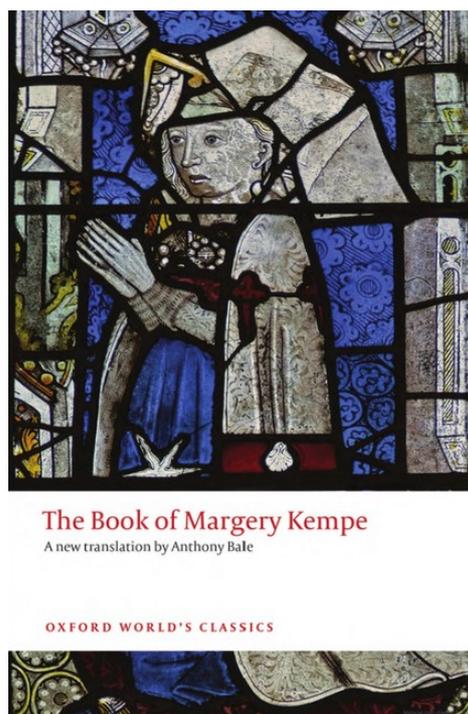
	completa de Kempe e está constantemente interligada à peritextos críticos e teóricos.
--	---

3.3.7 Anthony Paul Bale

Anthony Bale atualmente é reitor executivo na School of Arts, na Birkbek University of London. Atuou como professor de Inglês no programa de graduação e também no mestrado nas áreas de literatura medieval e cultura. Atua também orientando estudantes de doutorado quando relacionado à temas voltados à literatura medieval e é presidente do New Chaucer Society.

Grande parte de seu trabalho explora as relações entre cristãos e judeus na Europa medieval (especialmente na Inglaterra) e a literatura mística e histórias de peregrinação. Ele também editou e traduziu vários textos medievais e novas traduções e edições de *The Book of Marvels & Travels* (2012) de John Mandeville, *The book of Margery Kempe* (2015)(volume presente neste trabalho) e *Medieval English Travel* (2019) todos publicados em parceria com a Oxford University Press. Seu trabalho atual explora viagens, livros e peregrinação entre a Inglaterra e a Terra Santa no final da Idade Média. Segundo sua biografia no endereço eletrônico da Birkbek University of London, há um novo estudo sobre Margery Kempe sendo realizado no momento e que será publicado ainda nesse ano de 2021.

Figura 8: Capa *The book of Margery Kempe* (2015)



Fonte: Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=66zbBQAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=one-page&q&f=false>

Quadro 7: Informações peritextuais *The book of Margery Kempe* (2015) de Anthony Bale.

Tipo de peritexto		Destaque para informações trazidas e ausentes relevantes (indicado com ND = não disponível)
Peritexto editorial:	Formato acessado	Brochura, capa comum
	Coleção/Série	Oxford World's Classics
	Capa	Título, tradutor e nome da coleção
	Lombada	Título e nome da Universidade de Oxford
	4ª capa/contracapa	Texto curto sobre a vida de Margery Kempe, conteúdo da edição, tradutor, informação sobre a ilustração e editora (Oxford University Press)
	Orelhas	ND
	Anexo	Bibliografia, notas sobre dinheiro na Idade Média, cronologia da vida de Margery Kempe, mapa da Europa medieval, mapa da Inglaterra medieval, glossário, index e informações sobre o endereço eletrônico da Oxford University Press.

	Ficha catalográfica	Editora, local, tradutor, ano, informações técnicas e local de impressão
	Folha de rosto	Nome da coleção, título, nome do tradutor e responsável pela introdução e notas (Anthony Bale)
	Tiragem	ND
	Introdução	Sim, de Anthony Bale
Dedicatória		Sim
Conteúdo prefacial		Resumo sobre a vida de Margery Kempe, minibiografia do tradutor, informações sobre a editora e sumário.
Notas	Autorais	Não
	Editorais	Sim (sem identificação específica)
	De tradução	Sim, de Anthhony Bale
Notas explicativas	Localização	Palavras marcadas apenas com asterisco e notas “soltas” ao final do livro.
Projeto de tradução		Terceira e última tradução (até o presente momento) criada no meio acadêmico por um especialista em Literatura medieval. Esta tradução revela ser uma das mais “completas” tanto em materiais peritextuais como também epitextuais (entrevistas e aulas sobre o livro).

Após apresentar propriamente cada uma das versões traduzidas do *The book of Margery Kempe*, podemos partir para o cotejo e análise das mesmas.

4 “REMYSSYON OF MY SYNNE”: ANALISANDO AS TRADUCÇÕES DE *THE BOOK OF MARGERY KEMPE*

Após a exploração, no capítulo anterior dos projetos de tradução, por meio do paratexto e de informações sobre quem assina o trabalho, dá-se continuidade aqui ao contraste dos projetos por meio de cotejo das traduções a análises das escolhas feitas por cada tradutor/a no que diz respeito mais especificamente aos temas que nos interessam. Os capítulos escolhidos para análise foram os 3 e 4, encontrados sob a rubrica de [*On female celibacy*] e [*Her temptation to adultery*] na *Norton anthology of literature by women* de 1985, escrito e organizado por Sandra Gilbert e Susan Gubar. A organização dos cotejos não segue a ordem dos capítulos nem dentro deles, mas baseia-se em assuntos, ou temas recorrentes.

Os temas são 1) **comportamento/sentimento**: com passagens nas quais Margery Kempe aponta o que estava sentindo enquanto fazia algo, ou suas impressões sobre o que vivenciava. 2) **Linguagem gendrada**: todas as vezes que o “masculino universal” foi reparado, apontado e como os/as tradutores/as lidaram com isso (se lidaram). 3) **Religião**: quando discuto um pouco sobre as relações de Kempe com as autoridades eclesiásticas, teologia, e o catecismo da Igreja Católica, e por fim 4) **Sexo**: como os/as tradutores/as se colocaram perante as traduções de partes do corpo, dos eufemismos, assim como tabus estavam direta ou indiretamente ligados ao período histórico e seu contexto cultural e religioso.

Chegamos a tais categorias indutivamente após cotejar os capítulos em ordem. Elas foram pensadas de acordo com as bases teóricas e abordagens apresentadas, visando estabelecer uma ligação entre os excertos e os temas abordados ao longo deste trabalho, a saber: 1) o debate sobre autobiografia espelhado aqui no tema “comportamento/sentimento”, observando como as escolhas de traduzir o que Margery Kempe refletia pode interferir em nosso entendimento da obra; 2) o foco dos estudos feministas da tradução, que ressaltam a neutralização da carga patriarcal da linguagem, visível em aspectos da religião, que está ligada aos elementos contextuais, assim como na consideração do que diz respeito ao corpo e o sexo.

As traduções foram organizadas em quadros, seguindo a ordem cronológica de publicação. Foram atribuídas siglas para cada nome de quem assina a tradução, seguindo a ordem: encabeça cada quadro o texto em inglês médio, com a transliteração para os caracteres românicos, como apresentado na edição bilíngue de Lynn Staley (1996), sem marcação por se tratar

aqui de nosso texto de partida⁹⁵; tradução de William Butler-Bowdon (1940), marcada como “B.B.”; tradução de Barry Windeatt (1985), marcado “B.W.”; tradução de Tony D. Triggs (1995), marcado “T.T.”; tradução de John Skinner (1998), marcado como “J.S.”; tradução de Lynn Staley (2001), marcada com “L.S.”; a tradução encurtada de Liz Herbert McAvoy (2003), marcada com “L.H.” e Anthony Bale, marcada com “A.B.”. Com essas informações em mente, seguimos para a primeira categoria.

4.1 COMPORTAMENTO/ SENTIMENTO/ PENSAMENTO

Aqui apresento passagens nas quais Margery Kempe, apesar de narrar sua história em terceira pessoa, coloca, com riqueza de detalhes, seus sentimentos e pensamentos durante diversos momentos ao longo da narrativa. Esses sentimentos, pensamentos e mudanças de comportamento, em alguns casos, revelam traços da construção narrativa de sua personalidade e a identificam como protagonista de sua auto/biografia. Verificar como foram traduzidos é crucial para que se possa melhor compreender suas atitudes, sua forma de rezar, as explosões de choro e lamentação, e como isso tudo se relacionava dentro da sociedade daquele período.

<p>Thys melody was so swete that it passyd alle the melodye that evyr might be herd in this world wythowtyn ony comparyson, and caused this creatur whan sche herd ony myrth or melodye aftyrward for to have ful plentyuows and habundawnt teerys of hy devocyon wyth greet sobbyngys and syhyngys aftyr the blysse of heven, not dredyng the schamys and the spytys of the wretchyd world. And evyr aftyr this drawt sche had in hir mende the myrth and the melodye that was in heven, so mech that sche cowd not wyl restreyn hyrself fro the spekyng therof.</p>	<p>B.B: This melody was so sweet that it surpassed all melody that ever might be heard in this world, without any comparison, and caused her, when she heard any mirth or melody afterwards, to have full plenteous and abundant tears of high devotion, with great sobbings and sighings after the bliss of Heaven, not dreading the shames and the spited of this wretched world. Ever after this inspiration, she had in her mind the mirth and the melody that was in Heaven, so much, that she could not well restrain herself from speaking thereof,</p>
<p>B.W: This melody was so sweet that it surpassed all the melody that might be heard in this world, without any comparison, and it caused this creature when she</p>	<p>T.T: This melody was so sweet that it surpassed all the melody that anyone could hear in this world; there was no comparison. And so, after that, whenever I heard</p>

⁹⁵ Embora o fac-símile digital do manuscrito esteja disponível pela British Library, optamos por utilizar no cotejo a transliteração de Staley de modo a facilitar a leitura e comparação. Seria importante, em pesquisas futuras, cotejar o manuscrito com o texto de Stanley.

<p>afterwards heard any mirth or melody to shed very plentiful and abundant tears of high devotion, with great sobbings and sighings for the bliss of heaven, not fearing the shames and contempt of this wretched world. And ever after her <u>being drawn towards</u> God in this way, she kept in mind the joy and the melody that there was in heaven, so much so that she could not very well restrain herself from speaking of it.</p>	<p>any music or revelry <u>I</u> wept profusely, shedding copious tears of deep devotion, sobbing and sighing for the bliss of heaven without a thought for the shame and contempt of this wretched world. And always, after <u>this holy call</u>, I kept the joy and the melody of heaven in my mind – so much so that I could hardly stop myself speaking about it.</p>
<p>J.S: For truly, the melody was so sweet to my ear that it surpassed any kind of music in the whole wide world without compare. And certainly, ever after, as soon as <u>I</u> heard laughter of music <u>I</u> would overcome with tears of devotion and sighs in abundance for the great bliss of heaven; and I never gave any thought for the shame and contempt of this wretched world. Having received <u>this holy call</u> from God, I could never put it from my mind – so much so that I would always be talking of it.</p>	<p>L.S: This melody was so sweet that it passed all melody that ever might be heard in this world, without any comparison, and caused <u>this creature</u> when she heard any mirth or melody afterwards to have full plenteous and abundant tears of high devotion with great sobbings and sighings after the bliss of heaven, not dreading the shames and the scorns of the wretched world. And ever after <u>this draught</u> she had in her mind the mirth and the melody that was in heaven, so much, that she could not well restrain herself from the speaking thereof.</p>
<p>L.H: This melody was so sweet that it surpassed all melody that might be heard in this world without any comparison, and whenever <u>she</u> heard any mirth or melody afterwards it caused this creature to weep very plenteous and abundant tears of high devotion with great sobbings and sighings for the bliss of heaven, not fearing the shames and contempt of this wretched world. And forever after <u>being drawn</u> to God in this way, she was mindful of the mirth and the melody that was in heaven, so much so that she could not restrain herself very well from speaking of it.</p>	<p>A.B: This melody was so sweet that it surpassed beyond comparison all the melodies that could ever be heard in this world, and caused <u>this creature</u>, when she afterwards heard any mirth or melody, to have profuse and abundant tears of high devotion, with great sobs and sighs for the bliss of Heaven, without fearing the shame and spite of the wretched world. And ever after <u>being drawn</u> to God like this, she had in her mind the joy and melody that is in Heaven, so much so that she could not very well restrain herself from speaking of it.</p>

Um bom começo para nossa exploração, e antes de se ater às partes sublinhadas, acredito que salta aos olhos de quem lê as passagens traduzidas por John Skinner e Tony D. Triggs, que fazem uma polêmica modificação da voz narrativa em todo o texto transformando o livro em uma narrativa em primeira pessoa. Triggs, por ser o primeiro a optar por essa mudança em sua

versão do *The book of Margery Kempe* (cujo o título, vem seguido do subtítulo “the madwoman of God”⁹⁶), justifica-se em nota prefatória referente à tradução que segue:

Essa tradução do inglês médio faz uma escolha confiante em favor de permitir que Margery fale por si mesma o tempo todo; ouvimos o relato dela na primeira pessoa, assim como os escribas devem ter ouvido eles mesmos. O tom improvisado que envolve grande parte do Livro I é preservado, embora redundâncias e “emaranhados verbais” às vezes tenham sido eliminados e algumas palavras estranhas de esclarecimento tenham sido inseridas entre colchetes. (Triggs, 1995, p.12)⁹⁷

Essa afirmação merece uma maior consideração por diversos motivos, começando pelo fato de não levar em conta a questão religiosa do uso da palavra “*creatur*” (criatura) de Deus, comum na Idade Média. Temos muitos exemplos dentro da literatura mística onde o narrador não se compromete a colocar-se em primeira pessoa, mas “filho/filha de Deus”, ou “missionários/missionárias de Deus”. Além disso, parece ter esquecido que Margery Kempe, durante sua vida, foi perseguida em muitos momentos, acusada de lollardismo e hipocrisia. É pertinente recordar da parisiense Marguerite Porete, foi para a estaca e queimada junto a seu livro, pois recusara-se a queimá-los. A preferência de Margery em usar a terceira pessoa, portanto, age como um escudo ao qual ela é capaz de operar, enquanto, ao mesmo tempo, oferecia tanto ao autor quando ao texto, alguma proteção dos rótulos de heterodoxia, além de demonstrar uma dupla autoridade, pois vemos Kempe não só como autora, mas também editora de sua obra.

Curiosamente, como uma espécie de resposta à escolha tradutória de Triggs, e mais tarde de Skinner, Liz Herbert McAvoy, em sua tradução adaptada do livro, comenta em sua introdução (mais especificamente em notas referentes a sua tradução) o seguinte:

Essa tradução mantém o uso de Margery Kempe da perspectiva em terceira pessoa no livro, apesar de seu potencial arcaico e efeito mistificante. A principal razão para isso é por querer preservar algo da importância do distanciamento como ferramenta no texto original; enquanto usa o corpo feminino e, especificamente, seu próprio corpo para criar autoridade e explicar suas experiências, Margery Kempe também ilustra o desejo expresso de fazer de seus escritos algo de importância universal. O uso da perspectiva em terceira pessoa como um agente objetificador dentro da narrativa, ecoando as abordagens formulaicas da hagiografia tradicional de autoria masculina, serve para imbuir a escrita com um tom solene adicional e autoridade devido sua invocação das convenções genéricas – e sexistas – estabelecidas. (McAvoy, 2003, p. 26)⁹⁸

⁹⁶ Apelando para a figura de “louca”, “descontrolada” ou “histérica”.

⁹⁷ This translation from the Middle English makes a confident choice in favour of allowing Margery to speak for herself throughout; we hear her account in the first person, just as her scribes must have heard it themselves. The extempore tone which enlivens much of Book One is preserved, though redundancies and verbal tangles have sometimes been eliminated and few odd words of clarification have been inserted in square brackets.

⁹⁸ This translation retains Margery Kempe’s use of the third-person perspective within the text, in spite of its potentially archaic and mystifying effect. The primary reason for this is in order to preserve some sense of

Para obter algum tipo de desenlace sobre essa questão, decidi buscar respostas no livro organizado por Jovita Maria Gerheim Noronha, com escritos sobre *O pacto autobiográfico* (2007) de Philippe Lejeune. Nesse primeiro ensaio, Lejeune se debruça justamente sobre a questão da terceira pessoa. Para ele, uma obra precisa conter certos elementos para ser “considerada” uma autobiografia, entre eles, e um dos principais, a posição do narrador. Por mais que seja comum termos em uma autobiografia o emprego da primeira pessoa (narração autodiegética), a identidade do narrador-personagem principal não se deteriora dependendo disso, então, é possível que o narrador não seja o personagem principal, e ainda assim narrar em primeira pessoa (narração homodiegética) já que é perfeitamente possível que haja identidade entre o narrador e o personagem principal sem o emprego da primeira pessoa (p. 15).

De forma parcimoniosa, porém categórica, Lejeune afirma que nada interfere na questão de identidade do narrador se ele é expresso em terceira pessoa, e que essa escolha era recorrente na literatura medieval, sendo empregado por razões diferentes, e tendo efeitos diferentes. Entendemos assim que a escolha pela primeira pessoa parece ter menos a ver com a teoria ou desenvolvimento das auto/biografias e mais com um desejo de tornar o texto mais adequado às expectativas de leitores e leitoras atuais em relação ao gênero, desconsiderando sua prática histórica.

Sobre a passagem marcada, é interessante como o uso de “drawt”, no inglês médio, foi trazido nas traduções de forma moderna “drawn” e “draught”, que segundo o Merriam-Webster Dictionary, teve seu primeiro registro durante o período correspondente ao inglês médio, significando um “carregar”, “arrastar” e como verbo intransitivo, “exercer força atrativa”. Já as traduções de Buttler Bowdon, Triggs e Skinner se mostram menos metafóricas com uso de “inspiration” e “holy call”, um tipo de “chamado divino” para que Kempe siga um caminho. Aqui não parece ter nenhuma inconformidade, porém a explicitação como recurso de tradução de “holy call” pareceu estar por trás de um propósito de introduzir ao leitor moderno o fato que dali pra frente, Margery Kempe passaria a ter suas visões e experiências extrassensoriais (divinas) com muito mais frequência.

importance as a distancing tool within the original text; whilst using the female body, and specifically her own body to create authority and to explicate her experiences, Margery Kempe also illustrates an express desire to make her writing of universal relevance. The use of the third-person as an objectifying agent within the narrative, echoing as it does the formulaic approaches of male-authored traditional hagiography, serves to imbue the writing with additional gravitas (solene tone) and authority because of its invocation of established generic – and gendered – convention.

Sche bethowt hir fro hir chyldhod for hir unkyndnes as ower Lord wold put it in hir mende ful many a tyme.	B.B: She repented from her childhood for unkindness, as Our Lord would put it in her mind, full many a time
B.W: She reflected on her unkindness since her childhood, as our Lord would put it into her mind, very many times.	T.T: And many a time our Lord put it into my mind to think of my wayward behavior ever since childhood.
J.S: And many a time as well, our Lord would put me in mind of all those unkindnesses since my childhood.	L.S: She recalled the unkindness of her childhood as our Lord would bring them to her memory full many a time.
L.H: Este trecho não foi traduzido.	A.B: Very many times she thought about her unkindness since her childhood, as our Lord put it in her mind.

Essa passagem me fez refletir sobre a palavra “Bethowt”, ou bethought, em inglês moderno, que tem sinônimos de dizer “remind”, “remember”, “recalled”, “think”, “consider” (lembrar, pensar, ponderar, considerar), chamando atenção especial para o uso indevido de “repented” (arrepender-se/arrependeu) por Bowdon, o qual carrega toda essa tensão de “arrepender-se”, “pedir perdão” e da própria confissão perante um confessor, não estando atrelada ao contexto nessa parte do livro.

Um detalhe que percebemos na tradução de Skinner é como ele transforma a mente de Kempe em objeto da ação do Senhor: nas demais traduções, apesar de termos a informação de que foi Deus quem a fez refletir, todas parecem sugerir de maneira mais explícita que Margery Kempe pensou por conta própria com a influência de Deus. Já Skinner opta por trazer o Senhor como sujeito ativo, responsável por incutir a uma ideia na mente de Kempe.

Aqui não temos a tradução de Liz Herbert McAvoy, pois esse capítulo não foi inteiramente elencado para fazer parte da seção “Discourse of Desire” (Discurso de desejo) em sua tradução.

Therfor wend sche that God had forsake hir.	B.B: Therefore thought she that God had forsaken her,
---	---

B.W: Therefore <u>she believed</u> that God had <u>forsaken</u> her.	T.T: And so <u>I accepted</u> that God had <u>abandoned</u> me.
J.S: And therefore I <u>thought</u> he had <u>for-saken</u> me	L.S: Therefore <u>thought she</u> that God had forsaken her.
L.H: <u>She therefore believed</u> that God had <u>forsaken</u> her,	A.B: Therefore <u>she believed</u> that God had <u>forsaken</u> her.

A palavra “wend” do inglês médio, de acordo com o Middle English Compendium, da Universidade de Michigan, se relaciona a “wendan”, do inglês antigo, e possuem significados muito próximos; esse verbo significa, dentre muitas coisas, suceder, ocorrer, vir em mente, perceber, ou até mesmo direcionar, alterar, variar, converter e traduzir, conseqüentemente, quando observamos aqui a tradução de Triggs, o caso parece induzir a uma má interpretação.

Triggs ao traduzir “wend” por “accepted”, parece enfraquecer o verbo, pois em “believe” e “thought” a possibilidade de que algo não seja de fato o que é ainda fica em aberto, algo que pode ser retornado e refutado, aceito ou não. Dessa forma, o “aceitou” parece encerrar o caso para Margery Kempe nessa passagem, o que não se percebe na continuação da narrativa e o contexto adiante. Além disso, temos o “forsaken”, que Triggs traduz como por “abandoned” (abandonada), o que parece, novamente, uma escolha modernizada para explicitar a mensagem para o público contemporâneo, apesar de ser uma escolha atraente, sinto que acaba perdendo a oportunidade do eco bíblico da passagem de Cristo na cruz "My God, my God, why hast thou forsaken me?" (Mateus, 27;46), o que poderia trazer familiaridade ao texto dependendo da recepção. Outra forma como a tradução ressalta a estranheza do texto é manutenção, por parte de B.B e L.S. da ordem verbo-sujeito, pouco usual em inglês moderno, em que sujeito-verbo é muito mais frequente.

Sche went away al schamyd and confusyd in herself, seyng hys <u>stabylnes</u> and hir owyn <u>unstabylnes</u> .	B.B: She went away all shamed and confused in herself at seeing his <u>stability</u> and her own <u>instability</u>
B.W: She went away all ashamed and confused in herself, seeing his <u>steadfastness</u> and her own instability.	T.T: I went away feeling thoroughly humiliated and confused, seeing his own <u>fi-delity</u> and my own lack of <u>it</u> .

J.S: I came away from him utterly confused and ashamed of myself; all I could see was my own <u>weakness</u> compared with his own <u>strength of mind</u> .	L.S: She went away all shamed and confused within herself, seeing his <u>stability</u> and her own <u>instability</u> .
L.H: She went away thoroughly ashamed and confused in herself, seeing his <u>steadfastness</u> and her own instability.	A.B: She went away all ashamed and confused in herself, seeing his <u>steadiness</u> and her own unsteadiness.

No contexto desse momento na narrativa, Margery Kempe comenta estar sofrendo tentações sexuais, e empreende relacionar-se sexualmente com outro homem que não seu marido; o homem em questão tenta a seduzir, dizendo que a teria por bem ou por mal, se utilizando de um tom que sugere agressão sexual; porém, mais tarde, quando Kempe o encontra e comenta estar “pronta para ele”, e que consente, o homem a despreza e vai embora. Naquele momento ela se sente usada e reflete sobre sua própria estabilidade emocional e mental, que é o que temos no quadro.

Aqui o “stability”, em inglês médio, foi empregado várias vezes com um significado sólido de “firmeza” (steadfastness) ou estabilidade “stability”, mas vemos também que Triggs nos oferece a opção “fidelity” (fidelidade), se referindo ao ato talvez como uma traição ao marido, e que ela (Margery Kempe), estaria se sentindo mal por estar levando em conta seu marido. Tal leitura coloca o marido e a consideração sobre a fidelidade no relacionamento num contexto em que o marido não está sendo levado em conta: Kempe simplesmente reflete sobre seu estado de mente em comparação com a forma que foi respondida pelo homem. A marcação “fidelity”, para esse momento, pareceu problemática também pela adição do “my lack of it” (a minha falta [de fidelidade]), que reforça o caráter de traição, ou infidelidade conjugal por parte de Kempe.

Já na tradução de John Skinner, temos a marcação de “weakness” por parte da narradora em relação à “força mental” do homem, o que pode causar tanto uma sensação de intensificação dessa diferença, talvez, novamente, como um aparato utilizado pelo tradutor de deixar o trecho mais cristalino, mas que remete à fraqueza da mulher como o “sexo frágil” e que nesse caso, apesar de demonstrar força e domínio de suas próprias escolhas, é retratada como fraca por sucumbir aos seus desejos.

Anthony Goodman em seu extenso trabalho sobre Kempe, *Margery Kempe and her world* (2002), comenta sobre esse estereótipo de fragilidade feminina em um panorama bastante específico, na sociedade urbana de classe média alta (ao qual Kempe fazia parte), em King's

Lyn. Ele diz que era um preceito de alto peso e de autoridade que as mulheres fossem subordinadas e principalmente obedientes às figuras masculinas, assim como dentro do casamento, era uma obrigação do homem regular a sexualidade de sua esposa. Em relação ao peso desta passagem no livro, Goodman reforça que, segundo as Escrituras e a “evidente ordem da natureza”

o “humor” predominante no corpo dos homens era mais alinhado ao pensamento racional assim como a força física, enquanto o humor “feminino” caracteristicamente produzia futilidade assim como fraqueza corporal. Consequentemente, mulheres, por sua natureza, tinham impulsos urgentes de buscar por relações sexuais, com o objetivo de obter infusão como remédio para suas deficiências de “humor”, assim como para preencher suas necessidades procriativas (2002, 57-58)⁹⁹.

A teoria dos humores de Hipócrates e posteriormente Galeno aparece aqui com uma consideração também para o sexo/gênero, buscando dar uma explicação com base na ciência médica da época para justificar uma suposta necessidade pelo controle e vigilância do corpo das mulheres, menos “estáveis” em seus humores que os homens.

And therwyth sche styrt owt of hir bedde and seyde, " Alas , that evyr I dede synne, it is ful mery in hevyn."	B.B: and therewith she started out of her bed and said - ' Alas , that ever I did sin! It is fully merry in Heaven'.
B.W: And immediately she jumped out of bed and said, ' Alas that ever I sinned! It is full mery in heaven.'	T.T: So straightaway I jumped out of bed saying, ' What a shame that I ever sinned! It's so joyful in heaven!'
J.S: As soon as I heard it I got out of bed, saying: " Alas that I did ever sin, for it is so mery in heaven."	L.S: And therewith she started out of her bed and said, " Alas , that ever I did sin; it is fully merry in heaven'.
L.H: And immediately she jumped up out of her bed and said, ' Alas that ever I sinned; it is very mery in heaven.'	A.B: And with that she started out of her bed and said, ' Alas that I ever did sin! It is so merry in Heaven!'

Conferi relevância para essa passagem devido ao termo “Alas”; esse termo de acordo com alguns dicionários (como Merriam-Webster Dictionary, Cambridge Dictionary, McMillan Dictionary, e Oxford English Dictionary), era usado para expressar infelicidade, desapontamento, preocupação, sentir pena ou até mesmo lamentar-se. É um termo que até hoje pode ser

⁹⁹ The predominant ‘humours’ in men’s bodies inclined them to rational thinking as well as physical strength, whereas ‘female’ humours characteristically produced light-mindedness as well as bodily weakness. Consequently, women, by their nature, had an urgent impulse to seek for sexual intercourse in order to procure regenerative male infusion as a remedy for their ‘humoural’ deficiencies, as well as to fulfil their procreative urge.

encontrado na literatura, embora dificilmente utilizada oralmente no inglês. O motivo de ter selecionado essa passagem é a origem dessa palavra, que se dá justamente no período do inglês médio (1150-1500), o termo provavelmente foi vertido do francês antigo “*a las*”.

Nessa passagem, Barry Windeatt embora declare em material prefatório sua preocupação com o leitor moderno e na supressão de alguns termos que poderiam causar estranhamento, prefere manter o “Alas”, enquanto Triggs, que comenta em sua nota de tradução que seu trabalho “preserva o tom sublime da narrativa quando essa emerge” (p. 12), assim como o “sabor coloquial” do livro como um todo, substitui “Alas” por “What a shame!”, em uma possível tentativa de explicitar o termo para leitores modernos, mas que ao mesmo tempo desconsidera a questão do uso bastante recorrente da palavra no período histórico onde/em que tudo se passa; uma sugestão seria recorrer às notas de rodapé ou notas ao final do volume, recurso peritextual esse, que como vimos anteriormente, foi descartado pelo tradutor em seu livro.

4.2 LINGUAGEM GENDRADA

Quais são as palavras que você não tem? O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole diariamente e tenta achar naturais, até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio?
– Audre Lorde

Separei aqui excertos com fortes marcações de gênero e como os/as tradutores/as fizeram suas escolhas nesses momentos, se preferiram ou não neutralizar essas marcações. Apesar de termos poucos casos para serem investigados, já que analisamos somente os capítulos 3 e 4, achei importante abordar esses exemplos porque eles se perpetuam ao longo dos demais capítulos. Não é simples extrapolar os limites linguísticos de uma obra, principalmente com *The book of Margery Kempe*, uma obra da Idade Média, com muitas marcações que fazem parte do período histórico, religioso e sociocultural; não obstante, separei momentos em que penso que essas marcações poderiam ser neutralizadas ou mesmo deveriam sê-lo.

Than sche gat hir an **hayr** of a kyln swech **as men dryen on malt** and leyd it in hir kyrtylle as sotylych and prevylich as sche mygth that hir husbond schuld not aspye it, ne no mor he dede, and yet sche lay be hym every nygth in his bedde, and

B.B: She got a **hair-cloth** from a kiln, such **as men dry malt on**, and laid it in her kirtle as secretly and privily as she might, so that her husband should not espy it (?) Not did he, and she lay by him every night in his bed and wore the **hair-cloth** every day, and bore children in time.

<p>weryd the hayr every day, and bar chyldeyn in the tyme.</p>	
<p>B.W: She got herself a hair-cloth from a kiln - the sort that malt is dried on - and put it inside her gown as discreetly and secretly as she could, so that her husband should not notice it. And nor did he, although she lay beside him every night in bed and wore the hair-shirt every day, and bore him children during that time.</p>	<p>T.T: Next, I got a hair cloth from a kiln – the sort of cloth that malt is dried on – and wore it inside my gown as discreetly and secretly as I could so that my husband wouldn’t notice it. And he didn’t notice it, despite the fact that I lay with him in his bed each night, and wore the hair shirt every day, and had children during this part of my life.</p>
<p>J.S: I also got myself a rough cloth (the kind that is used to dry malt in a kiln) and this I wore discreetly under my skirt, as secretly as I could manage lest my husband should spot it. And he never did know in all that time, though we lay side by side in bed each night, and I continued to wear it throughout the day. I even bore him children during this time.</p>	<p>L.S: Then she herself a hair cloth from a kiln such as men use for drying malt and laid it in her kirtle as subtly and privily as she might so that her husband should not spy it, nor did he; and yet she lay by him every night in his bed, and wore the hair cloth every day, and bore children during that time.</p>
<p>L.H: Then she obtained a hair cloth from a kiln – the type which people use to dry malt on – and wore it inside her bodice as discreetly and secretly as she could so that her husband should not see it; nor did he although she lay beside him every night in his bed and she wore the hair-shirt every day and bore children during that time.</p>	<p>A.B: Then she got herself a haircloth from a kiln* (the kind that people use for drying malt), and she laid it inside her gown as subtly and privately as she could, so that her husband might not see it; and indeed he did not, even though she lay beside him every night in his bed and wore this haircloth every day, and bore children at the time.</p>

Sobre o “hayr” ou “hair-cloth”, foi uma peça penitencial usada durante grande parte da Idade Média, era tecida a partir dos pelos de cabras da montanha ou de camelos, e aqui achei coerente o fato de todos/as os/as tradutores/as manterem o “hair-cloth” quando ele é introduzido no texto, mesmo observando que alguns/mas tradutores/as resolveram utilizar o “hair shirt” em seguida, que de certa forma explícita e informa ser um tipo de vestimenta que se usa na parte superior do corpo e por baixo do vestido. No contexto da narrativa, esse é o momento que Margery Kempe decide vestir esse couro como uma forma de penitência, e nem mesmo seu

marido percebe (mesmo dormindo juntos todos os dias), além de ter ficado grávida e ter concebido nessas condições.

Por fim, aqui temos o caso do uso do masculino universal nas traduções de “men dryen on malt” ou “men dry malt on” (homens usam para secar malte). Silvia Federici em seu livro *Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2018), comenta que:

Embora geralmente fossem os membros mais pobres da sociedade urbana, com o tempo as mulheres ganharam acesso a muitas ocupações que posteriormente seriam consideradas trabalhos masculinos. Nas cidades medievais, as mulheres trabalhavam como ferreiras, açougueiras, padeiras, candeieiras, chapeleiras, cervejeiras, cardadeiras de lã e comerciantes (2018, p.63).

Ainda segundo Federici, no século XIV, há registros de mulheres professoras, empreendedoras, e até mesmo médicas, e por esse motivo, passaram a ser cada vez mais repreendidas pela Igreja durante os sermões, solicitando que os homens tomassem cuidado com “indisciplina” das mulheres em sua casa (p.64). A própria Margery Kempe manteve por algum tempo uma cervejaria e um moinho de grãos em Lynn, portanto, é bastante claro que não somente o homem exercia a função de secar malte e de produção de farinha de malte.

Vemos Barry Windeatt (1985), Tony D. Triggs (1995) e John Skinner (1998) se utilizando do recurso da ocultação do sujeito pela voz passiva: “the sort that malt is dried on”, “the sort of cloth that malt is dried on” e “the kind that is used to dry malt in a kiln”. Enquanto Liz McAvoy (2003) e Anthony Bale (2015) substituem o “men” por “people”, neutralizando a marcação de gênero.

E por fim temos Bowdon (1940) e Staley (2001) que mantêm o “men”, talvez por motivos diferentes: segundo o que pudemos explorar e revelar na seção sobre paratextos e a trajetória editorial dessa primeira versão, Bowdon pretendia lançar uma tradução única e exclusivamente “moderna” do manuscrito o quanto antes, já Lynn Staley trabalhou em outros dois volumes do *The book of Margery Kempe* como editora, por essa razão, em muitos momentos parece que há um interesse muito grande em manter **todas** as marcas com ênfase no texto fonte, mas sempre deixando seus comentários para o exterior de sua tradução, ou o que von Flotow (1991) chamaria de “footnoting”, onde costuma explicar essas marcações, até ao final de sua versão onde temos textos críticos, de contextualização e explicativas, embora remeter à este recurso pareça se tratar mais de uma estratégia acadêmica do que necessariamente feminista.

For sche wyst rygth wel sche had synned gretly agens God and was worthy mor	B.B: For she knew right well she had sinned greatly against God and was
---	--

<p><u>schame and sorwe than ony man cowl don to hir</u>, and dyspite of the werld was the rygth way to hevynward sythen Cryst hymself ches that way.</p>	<p>worthy of <u>more shame and sorrow than any man could cause her</u>, and despite of the world was the right way Heavenwards, since Christ Himself had chosen that way</p>
<p>B.W: For she knew very well that she had sinned greatly against God and that she deserved far <u>more shame and sorrow than any man could cause her</u>, and contempt in this world was the right way heavenwards, for Christ himself chose that way.</p>	<p>T.T: For I was well aware that I had committed a serious sin against God and deserved <u>more shame and remorse than anyone could heap on me</u>; and I knew that being despised by the world was the way to heaven, since Christ himself had chosen it.</p>
<p>J.S: For I knew full well that I had sinned grievously against God and deserved far <u>more shame and suffering than any human action could mete out to me</u>. And besides, contempt in this world is the right way ahead so as to win heaven, for Christ himself chose that same path.</p>	<p>L.S: For she knew right well she had sinned greatly against God and was worthy of <u>more shame and sorrow than any man could do to her</u>, and the despite of the world was the right way toward heaven, since Christ himself chose that way.</p>
<p>L.H: Este trecho não foi traduzido.</p>	<p>A.B: For she knew very well that she had sinned grievously against God and deserved <u>more shame and sorrow than any man could cause her</u>, and contempt of the world was the right path heavenwards, since Christ himself chose that path.</p>

No contexto dessa passagem, Margery Kempe reflete sobre como ter passado pela experiência de “reprovação” e “rejeição” do homem que a ameaçou tinha-lhe causado uma enorme “vergonha”. Nesse exemplo, vemos que o “ony man cowl don to hir”, ou “qualquer homem podia causar-lhe” (vergonha e remorso, tristeza), foi mantido em quase todas as traduções, exceto nas duas traduções que temos em primeira pessoa, a de Triggs, que neutraliza substituindo o “ony man” ou “any man” (qualquer homem) por anyone (qualquer um), e a de Skinner, que substitui por “human action” (ação humana).

Foi observado que apesar de na passagem anterior analisada, Bale ter decidido neutralizar a marcação de gênero, aqui ele não o faz. Como comentei anteriormente, a tradução de Staley costuma manter todas as marcações de gênero e seu livro ter uma apresentação mais acadêmica (pela Norton Critical Editions), e isso é percebido com clareza também na versão de

Bale (pela Oxford University Press), e é interessante encontrar essas “discordâncias tradutórias” tanto numa comparação entre as duas traduções, como também apontar inconsistências observadas (como neutralizar as marcações em uma frase e imediatamente a seguir mantê-las).

Apesar de utilizar este trecho para explicar a questão técnica e linguística do masculino universal, percebemos que a vergonha que Kempe sentiu nesse caso específico, parte de sua interação com uma figura masculina. Dessa forma, vejo a marcação de “men” como algo importante a ser mantido. Diferente das críticas ao masculino universal, aqui é justificável e preferível que se mantenha o masculino, pois trata-se uma vergonha ligada ao gênero, sendo que a opção pela neutralização apaga esse traço.

And so he leyd befor <u>this creatur</u> the snar of lechery, whan sche wend that all fleschly lust had al hol ben qwenchyd in hir.	B.B: So he laid before <u>this woman</u> the snare of lechery, when she believed that all fleshly lust had wholly been quenched in her
B.W: And so he laid before <u>this creature</u> the snare of lechery, when she thought that all physical desire had been wholly quenched in her.	T.T: And so he lay before <u>me</u> the snare of lechery, just when I thought that all my fleshly lust had been entirely quenched.
J.S: And so it was that for <u>me</u> he laid the trap of lechery; just as I had thought all physical desire was dead in me.	L.S: And so he laid before <u>this creature</u> the snare of lechery when she thought that all fleshly lust had wholly been quenched in her.
L.H: And so he laid before <u>this creature</u> the snare of lechery when she believed that all fleshly lust had been completely quenched in her.	A.B: And so he laid the snare of lechery in front of <u>this creature</u> , when she believed that all fleshly lust had been quenched in her.

Segundo Dickens (2009), para alguns especialistas, a autobiografia seria “desenfati-
zar” o espiritual para focar no individual. Outros argumentam que é o contrário, logo que Margery Kempe constantemente se refere a si como “this creatur”, ela estaria “desenfati-
zando” a natureza individual de sua narrativa e se afastando da autobiografia. Comentamos rapidamente acima sobre algumas questões que envolvem o uso de terceira pessoa em uma narrativa autobiográfica, e que de fato é possível fazê-lo.

O uso de “creatur” para referir-se a si mesma podia ser uma forma de proteção e também inclusão, em um meio ao qual a literatura mística seguia os mesmos padrões. É indispensável deixar registrado a importância do afastamento e do uso da terceira pessoa ao longo do *The book of Margery Kempe*, justamente por ter sido uma escolha dela; inclusive é pertinente comentar aqui que, ao longo de todo seu livro, ela se refere como “creatur”, poucas vezes como “this woman” e “she” e somente uma única vez como “Mar. Kempe” no capítulo 9.

Dessa forma, se a obra por acaso estivesse sido encontrada em partes ou danificada, talvez jamais ficaríamos sabendo sobre a trajetória de Kempe. Dessa forma, a mera substituição de “creatur” por “woman” de Bowdon pode não ser uma mudança radical, mas a sistemática substituição dela por “me” e “I” de Triggs e mais tarde de Skinner, acaba eliminando um elemento narrativo de altíssimo valor e relevância, apesar de serem escolhas válidas e justificadas por eles.

4.3 RELIGIÃO

A feiticeira não deixará viver.
– Êxodo 22:18

Neste tema reside meus interesses nas possibilidades de diálogo entre teologia e literatura, e como essa engrenagem funciona dentro da tradução. Trouxe alguns exemplos que chamaram atenção por razões diferentes: pelo caráter técnico religioso, a importância de cerimônias, datas e locais, e principalmente, como Margery Kempe lidava com isso em meio a sua nada ortodoxa trajetória espiritual. Segundo Stanton (1984), o percurso de Kempe rumava a uma espécie de reorientação religiosa, que buscava pela desassociação e a quebra de várias concepções pré-estabelecidas e demandas, que ela, como mulher, era submetida, o matrimônio, as autoridades civis (além das religiosas) e a sociedade como um todo.

O relacionamento de Kempe com as autoridades eclesiásticas da Inglaterra era quase sempre surpreendente, pois ela repetidas vezes apelava a elas para pedir permissão para validar suas vontades, como sair em peregrinação (mesmo sendo casada), usar branco (mesmo não sendo virgem), conseguir o voto de castidade, mostrar a essas autoridades sua própria forma de orar e pregar, suas explosões de choro e lamentações, a forma regular que fazia as confissões e até mesmo deixar de comer carne. Ao mesmo tempo que ela fazia essas visitas em busca de uma autorização, ela insistia em consegui-la não para mudar suas maneiras, mas para justamente continuar vivendo da forma que vivia.

Dickens (2009) reforça a ideia que, apesar do caráter submisso de uma mulher buscando aprovação das autoridades masculinas da Igreja, “para mulheres como Hildegard, Julian e outras, a aprovação do homem carregava consigo muito peso e em última análise fornecia muita liberdade. Margery certamente aproveitou-se dessa liberdade” (p.176).¹⁰⁰

<p>In the secund yer of hir temptacyons yt fel so that a man wech <u>sche lovvd wel</u> seyde onto hir on Seynt Margaretys Evyn befor evynsong that for anythyng he wold ly be hir and <u>have hys lust of hys body</u>, and sche schuld not wythstond hym, for, yf he mygth not have hys wyl that tyme, he seyde, he schuld ellys have it another tyme, sche schuld not chese.</p>	<p>B.B: In the second year of her temptation, it so fell that a man whom <u>she loved well</u>, said unto her on St Margaret's Eve before evensong that, for anything, he would lie by her and <u>have his lust of his body</u>, and she should not withstand him, for if he did not have his will that time, he said he would anyhow have it another time, she should not choose.</p>
<p>B.W: In the second year of her temptations it so happened that man whom <u>she liked</u> said to her on St Margaret's Eve before evensong that, for anything, he would sleep with her and <u>enjoy the lust of his body</u>, and that she should not withstand him, for if he might not have his desire that time, he said, he would have it another time instead – she should not choose.</p>	<p>T.T: In the second year of my temptation it came about that a man I <u>thought a lot</u> of told me on St Margaret's Eve before evensong that he'd give anything to lie with me and <u>satisfy his bodily urges</u>; and he told me I shouldn't resist him, because if he didn't have his own way this time he'd have it some other – I had no option.</p>
<p>J.S: It was during the second year of these temptations, on the eve of Saint Margaret, that a man <u>I fancied</u> told me just before evensong that he would give anything to sleep with me and <u>have it off with me</u>. He insisted that if he couldn't be satisfied now, then it would have to be another time – but it was not for me to choose.</p>	<p>L.S: In the second year of her temptations it befell so that a man whom <u>she loved well</u> said unto her on Saint Margaret's Eve before evensong that, despite anything, he would lie by her and <u>have his lust of his body</u>, and she should not withstand him, for, if he might not have his will that time, he said, he should else have it another time, she could not choose.</p>
<p>L.H: In the second year of her temptations it happened that a man whom <u>she liked well</u> said to her on St. Margaret's Eve before evensong that he would give anything to sleep with her and <u>enjoy his body's lust</u>, and she should not resist him; for if he might not have his desire that time, he said, he would have it another time instead – she should not choose.</p>	<p>A.B: In the second year of her temptations it so happened that a man whom <u>she loved well</u> said to her, before evensong on the Eve of St Margaret's Day, * that he would do anything to sleep with her and <u>indulge his bodily lusts</u>, and she should not resist him; if he could not have his way that time, he said, he should otherwise have it some other time—it would not be for her to choose.</p>

¹⁰⁰ in women such as Hildegard, Julian and others, the approval of men carried with it a lot of weight and ultimately provided a lot of freedom. Margery certainly took advantage of the freedoms provided to her

Esse excerto, na realidade, parece transitar entre os temas “questões de religião” e “sexo”; entretanto, achei relevante trazê-lo, mesmo que a única tradução que traga uma diferença mais marcante seja a de Triggs. O contexto desse momento na história é justamente o que já falamos há pouco, do homem que fala para Margery Kempe que queria “ter a luxúria de seu corpo” por bem ou por mal. Vemos que ela não somente o conhecia, mas simpatizava com o homem, e o “lovyd” e “liked” demonstram isso, logo, foi substituído por “thought a lot” (pensava muito), o que não parece condizer com o contexto, já que parece impelir e preparar o leitor para a passagem que utiliza a marcação “fidelity”. Skinner prefere utilizar o “fancied” como “desejar” e “amar”, uma marcação que intensifica talvez o sentimento de algo platônico.

Mais à frente temos o uso sistemático da palavra “lust” (luxúria) como opção mais recorrente nas traduções, enquanto Triggs utiliza “urges”, no caráter de impulso sexual e Skinner, que surpreende com o uso de uma gíria (comumente britânica) “have it off” para explicitar o “fazer sexo”; além de sua escolha ser a única gíria encontrada em todas as traduções analisadas, esse tradutor escolhe tornar o implícito e sugestivo “luxúria”, pelo direto “have it off”.

Embora as opções de explicitação sejam válidas e até certo ponto necessárias, penso ser importante também defender o uso da palavra luxúria, pois se trata de um dos pecados capitais, e atribui um peso maior por trás da frase. No século XII, após os concílios de Latrão de 1123 e 1139, o casamento passou a ser um sacramento indissolúvel e “eterno”, pois de acordo com Federici (2018), “Nesse momento, foram reiteradas também as limitações impostas pelos penitenciais sobre o ato sexual [...] Com a adoção desta legislação repressiva, a sexualidade foi completamente politizada.”(p.83), assim como a homossexualidade e o que a Igreja apontava como “sodomia”, a luxúria que englobava “libertinagem”, o próprio sexo antes do casamento, e de forma geral, toda e qualquer expressão da sexualidade não procriativa, podiam, e eram punidas, muitas vezes (principalmente no caso das mulheres) com a morte.

Por esse pecado (luxúria) ser algo que ocorre na mente e não necessariamente uma ação, perseguir e julgar uma pessoa por esse motivo (assim como para muitos outros durante a Idade Média e a Inquisição) eram procedimentos altamente tendenciosos e desorganizados. Segundo Federici (2018), geralmente as mulheres que eram acusadas de bruxaria, também eram acusadas de terem “copulado” com o Diabo, e consideradas pelas autoridades da Igreja Católica em um “matrimônio pervertido”:

o famoso pacto com o diabo — devia ser representado como um contrato de casamento pervertido. A analogia matrimonial era levada a tal ponto que as bruxas chegavam a confessar que elas “não se atreviam a desobedecer ao diabo” ou, ainda mais

curioso, que elas não tinham nenhum prazer em copular com ele, uma contradição no que diz respeito a ideologia da caca as bruxas, para a qual a bruxaria era consequência da luxúria insaciável das mulheres. (Federici, 2018, p.338).

No livro *Malleus Maleficarum* (1487), escrito por Heinrich Kremer, pregador alemão, e o teólogo James Sprenger (sendo somente o último associado a Inquisição de fato), temos uma frase na parte I, QUESTÃO VI: “Sobre as bruxas que copulam com Demônios. Por que principalmente as mulheres se entregam às superstições diabólicas” que diz: “O que é uma mulher senão um inimigo da amizade. Elas são más, devassas, vaidosas e lascivas. Toda bruxaria provém da luxúria carnal, que, nas mulheres, é insaciável”. Sendo assim, vemos a relevância dessa ligação entre o pecado da luxúria em si e a história das mulheres medievais, e como essa questão permeia o tom e consequentemente a história da própria Margery Kempe.

<p>This woman was so labowrd wyth the mannys wordys that sche mygth not heryn hir evynsong, ne sey hir Pater Noster, er thynkyn ony other good thowt, but was mor labowrd than evyr sche was befor.</p>	<p>B.B: This woman was so laboured with the man's words that she could not hear her evensong, nor say her Paternoster, or think any other good though, but was more troubled than ever she was before.</p>
<p>B.W: This woman was so troubled with the man's words that she could not listen to evensong, nor say her paternoster, nor think any other good thought, but was more troubled than she ever was before.</p>	<p>T.T: I was so exercised by the man's words that I couldn't keep my mind on the service, nor say the Lord's prayer or think any other worthwhile thought, but was more troubled than ever before.</p>
<p>J.S: I was so disturbed at what I had heard that I did not hear a single word of evensong; I could not even say my Our Father, nor think a single good thought. In that instant, I was in more turmoil than I had ever been.</p>	<p>L.S: This woman was so labored with the man's words that she might not hear her evensong, nor say her Pater Noster, or think any other good thought, but was more labored than ever she was before.</p>
<p>L.H: This woman was so preoccupied with the man's words that she could not listen to evensong nor say her Our Father nor think any other good thought, but was more troubled than ever she was before.</p>	<p>A.B: This woman was so troubled with the man's words that she could neither hear evensong nor say her paternoster* nor think any other good thoughts, but was more troubled than she ever had been before.</p>

Nessa passagem, vemos o uso das palavras “troubled”, “exercised”, “disturbed”, “labored” e finalmente “preoccupied” para “labowrd”, em dois casos elas são observadas e encontradas como sinônimas, sendo “exercised” a menos comum, e “labored” a mais comum para o termo, aqui utilizadas por Staley e Bowdon. Porém, no século XIV, a palavra “labor” era

utilizada também para descrever “copular” e também de acordo com Online Etymology Dictionary, “resistir a dor”. Imaginei um paralelo, pois quando lemos “labowrd” ou labored, é inevitável a associação ao termo “labor”, que é o trabalho de parto, mas esse termo passou a carregar esse significado somente pela metade do século XV. De forma geral, poderíamos considerar que as traduções trazem consigo, em maior e menor força, o significado de “preocupação”.

Adiante temos os originais “Pater Noster” e “evynsong”, como foram traduzidos e o que essas traduções nos revelam em termos de teologia moderna:

Segundo o Online Etymology Dictionary, o termo *Pater Noster*, (Pai nosso), tem uma trajetória muito interessante, partindo do latim antigo, atravessando o latim, inglês antigo, inglês médio e finalmente inglês moderno. O Pater noster foi mantido em algumas traduções como podemos observar, talvez como um apelo a modulação narrativa e levando em consideração que a palavra em si aparece na primeira linha da oração: “Pater noster, qui es in caelis;” (Pai nosso que estais no céu), ouvida com frequência pelos frequentadores da Igreja na Idade Média (por isso o nome da oração é este).

Triggs, em suas notas de tradução, não comenta sobre aliviar a carga religiosa, mas comenta tentar “dar voz” o máximo possível a Kempe, numa verdadeira “tentativa de preservar o original em todo seu alcance e variedade, incluindo os defeitos reveladores” (p.12)¹⁰¹ (mesmo não se atendo muito à exemplos do que poderia vir a ser esses “defeitos”), mas escolhe por “Lord’s prayer”, que apesar de ser o significado literal para o que retém o “paternoster”, atualiza o termo para o público moderno. Aqui busco também comparar o uso de “Lord’s prayer” utilizado por Triggs e “our Father” de Skinner e McAvoy: ao longo do *The book of Margery Kempe*, o termo é sempre repetido como *Paternoster*, e observando a oração, como a trouxe acima, vemos que sua versão moderna também começa com esse termo. Sendo assim, utilizar o “our Father”, parece acabar se aproximando mais do “dar voz” à Kempe, a teologia e o catequismo da época.

Assim como em Bowdon e Staley que mantêm marcações de gênero por motivos distintos, isso parece se repetir aqui com Skinner e McAvoy, o primeiro talvez levando em conta mais o peso da importância teológica do termo (já que mantêm também o “evensong”), em sua atuação como padre, e McAvoy por motivos de evidenciar a importância dessa oração para Margery Kempe.

¹⁰¹ attempts to preserve the original in all its range and variety, including its revealing flaws.

O mesmo acontece com o “Evensong”, ou a missa celebrada todos os dias aos finais de tarde. Temos uma repetição aqui solidificando o termo nas traduções (que é mantido), exceto na tradução de Triggs, que o substitui por “the service”, o que, por um lado, passa o recado de que se trata de uma cerimônia da Igreja, mas que no contexto da história seria importante manter o destaque para o **momento do dia** em que as ações ocorrem. A tradução para “service” (ou se fosse o caso, “mass”), serve para qualquer missa do dia, independente do horário, e as reuniões por si só carregavam rituais distintos entre si dependendo do momento do dia, época do ano, estações e etc.

Ademais, o termo *evensong* é usado até hoje pela Igreja anglicana, sendo mais ou menos popular e familiar ao público, dependendo da região e religião. Por mais que seja um termo que resiste, traduzi-lo para “the service” poderia estar relacionada à uma possível tradução mais ecumênica, que se refere a “uma cerimônia” e não “a cerimônia”? Isso acaba deixando uma forte impressão de uma tentativa de incluir e facilitar que públicos com diferentes credos e ideologias interprete o texto de forma mais fluida, visando mais uma vez o público moderno.

Barry Windeatt, em sua breve nota de tradução, ao final da introdução de sua versão de *The book of Margery Kempe* (1985) comenta que sua “tradução visa fornecer um texto legível para leitores modernos, enquanto permanece o mais próximo possível do original” (.p27)¹⁰²; e aqui nesse excerto, as palavras possuem asteriscos que fazem referência às notas de final, explicando os significados tanto de *paternoster* quanto *evensong* que preferiu manter, uma alternativa muito válida que teria cabido perfeitamente para resolver esse dilema da tradução de Triggs.

Outro ponto de destaque nessa passagem é que temos um dos raros momentos da narrativa ao qual Margery Kempe se refere a si mesma como “woman” (mulher), em vez de “this creature” (esta criatura). Não podemos, portanto, saber de fato se foi uma opção de Kempe utilizar “esta mulher” (e mais à frente o “she”) ou se Spryngolde fez essa decisão em um lapso de memória, mas, ainda assim, é notável termos essa marcação justamente na passagem que fala sobre opressão da parte de um homem.

¹⁰² translation aims to give a readable text for the modern reader, while remaining as close as possible to the form of the original

The devyl put in hir mende that God had forsakyn hir, and ellys schuld sche not so ben temptyd.	B.B: The devil put into her mind that God had forsaken her, or else she would not be so tempted
B.W: The devil put it into her mind that God had forsaken her, or else she would not be so tempted.	T.T: The Devil put it into my mind that God had forsaken me, otherwise I would not be tempted in such a way.
J.S: The devil convinced me that God had abandoned me: Why else would I be so sorely tempted?	L.S: The devil put in her mind that God had forsaken her, and else should she not have been so tempted.
L.H: The devil put it into her mind that God had forsaken her, or else she would not have been tempted in this way.	A.B: The Devil put it into her mind that God had forsaken her, or else she would not have been so tempted.

A seguir, trago a palavra “Devil” (Diabo), para a discussão. Embora no próprio texto fonte temos o “devyl”, com letras minúsculas, e esse exemplo fora seguido nas traduções (exceto de Triggs), gostaria de ater-me a um ponto curioso; de acordo com C.M Millward & Mary Hayes, autoras do *A Biography of the English Language* (2011), não havia distinção entre letras maiúsculas e minúsculas no inglês antigo, e no inglês médio, a “capitalização em manuscritos permaneceu casual, e era utilizada mais frequentemente para a estética visual do que a gramática”¹⁰³ (p. 225). Dessa forma, a etimologia da palavra “devil” até o momento dessa transição do inglês, referia-se à “um espírito maligno subordinado que aflige os humanos”, e não sempre, especificamente, ao Diabo, personagem da teologia Cristã.

Marina Montesano, em seu curto artigo *The hellish history of the devil: Satan in the Middle Ages* (2018) comenta que a figura do Diabo mudou bastante ao decorrer da Idade Média. No início, tinha sua imagem atrelada aos querubins e serafins, era o anjo de luz que fora expulso do paraíso, mas que assim como no Antigo Testamento, ainda transitava pelos mundos dos vivos e o divino (como vemos no início do livro de Jó). Era uma espécie de força adversária, mas não um inimigo propriamente. No entanto, já que ao longo da Idade Média, foi se fazendo cada vez mais importante as atividades missionárias em outras regiões e o domínio ideológico e religioso para o Império Romano, sua imagem foi se transformando junto aos processos de mudança dos nomes de locais sagrados para outros povos e culturas, e a bestialização do Diabo.

¹⁰³ capitalization in manuscripts remained haphazard, and was often done for visual aesthetics more than grammar

Sobre esse assunto, Nogueira (1986) comenta que o Cristianismo passou a atribuir ao Diabo características dos deuses pagãos, para distorcer e bestializar sua imagem, logo, “divindades, cultos e celebrações que haviam sido há muitos anos institucionalizadas por tradições pagãs passaram a ganhar uma nova roupagem para esconder suas origens” (p.27)

Ainda segundo Montesano, as pessoas não eram mais vistas como “enganadas” pelo Diabo, mas em conluio com ele contra a fé cristã e Deus, dessa forma, adquirindo características mais ativas e agressivas do que nunca antes. Por fim, Nogueira (1986) comenta que, pelo final da Idade média, a complexidade criada para retratar o Reino do Diabo era evidente:

“uma vasta e organizada monarquia presidida por Satã e secundada por príncipes, duques, marqueses, condes e preladados. Na mansão infernal existia [...] uma vasta rede de funcionários: embaixadores, secretários, tesoureiros, arquivistas, chefes de polícia, mestre de cerimônias, diretores de espetáculos, camareiros, cozinheiros, dispenseis e padeiros, toda essa organização existindo em função de eterno conflito entre o Bem e o Mal. (Nogueira, 1986, p. 65)

No período que Margery Kempe viveu, e através do contexto que temos do livro, é possível que estivesse sendo atormentada por “diabos” no plural, o equivalente aos espíritos malignos sem nomes próprios, e isso faz com que observamos as traduções com a letra minúscula, mais ponderadas que a com letra maiúscula.

<p>Nevyrthelesse sche was schrevyn many tymes and oftyrn, and dede hir penawns whatsoevyr hir confessowr wold injoyne hir to do, and was governd aftyr the rewelys of the Chirch.</p>	<p>B.B: Nevertheless she shriven many times and often, and did whatever penance her confession would enjoin her to do, and was governed by the rules of the Church</p>
<p>B.W: Nevertheless she was shriven many times and often, and did whatever penance her confessor would enjoin her to do, and was governed according to the rules of the Church.</p>	<p>T.T: Even so, I was confessed time and time again, and did whatever penances my confessor laid down, and conducted myself according to the rules of the Church.</p>
<p>J.S: Nevertheless, I often confessed my sins time after time, always performing whatever penance my confessor imposed upon me; and I abided closely to the rules of the Church.</p>	<p>L.S: Nevertheless she shriven many times and often, and did her penance, whatsoever her confessor would enjoin her to do, and was governed after the rules of the Church.</p>

L.H: Nevertheless, she was shriven many times and often and underwent whatever penance her confessor would enjoin her to do and was afterwards governed by the rules of the Church.

A.B: Nevertheless she was shriven at confession many times and often, and did whatsoever penance her confessor instructed her to do, and she was governed according to the rules of the Church.

Começo com a palavra “schrevyn”, que foi mantida em sua forma moderna em quatro traduções, que suporta uma carga dupla de significados, podendo estar ligada, segundo Merriem-Webster Dictionary, ao “confessar-se” (verbo intransitivo), como vemos na tradução de Triggs e Skinner, mas também a ouvir uma confissão e impor uma penitência para conceder absolvição de algum pecado (verbo transitivo).

Adiante temos a palavra “governd”, sendo coincidentemente também mantida em quase todas as traduções como “governed”, exceto por Triggs, que utiliza o “conducted myself” com o tom de ter a “conduta” de um cristão ortodoxo, e Skinner com “abided closely” como “seguir com rigor” todas as regras da Igreja. Entretanto, destaco aqui o uso da palavra “governd” (governado), como uma extensão muito clara de como o poder da Igreja era sentido pela sociedade, e principalmente para uma mulher como Margery Kempe. O “governado” era usado para classificar a autoridade masculina sobre as mulheres, que deveriam ser “governadas” e se retratar às diversas figuras masculinas diferentes (confessor/marido/pai/padre/corpo eclesiástico, entre outros), sistematicamente sendo impossibilitadas de estabelecer por exemplo, papel de oradora, pregadora, e ter esse tipo proximidade e mediação com Deus que Kempe teve.

Aqui temos uma passagem em que Kempe comenta o que acontece depois de ter sido liberta das tentações demoníacas; ela diz que se confessa periodicamente e aceita qualquer tipo de penitência, sendo governada pelas leis da Igreja. Stanton (1984), comenta que com frequência, a individualidade e a espiritualidade de Kempe eram vistas negativamente por diversos lugares por onde passava, especialmente dentro da Inglaterra. Dickens complementa:

Um quarto dos homens religiosos que ela conhecia a repudiavam e reprimiam Margery; mulheres religiosas tendiam a tratar Margery bem. A repressão não era baseada em assuntos teológicos ou devocionais distintos, mas em percepções de que Margery era uma ameaça socioeconômica para outras mulheres de sua classe, baseado em como ela desafiava as normas sociais sobre o papel social da mulher (DICKENS, 2009, p. 169).¹⁰⁴

¹⁰⁴ One-fourth of the male religious she meets rebuke Margery; female religious tend to treat Margery well. The rebukes were not based on theological concerns or devotional differences, but on perceptions that Margery was a socioeconomic threat to women of her class based on her challenging the social norms of women’s roles

Ainda segundo Dickens, o princípio de toda a autoridade religiosa parecia partir do pressuposto de definir o que uma mulher “pode ser”, para que toda a sociedade saiba o que elas não podem ser. Nessa passagem, por mais que as palavras sejam de Margery Kempe, e tenham sido mantidas em seu significado nas traduções, seus constantes enfrentamentos político-religiosos parecem contradizê-la.

No Livro II, temos uma passagem onde Kempe consulta seu confessor para perguntar sua opinião sobre uma viagem que pretendia fazer. Seu confessor, identificado como Spryn-golde, sugere que ela não viaje devido à sua idade e seus problemas de saúde. Então, mais tarde, Margery Kempe consulta o próprio Deus, que lhe garante que nada ruim iria lhe ocorrer, e assim ela parte para a viagem:

lord þ^u wost wel I haue no leue of my gostly fadyr & I am bowndyn to obediens þ for I may not do thus w^t owtyn hys wil & hys cōsentyng. It was answeyrd a geyn to hir = thowt I bydde þ^e gon in my name Ihū for I am a bouyn thy gostly fadyr / & I xal excusyn þ^e & ledyn þ^e & bryngyn þ^e a geyn in safte. (Kempe, c.a 1434, p.109)¹⁰⁵

Essa passagem, presente no capítulo 2 do livro II, é preciosa, pois vemos todo um conjunto da autoridade religiosa sendo desmantelado e substituído por uma autorização obtida por Margery Kempe **diretamente** através de sua comunicação com Deus (e outras vezes também de Jesus Cristo), uma forte expressão de independência e de “governo” próprio.

Dickens (2009) ainda comenta que o caráter insubordinado de Kempe, quando viaja sozinha, quando faz suas orações da forma emocionada, ou quando se coloca contra as autoridades da Igreja por causa das roupas, seu voto de castidade, ou busca autorização para peregrinar e cartas de proteção assinadas, escritas por padres, “ela se destaca como a mais reconhecível profeminista”¹⁰⁶ (p. 174).

And sythen sche was labowrd wyth <u>temptacyons of dyspeyr</u> as sche was befor and was as for fro felyng of grace as thei that nevyr felt noon.	B.B: Afterwards, she was laboured with <u>temptation to despair</u> as she was before, and was as far from feelings of grace, as they that never felt any,
--	---

¹⁰⁵ Senhor, você sabe que não tenho a permissão de meu confessor, e sou ligada à obediência. Portanto, eu não posso fazer isso sem a sua vontade e consentimento. Ela foi então respondida em seu pensamento: ‘Eu peço que você vá em meu nome, Jesus, pois estou acima de seu confessor, e vou perdoa-la, conduzi-la e a trarei de volta para casa em segurança.

¹⁰⁶ stand out as the most recognizably ‘proto-feminist’

B.W: And afterwards she was troubled with <u>temptations to despair</u> as she was before, and was as far from feelings of grace as those who never felt any.	T.T: But afterwards I could hardly help <u>despairing again</u> , and I was as far from any sense of grace as those who never felt grace in their lives.
J.S: And afterward I was once more troubled by <u>temptations to despair</u> and felt as far away from experiencing God's grace as if I had never felt it at all.	L.S: And afterwards she was labored with <u>temptations of despair</u> as she was before and was as far from feeling grace as those who had never felt any.
L.H: And afterwards she was tried with <u>temptations of despair</u> as she had been before and was as far from feelings of grace as those who had never felt any.	A.B: And afterwards she was troubled by <u>temptations to despair</u> as she was before, and was as far from feeling of grace as those who had felt none.

Para encerrar o tema “questões de religião”, me ative a esse trecho do livro devido a forma que a palavra “dyspeyr” foi trabalhada entre os/as tradutores/as. Mais uma vez, percebo uma supressão do teor religioso por parte da tradução de Triggs. Não temos nenhuma pista paratextual que possa atender nossa demanda para compreender os propósitos por trás de seu trabalho, se seu foco estava completamente voltado para um texto mais amigável ao público moderno e secular, se sua intenção era transmitir as informações de maneira que suavizasse ou eliminasse vestígios teológicos ou se houveram intervenções editoriais que colaboraram com a construção de sua versão como ela se apresenta.

Aqui temos no manuscrito: “temptacyons of dyspeyr” (tentação do desespero), com uso da preposição “of”, que segue nas traduções de Staley e McAvoy, e “to” que pode conter o mesmo significado dependendo do contexto escolhido por Butler Bowdon, na primeira versão moderna, e Barry Windeatt. Não obstante, Triggs usa “despairing again” (se desesperando novamente), uma escolha problemática em minha visão. O “despair” ou desespero é uma palavra que deve ser mantida aqui pois se trata especificamente de um **pecado**, e isso traz muito peso à história em si. Em seu curto ensaio ao New York Times, *The Deadly Sins/Despair; The One Unforgivable Sin* (1993), Joyce Carol Oates comenta que, diferente dos outros pecados, o desespero, de acordo com a tradição, é o único pecado imperdoável. Isso por que os demais pecados conhecidos, como orgulho, raiva, preguiça, gula, inveja, avareza e luxúria, dependem de objetos, pessoas, interações sociais, fatores externos de maneira geral, enquanto o desespero é interno.

Esse pecado não tem perdão, pois, de acordo com o Catecismo Católico, verso 2091, “Pelo desespero, o homem deixa de esperar de Deus a sua salvação pessoal, os socorros para a atingir, ou o perdão dos seus pecados. Opõe-se à bondade de Deus, à sua justiça”. Por essa razão, vejo o “desespero” com outros olhos, talvez mais teológico e menos literário (?), mas que merece a carga que o acompanha nessa passagem em especial, pois Margery Kempe, estava passando por um momento crítico, sentindo-se distante da “graça de Deus” e abnegaria suas crenças, assim como quase fizera antes, após ter concebido seu primeiro filho.

Ao longo do livro, com muita recorrência o desespero vem acompanhado por outros pecados, como lechery (capítulos 4, 11 e 12), e quase sem exceção se relaciona à **tentação** do desespero e à tentação de não querer mais viver: “Sche thowt sche wold a ben in helle for þe sorw þ^t sche had sche thowt sche was worthy no mercy” (p. 9)¹⁰⁷. Também é acompanhado dezenas de vezes pelo verbo “cair” (em desespero), mais especificamente no capítulo 63, explicando que esse pecado é a negação das bondades de Deus para com Kempe, e no capítulo 84, dizendo que não se desesperar é não ser um grande pecador. O suicídio, propriamente dito, é ainda até hoje considerado um pecado, pois se equipara ao assassinato, já que somos “filhos de Deus”, e a vida que nos é dada, segundo Catecismo católico, versos 2280 ao 2283, não é realmente nossa, só devemos administrá-la; acabar com ela é o contrário do amor de Deus, é render-se ao desespero, ferindo o amor a si mesmo e de seus próximos.

4.4 SEXO

Os capítulos 3 e 4 do *The book of Margery Kempe* parecem divisores de águas, pois apesar de não terem sido escritos em ordem cronológica, referem-se ao início da jornada espiritual de Kempe, e neles temos passagens que expressam os posicionamentos diante do sexo, a autonomia de seus sentimentos, do seu próprio corpo e suas escolhas. No segundo parágrafo do terceiro capítulo temos uma declaração que explicita a relação de Kempe com o sexo e o celibato voluntário:

¹⁰⁷ Ela pensou que estava no inferno, tal era sua tristeza. Ela pensou que não era digna de misericórdia.

<p>And aftyr this tyme sche had nevyr desyr to <u>komown fleschly</u> wyth hyre husbonde, for the <u>dette of matrimony</u> was so abhominabyll to hir that sche had levar, hir thowt, etyn or drynkyn the wose, the mukke in the chanel, than to consentyn to any <u>fleschly comownyng</u> saf only for obedyens.</p>	<p>B.B: And after this time she had never desired to <u>comune fleshly</u> with her husband, for the <u>debt of matrimony</u> was so adominable to her the she would rather, she thought, have eaten or drunk the ooze and the muck in the gutter than consent to any <u>fleshly communing</u>, save only for obedience.</p>
<p>B.W: And after this time she never had any desire to have <u>sexual intercourse</u> with her husband, for paying the <u>debt of matrimony</u> was so abominable to her that she would rather, she thought, have eaten and drunk the ooze and muck in the gutter than consent to <u>intercourse</u>, except out of obedience.</p>	<p>T.T: And from this time onwards I never wanted <u>sexual intercourse</u> with my husband, for this <u>matrimonial duty</u> was so loathsome to me that I felt that I would rather eat or drink the oozing slime in the gutter than consent to any <u>physical relationship</u> (except on my obedience).</p>
<p>J.S: And also from this time I had no further desire to have <u>sex</u> with my husband; indeed this <u>burden of marriage</u> seemed so abominable to me that I would sooner have eaten or sucked up ooze from the gutter than consent to <u>intercourse</u>, except that I was still obliged to remain obedient to my husband.</p>	<p>L.S: And after this time she had never desire to <u>common fleshly</u> with her husband, for the <u>debt of matrimony</u> was so abominable to her that she would rather, she thought, eat or drink the ooze, the muck in the channel, than to consent to any <u>fleshly commoning</u>, save only for obedience.</p>
<p>L.H: And after this time she never had any desire for <u>sex</u> with her husband, for the <u>matrimonial debt</u> was so abominable to her that she would have preferred, or so she thought, to eat or drink the slime, the muck in the gutter than to agree to any <u>sexual contact</u>, except only for obedience.</p>	<p>A.B: Also, after this time she had no desire to have <u>sexual contact</u> with her husband, for the <u>conjugal debt</u> * was so abominable to her that, she thought, she would have rather eaten or drunk the slime, the muck, in the gutter than consent to any <u>sexual contact</u>, except out of obedience.</p>

Apesar de muito relevante, pretendo não me ater neste momento a toda uma construção histórica de como durante toda a Idade Média se lidou com temas como o sexo e a sexualidade, pois não se trata de observarmos por uma perspectiva histórica tão ampla; no entanto, é interessante termos em mente a natureza do que representava o sexo nesse momento. Segundo Federici (2018), o controle do Estado e a Igreja sobre os corpos, principalmente das mulheres, dependia do controle do sexo, sendo este permitido somente entre um casal, dentro do casamento e com o objetivo procreativo exclusivamente. (p. 346); em determinados momentos ao longo da Idade Média, a Igreja inclusive “tentou impor um verdadeiro catecismo sexual, prescrevendo detalhadamente as posições permitidas durante o ato sexual (na verdade, só uma era permitida), os dias

em que se podia fazer sexo, com quem era permitido e com quem era proibido (p .81). Além disso, falar abertamente sobre sexo já podia ser considerado blasfêmia e o indivíduo ser torturado e sentenciado a morte, especialmente se o indivíduo fosse uma mulher.

Ainda segundo Federici (2018), todo o caminho percorrido pela supressão sexual, e que culminou na caça às bruxas, transformou não somente o papel da mulher, mas tornou a atividade sexual em procriação e um trabalho a serviço dos homens e do Estado (p. 346).

É importante enfatizar que Margery Kempe viveu em um período cuja caça às Bruxas ainda não havia se instaurado, e nem mesmo o que seria conhecido como Santa Inquisição, portanto, sempre que era condenada, julgada ou apontada como hipócrita, falsa e etc., era por seu posicionamento heterodoxo, e não por apresentar as características de uma bruxa ou julgada por esse viés.

Liz Herbert McAvoy (2003) comenta que, além das questões religiosas, a crença na incapacidade da mulher de controlar sua voz e seu corpo era também reforçada por teorias médicas e científicas da época, que proclamavam que a mulher era um ser “naturalmente inferior” e possuidoras de um “corpo perigoso”, e exemplifica com o que pregava o médico e filósofo Cláudio Galeno, que:

Mulheres eram consideradas naturalmente mais frias e molhadas que os quentes e secos homens e, como resultado, ansiavam constantemente pela união com homens para assim modificar suas próprias temperaturas inadequadas. Uma das principais consequências dessa disposição “natural” era que as mulheres eram consideradas inerentemente (e perigosamente) sexualmente vorazes e a ligação entre a voz feminina descontrolada e o apetite sexual insaciável foi forjada repetidas vezes na literatura medieval. (McAvoy, 2003, p. 2)¹⁰⁸

Esse trabalho político religioso da Igreja em distorcer a natureza das mulheres e as rotularem como descontroladas, impulsivas e histéricas, criando assim uma sociedade com medo e extremamente misógina, pode ser trabalhada ao longo de uma tradução, onde não é preciso (e não deve) perpetuar determinados elementos somente por fazerem parte de um “eco do passado”, ou bíblico.

Já em termos de linguagem, algo que se faz notar são os eufemismos utilizados na época para se referir ao ato sexual. Ao longo de todo *The book of Margery Kempe*, ela se articula e manifesta muitas posições sobre o sexo, mas assim como ela não descreve suas gravidezes, o

¹⁰⁸ women were considered to be naturally colder and wetter than the hot and dry male and, as a result, constantly craved union with men in order to modify their own inadequate temperatures. One of the main consequences of this ‘natural’ disposition was that women were considered to be inherently – and dangerously – sexually voracious, and the link between the uncontrolled female voice and and insatiable sexual appetite was one which was forged time after time in medieval literature.

nascimento de seus filhos, ela também nunca se refere às partes do corpo, e usa “comunhão carnal” em vez de “sexo”.

No momento histórico em que viveu Margery Kempe, se colocar em uma narrativa em terceira pessoa exercia funções diferentes e importantes, como: o distanciamento, se encaixar no padrão literário ao se relacionar com o gênero das hagiografias, mas principalmente como uma forma de proteção, sendo assim, o uso dos eufemismos era prudente para amenizar qualquer carga que poderia vir a ser considerada não ortodoxa.

De acordo com o Online Etymology Dictionary, a palavra “sex” (sexo), vinda do Latim “sexus”, primeiro significava a “qualidade” do masculino e feminino, uma divisão representativa para pessoas de sexo diferentes, e assim foi mantido até meados da Idade Média, em 1520, quase um século depois de *The book of Margery Kempe* ter sido concluído. No inglês, o termo “sex”, a partir daquele momento, passou a ser utilizado de maneira levemente mais recorrente para descrever atividades sexuais. Entretanto, somente em 1929, ele aparece em “sexual intercourse”, ou o ato sexual propriamente dito e por último, significando genitália, em 1938.

No contexto da narrativa de Kempe, esse momento é crucial, pois se liga ao momento de revelação, quando decide mudar completamente seu estilo de vida. Aqui, ela comenta sobre ter conseguido coragem pela primeira vez de expor ao seu marido que fazer sexo com ele era para ela algo insuportável e abominável, e que sua mente e coração estariam sempre com e para Deus, e não mais para nenhuma criatura terrestre.

Nesses excertos selecionados, temos no texto fonte o *komown fleschly*, e a instigante e variada gama de caminhos que os/as tradutores/as tomaram. As palavras “fleshly”/“flesh” em si, aqui colocada como eufemismo para sexo, segundo sua etimologia, provém do inglês antigo, e da Bíblia, excepcionalmente nas Epístulas paulinas, com o uso seguido de “sarx” do grego.

Começamos por Bowdon e Staley que traduziram como “comune fleshly” e “common fleshly” respectivamente, mas com intenções muito distintas. Vimos anteriormente que Bowdon queria lançar o livro em inglês moderno o mais depressa possível, que ele não era tradutor, e contou com o auxílio de um linguista e idealizador de um dos dicionários do inglês médio, então vemos que essa parte no livro não possui nenhuma nota, assim como o prefácio e introdução que também não se referem ao termo. Já na tradução de Lynn Staley, mesmo utilizando do termo original, existe uma nota de rodapé que redireciona para o léxico do livro, criado por ela mesma, onde comenta que alguns termos, por possuírem uma multiplicidade de significados, e sendo esses significados tão idiossincráticos que modernizá-los seria até certo ponto impossível, ou ecoaria em muitos outros textos em inglês do final da Idade Média. Ela

menciona que para formular esse léxico recorreu ao *Middle English Dictionary* (1998) editado por Robert E. Lewis da Universidade de Michigan. No léxico, “common” aparece com as diversas definições de acordo com o dicionário mencionado, entre eles “to associate with”, “act jointly” e “to have sexual intercourse with” (p. xxi).

Já nas traduções de Windeatt e Triggs, decidiram utilizar o “sexual intercourse”, McAvooy e Skinner, que optam pelo uso de “sex” simplesmente e Bale com “sexual contact”. Mais à frente, vemos o uso de “physical relationship” (relacionamento físico) por Triggs, e sexual contact (contato sexual) por MvAvoy, reforçando a ideia por trás do termo com um sinônimo ao invés da repetição de Windeatt.

Nessa passagem, sublinhei também o “dette of matrimony” (débito matrimonial ou dívida conjugal), para fazer uma breve observação sobre os paratextos e como foram empregados aqui para auxiliar o leitor e complementar a tradução. Nos casos de Windeatt, Staley e Bale (neste caso marcado com um asterisco que leva às notas explicativas ao final do livro), há notas históricas sobre o “débito de casamento”; assim como vimos que o casamento é um sacramento eterno, assim é também o “compromisso” sexual entre os parceiros, e aqui fica quase explícito que o ato sexual deveria acontecer. O posicionamento de Margery Kempe manteve-se muito firme em relação à sua vontade de se tornar celibatária, em momentos se expressando de forma intensa e através de exemplos exagerados, aos quais os leitores modernos podem encontrar uma aura cômica. Não raras vezes, Kempe comenta preferir morrer do que consentir em fazer sexo com seu marido novamente: ffor sche thowt sche had leu ben deed þan cōsentyn þ to. (p.7)¹⁰⁹

Assim como a passagem icônica no capítulo 11, quando o marido (após o voto de castidade) um dia questiona se ela deitaria com ele mais uma vez como nos velhos tempos se a vida dele dependesse disso (no caso um mal feitor cortaria sua cabeça), e ela responde que sente muito, mas que ele seria certamente degolado, ele retruca: “ȝe arn no good wife (p.12).”¹¹⁰

A próxima e última passagem tem uma ligação direta com as formas “legais” do débito matrimonial que discutimos acima, é a palavra “using”, no sentido de “usar” um ao outro. Margery Kempe, nesse momento, faz uma ponte entre o prazer que sentia, quando ela e seu marido “usavam um ao outro” sexualmente e à luxúria, e a sua forma de vida devocional passa a não mais admitir esses encontros “pecaminosos”, mesmo, tecnicamente não sendo pecado, pois praticavam dentro do casamento e com fins procreativos. A passagem segue da seguinte forma:

¹⁰⁹ Pois ela pensou que preferia estar morta do que consentir com isso.

¹¹⁰ Você não é uma boa esposa

<p>And oftyntymys this creatur levyd chast, counseld hir husbond to levyn chast, and seyde that thei oftyntymes, sche wyst wel, had dysplesyd God be her <u>inordynat lofe</u> and the <u>gret delectacyon</u> that thei haddyn eythyr of hem in <u>usyng of other</u>, and now it wer good that thei schuld be her bothins wylle and consentyng of hem bothyn punschyn and chastysyn hemself wylfully be absteynyng fro her lust of her bodys.</p>	<p>B.B: And oftentimes this creature counseld her husband to live chaste, and said that they often, she knew well, had displeased God by their <u>inordinate love</u>, and the <u>great delectation</u> they each had in <u>using the other</u>, and now it was good that they should, by the common will and consent of them both, punish and chastise themselves wilfully by abstaining from the lust of their bodies</p>
<p>B.W: And often this creature advised her husband to live chaste and said that they had often (she well knew) displeased God by their <u>inordinate love</u>, and the great delight that each of them had in <u>using the other's body</u>, and now it would be a good thing if by mutual consent they punished and chastised themselves by abstaining from the lust of their bodies.</p>	<p>T.T: And I frequently asked my husband to live a life of sexual abstinence, and I said that I was very conscious of how we had often displeased God by our <u>passionate love</u> and the high degree of <u>sensual pleasure we had from each other</u>, so by common desire and common consent we should now deliberately punish ourselves and mend our ways by refusing to serve our bodily lust.</p>
<p>J.S: I would often try to persuade my husband to be chaste, telling him how I knew only too well that our <u>excessive lovemaking</u> was displeasing to God. I argued that considering all the very great pleasure we had had in <u>giving our bodies to each other</u>, ought we not now, by mutual consent, desire to chastise and punish our bodies by refusing to give way to such lust anymore?</p>	<p>L.S: And oftentimes this creature lived chaste, counseled her husband to live chast, and said that they oftentimes, she knew well, had displeased God by their <u>inordinate love</u>, and the great delectation that they both had in <u>using one another</u>, and now it was good that they should, by both their wills and the consent of them both, punish and chastise themselves wilfully by abstaining from their lust of their bodies.</p>
<p>L.H: And this creature often urged her husband to live in chastity and said she knew well that they had frequently displeased God by their <u>inordinate love</u> and the great delight that each of them had in <u>using the other's body</u>, and now it would be good if they should by mutual will and consent punish and chastise themselves voluntarily by abstaining from the lust of their bodies.</p>	<p>A.B: And often this creature lived chaste, advised her husband to live chaste, and said that they had often (she knew well) displeased God by their <u>inordinate love</u> and the great sensual pleasures that each had in <u>using each other's bodies</u>, so now it would be a good thing if by the will and consent of both they willingly punished and chastised themselves by abstaining from the lusts of their bodies.</p>

Vemos no texto fonte o termo “usyng of other” (usar um ao outro), que é mantido na tradução de Bowdon (using the other); já nas traduções de Windeatt, Skinner, McAvoy, e Bale parecem ter feito uma escolha intermediária para explicitar a frase e facilitar o entendimento do leitor (assim como melhorar as conexões para os próximos capítulos). Eles usam o “giving our bodies to each other” e “using the other’s body”, adicionando o “corpo” para fazer uma alusão ao aspecto carnal da relação sexual. Aqui é importante também destacar o trabalho de McAvoy, que como mencionado anteriormente, é uma tradução adaptada e que não abarca todo o conteúdo do manuscrito, e essa passagem se encontra na parte II do livro: “Discourse of Desire”, mais especificamente sobre sua sexualidade.

Triggs traz, em sua tradução, a escolha de “sensual pleasure we had from each other”, o que ao mesmo tempo explicita, porém deforma o cerne da passagem, pelo fato de ter sido o único a traduzir a palavra “inordinate” (desproporcional, exagerado, extravagante, irracional) por “passionate” (apaixonado), o que altera a carga do pecado por Kempe. O “passionate”, nesse caso, associado ao cunho sexual da frase que segue.

Chamos atenção também para a tradução de Skinner, que trazus “inordinate love” por “excessive lovemaking” Já Lynn Staley neste trecho é a única tradutora que trabalha com as ferramentas paratextuais — apesar de preferir manter novamente o termo, onde vemos “using one another” — segue uma nota de rodapé na palavra “using”, que diz: “Esse é o termo usado por Kempe, expressão comum na época, ver léxico”, onde há uma explicação dos diferentes significados que carregam esse termo: “ter o uso de, empregar, seguir, associar-se com, observar um costume, possuir, assumir o controle de, obter prazer, desfrutar, habituar-se” (p.xxiii).

111

Os cotejos e análises aqui apresentados tiveram como objetivo, expor de maneira prática e sistemática, tanto a diferença entre as traduções e os projetos tradutórios; como os/as tradutores/as apresentam soluções em relação aos quisitos pré estabelecidos: comportamento/sentimento; linguagem gendrada; religião e sexo, quanto a forma como esses projetos se relacionam e conversam entre si para construir a trajetória histórica e literária de *The book of Margery Kempe* como um todo.

Entre os principais caminhos tomados para esta investigação está em perceber como as traduções apresentam recursos para neutralização de linguagem gendrada, se preservam ou

¹¹¹ have the use of; to employ; to follow; to associate with; to observe a custom; to possess, take control over; to take pleasure in, enjoy; to be accustomed. (p. xxii).

não o aspecto místico da narrativa e a voz de Kempe, de que forma se dá os esforços e anteção em relação à religião, e se esses esforços estão presentes no texto ou através dos paratextos. Averiguamos como os elementos paratextuais substanciam a crítica tradutória, crítica essa que não se ateve em julgar as traduções entre “boas” e/ou “ruins” ou para apontar “erros” e “acertos”, mas de forma que fosse possível expor ao leitor um panorama mais completo da obra e suas traduções.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa cotejou e analisou todas as traduções disponíveis atualmente do inglês médio para o inglês moderno do *The book of Margery Kempe* (c.a 1435). Considerada a primeira auto/biografia escrita em língua inglesa, o livro possibilitou-me um caminho complexo e gratificante através da trajetória de Margery Kempe, além de poder observar como cada uma das traduções lidaram com questões voltadas ao gênero auto/biográfico, o distanciamento histórico, político, social e cultural da Idade Média e as questões religiosas e nada ortodoxas presentes no texto.

Pellatt (2013) nos lembra que os Estudos da Tradução “vem abraçando investigações cada vez mais interdisciplinares”¹¹² (p.1) e que elementos que tentei trazer para a discussão como os estudos feministas da tradução, os estudos paratextuais e a remediação, se revelaram cruciais para ampliar a visão do texto de Kempe e proporcionar confiança para confrontar tanto as traduções em relação ao manuscrito quanto apontamentos e críticas entre as próprias traduções. Pellatt complementa dizendo que essas ferramentas (paratextuais) nos permite ir “muito além das fronteiras do puramente linguístico e dos estudos literários, se voltando às questões culturais, de pragmática, psicologia, sociologia e outros”¹¹³ (p1-2).

O primeiro passo dado em direção ao objetivo deste trabalho foi perceber como os pilares teóricos se correlacionavam: estudos feministas da tradução com o aporte teórico para analisarmos questões de linguagem gendrada e papéis de gênero, a auto/biografia, que por um longo período se encontrava em journals e diários escritos por mulheres, e que nos fornecia uma verdadeira janela para o passado e na intimidade das vidas de uma época, mas que ao mesmo tempo não eram consideradas parte da literatura.

Vemos então o movimento dos estudos feministas da tradução fazendo uma verdadeira recuperação histórica de obras “perdidas” há muito tempo, ou obras que foram originalmente escritas por mulheres, mas que eram usurpadas por seus maridos ou suas ideias roubadas por editoras. O pilar teórico das traduções intralinguais e interlinguais que nos apontam direções

¹¹² have embraced ever more cross-disciplinary inquiry

¹¹³ beyond the bounds of purely linguistic and literary study, turning to cultural concerns, pragmatics, psychology, sociology and more.

para entender que a tradução de fato abarca muito mais do que apenas o idioma, e que também se relaciona com esse “resgate” histórico de interesse feminista, já que o próprio *The book of Margery Kempe* foi identificado por Hope Emily Allen, uma pesquisadora feminista independente.

Em relação aos estudos dos paratextos, se cruzando com todos os demais pilares, ao passo qual alcançamos informações epitextuais que nos esclarece posicionamentos ideológicos, aonde a obra e as traduções se encontram tanto em termos de processo de escrita (através de material prefatório, notas explicativas e de tradução, textos críticos de dentro e fora das traduções, etc) quanto de recepção dessas obras (traduções de cunho acadêmico, moderado ou mais “simples”).

Através dos paratextos pudemos traçar retas concorrentes, por um lado compreendendo a trajetória histórica do *The book of Margery Kempe*, desde sua escrita, autoria, seus formatos e as diversas mediações que passou até sua descoberta; e por outro lado as traduções, e como elas contribuíram ou não para manter e apresentar o colorido medieval, as representações do misticismo e religião na Idade Média, questões de sexo e agência individual de seu corpo e especialmente, como construíram ou reconstruíram a vida e a voz dessa mulher, que Dinshaw (1999) comenta ser “uma criatura cujo o corpo não é claramente categorizável dentro dos moldes em sua comunidade burguesa heteronormativa”¹¹⁴ (p. 149), para o público moderno.

De modo geral, nenhuma tradução entre as analisadas se colocou abertamente como um projeto de tradução feministas, entretanto, nota-se que os questionamentos à linguagem gendrada e ao binarismo são fatores presentes com maior recorrência em algumas traduções do que em outras. Esse diálogo existe e submerge da prática tradutória de formas diferentes também, por exemplo: a versão do *The book of Margery Kempe* de Liz Herbert McAvoy (2003), seleciona excertos do manuscrito e os traduz de acordo com categorias temáticas de seu interesse, é uma tradução que se sobressai em termos de consciência de gênero e sensibilidade, já no caso de Lynn Staley (2001), apesar de manter a tradução com marcações de gênero, faz os devidos ajustes e explicações através de peritextos. Outro exemplo pode ser visto na edição de Anthony Bale (2015), que parece um misto de escolhas de neutralização ao longo do texto e notas explicativas.

Para este trabalho, foram elaboradas algumas perguntas de pesquisa que se fazem necessárias a retomada e discussão nesse momento:

¹¹⁴ a creature that itself is not clearly categorizable in her community's bourgeois heteronormative terms...

1) Como é textualizada a voz de Margery Kempe no manuscrito em inglês médio e nas traduções? São construções que revelam marcas de mediações patriarcais? O que resta da voz de Kempe para quem lê o livro?

A voz de Margery Kempe, apesar de ter sofrido muitas mediações, pois sabemos que é uma obra ditada de memória, escrita por outras duas pessoas, sendo eles homens, um leigo e um padre e confessor, não sabemos até que ponto esses escrivães preservaram cada uma das palavras de Kempe, e isso poderia ter várias razões: para manter a ortodoxia, escrever de forma que o público da época fosse receber melhor as ideias de Kempe, suprimir passagens que poderia colocar algum dos dois em risco por heresia e etc. Por fim, apesar de não podermos garantir questões de autoria e o quanto da voz de Kempe passou pelo crivo (ou censura) de seus escrivães, podemos analisar isso com mais transparência nas traduções.

Sobre a construção dessa voz nas traduções, Triggs comenta em sua nota de tradução que tenta “dar voz” a Margery Kempe, numa “tentativa de preservar o original em todo seu alcance e variedade, incluindo os defeitos reveladores” (p.12)¹¹⁵, o que é bastante curioso, já que é a tradução que primeiro mudou o foco narrativo e que carrega em seu subtítulo o: *The Autobiography of the Madwoman of God*, que qualifica Kempe como “louca” já na primeira capa, e que na 4ª capa temos um *release*¹¹⁶, escrito por Sigrid Undset, que diz: “Um retrato incomparável da vida no início do século XV, e o autorretrato de uma mulher cuja natureza era curiosa, composta de devoção e egoísmo, talento e histeria”¹¹⁷. Seria esse um desserviço para o leitor moderno, que tem como primeiro acesso à vida medieval e a voz de Margery Kempe nesta tradução? Essa parece ser uma construção bastante patriarcal, pois se coloca no lugar de “dar voz” à uma mulher que já se mostra como uma voz poderosa à séculos, colocando-a em um espaço de “estranha”, “histérica”, e não como uma voz de confronto e de resistência em plena Idade Média.

Na versão de Skinner, apesar da escolha pela primeira pessoa, seu texto figura moderação, há um cuidado maior em explicar algumas questões medievais ao leitor. Em relação

¹¹⁵ attempts to preserve the original in all its range and variety, including its revealing flaws.

¹¹⁶ Segundo Gérard Genette em seu livro *Paratextos Editoriais* (1987) o *release* é definido como “impresso que contém indicações sobre uma obra. Em outros termos, os que adotamos, trata-se de um texto curto (geralmente de meia página) que descreve, a maneira de resumo ou de qualquer outro meio, e de modo normalmente elogioso, a obra a que se refere.” (p. 97)

¹¹⁷ Na incomparable Picture of life at the beginning of the fifteenth century, and the self-portrait of a woman whose nature was a curious compound of piety and egoism, talent and hysteria.

às traduções de Bowdon, Windeatt, Staley e Bale, todas versões que minimizam a carga patriarcal em termos de texto (especialmente nos últimos três, através dos paratextos) e por fim McAvoy, que como mencionado anteriormente, parece uma voz ativa, que trabalha em prol de uma versão “implicitamente” feminista.

Embora a voz de Kempe tenha sido criada e recriada através de projetos de tradução tão distintos, sua voz sobrevive e nos mostra que, se seu livro não estivesse ficado “perdido” durante tantos anos, é possível que tivesse ido para a fogueira junto com tantos outros trabalhos considerados heréticos, do período que se seguiu logo após a sua morte. Sua voz é importante até os dias de hoje e nos mostra uma face muito mais real e honesta da Idade Média, o que nos leva à segunda pergunta:

2) Que tipo de acesso que se dá à Idade Média nas traduções? Como nos permitem conhecer a experiência mística de sua autora? Uma tradução mais moderna apagaria o colorido medieval ou o tornaria mais acessível para quem lê?

As versões de Windeatt, Staley e Bale se sobressaem na questão de dar acesso ao “universo” medieval, os três criaram por exemplo, a cronologia da vida de Margery Kempe, fazendo as relações com importantes acontecimentos históricos da época, na versão de Bale e Staley há mapas e léxico, na versão de Skinner também há uma tabela cronológica da vida de Kempe. Ainda nas versões de Staley, Windeatt, e McAvoy, excertos do *The book of Margery Kempe* publicados pela primeira vez por Wynkyn de Worde em 1501 estão disponíveis. Há um interesse pulsante nessas versões de desconstruir a Idade Média como conhecemos, através do relato de Kempe, um retrato fiel e muito mais honesto do que as histórias de reis e rainhas ou focados nas ações da Igreja Católica. A versão de Triggs, ao mesmo tempo que parece ser a que mais se afasta desse interesse propriamente dito, é inevitavelmente a versão mais popular e acessível ao leitor (apesar de sabermos que assim como há uma miríade de diferenças entre traduções e projetos tradutórios, há também uma multiplicidade de leitores e propósitos de leitura). Há uma espécie de supressão de termos e expressões medievais, além de ser comum mencionar locais, datas importantes, cerimônias religiosas sem explicar ao leitor do que se trata cada uma delas. Esse “desinteresse” (que pode ser devido a questões editoriais também) reflete uma versão simplificada, e que parece apagar o colorido medieval em prol de uma leitura mais dinâmica e acessível, algo que imaginei que ocorreria também na versão de Skinner, mas que não foi o caso, especialmente pelo contrastante foco nas explicações de cunho religioso.

Ao contrário do que imaginei ao iniciar esta pesquisa, os paratextos acabam se mostrando aliados alicerçadores para manter o colorido medieval.

3) Como os paratextos realizam a mediação desses temas? Como os paratextos das traduções nos aproximam ou afastam das diferentes particularidades do livro? O que mais se resalta do livro com as diferentes escolhas dos projetos?

O arsenal teórico de mediação também fez possível refletir sobre os públicos que essas traduções parecem apontar. Vemos as primeiras versões de William Butler-Bowdon (1940) apresentando essa urgência de publicação como uma força terefa para trazer esse texto ao público da época, onde os elementos peritextuais não pareciam prioridade, exceto pela completa introdução de Hope Emily Allen. Somente depois de 45 anos, teríamos a versão de Barry Windeatt (1985), que publica sua tradução já munido com uma variedade maior de peritextos, especialmente nos elementos prefatoriais e notas explicativas, o que a faz uma versão “moderada” e bastante palatável ao leitor; em 1995, temos Tony D. Triggs fazendo uma contraditória opção por modificar o foco narrativo de terceira para primeira pessoa, sendo essa, aparentemente a versão mais voltada ao público leitor moderno e leigo. Há bastante simplificações e alterações dentro do texto e não há material peritextual explicativo de qualquer tipo exceto por nota de tradução, que revela um pouco sobre o processo e sua escolha inusitada. Essa escolha foi repetida pela versão de John Skinner (1999) anos depois, que também troca o foco narrativo, entretanto, apesar de ele também se alongar em frases para explicar os acontecimentos **dentro** de seu texto, se utiliza de notas para explicar (em grande parte) questões voltadas para a religiosidade. Lynn Staley (2001) e Anthony Bale (2015) compartilham algo em comum, suas traduções são as que aparentam ser as mais voltadas ao público acadêmico, há enorme variedade de material peritextual explicativo, textos críticos, materiais epitextuais, como aulas e entrevistas de ambos sobre a obra e seu processo de tradução. E por fim Liz Herbert McAvoy (2003), com sua tradução adaptada, que também atende ao público acadêmico, devido ao material prefatorio e posfatório bastante completo, mas que ao mesmo tempo atende ao leitor moderno não-acadêmico devido ao fato de se colocar como voz ativa em seu trabalho, fazendo o debate de suas ideias junto aos excertos selecionados.

Por fim, esta pesquisa, apesar de trazer todas as traduções disponíveis para o inglês moderno do *The book of Margery Kempe*, revela também que ainda há muito o que ser explorado sobre cada tradutor/a, seus projetos e outras possíveis temáticas. Essa obra, que acredito

ser uma pedra angular para entendermos melhor o misticismo, a Idade Média, as questões sociopolíticas, de religião e sexo, têm potencial para ser explorada muitas vezes. Penso que esta dissertação contribua para o conhecimento da autora Margery Kempe e também sua obra no Brasil, que mira em conseguir, em partes, desconstruir os preconceitos em relação a Idade Média, e que sirva de impulso e sinal para que mais discussões e diálogos sejam criados dentro e fora de aula sobre esse tema e obras. Um passo em direção a esse reconhecimento é o empreendimento em traduzir *The book of Margery Kempe* do inglês médio para o português do Brasil em um futuro projeto de doutorado, podendo de fato apresentar essa voz extremamente valiosa e que vem atravessando os séculos para o leitor brasileiro.

6. REFERÊNCIAS

ADAMS, Carol J. **A Política Sexual da Carne**: Uma teoria feminista-vegetariana. Tradução de Cristina Cupertino. São Paulo: Alaúde Editorial Ltda, 2018

AKEL, Catherine S. '... **A Schort Tretys and a Comfortybl ...**': Perception and purpose of Margery Kempe's narrative." *English Studies* n° 82. *Swets & Zeitlinger*, 2001. p. 1-13.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. **Prefácio: Apresentando Spivak**. In: *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 7-18.

ANZALDÚA, Gloria. **La conciencia de la mestiza** / rumo a uma nova consciência. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n°3, Dezembro/2005.

ARROJO, Rosemary. **Fidelity and the Gendered Translation**. In: *TTR*, v.7. n° 2, 1994. pp. 147-163.

ASTON, Margaret. **Lollards and Reformers: Images and Literacy in Late Medieval Religion**. ed. 1. Nova York: Continuum International Publishing, 1984.

ATKINSON, Clarissa W. **Mystic and Pilgrim: The Book and the Word of Margery Kempe**. Ithaca: Cornell University Press, 1983.

AUTORIA DESCONHECIDA. **The Cloud of Unknowing: and other Works**. Traduzido, organizado e editado por C. Wolters. ed.13. Westminster, London: Penguin, 1978.

BALE, Antony. **Anthony Bale and The Book of Margery Kempe**. [Entrevista concedida a] Oxford Academic (Oxford University Press). YouTube. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FXzzL2P-uCg&list=PL77IyTftpF67vP6FtZt5Rj8aISEFCQlo9>. Acesso em: Nov. 2019.

_____. **The Cloud of Unknowing: and Related Treatises**. Editado por H. Phyllis. Salzburgo: Institut Fur Anglistik Und Amerikanistik, 1982.

BATCHELOR, Kahtryn. **Translation and Paratexts**. 1° ed. Routledge, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Traduzido por Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIN, Walter. **A Tarefa do Tradutor: Quatro traduções para o português**. Organizado por Lucia Castello Branco, Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions**: Organizado por John Donne, Paris: Gallimard, 1995.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 1° ed. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

BLUME, Rosvitha Friesen. **Teoria e prática tradutória numa perspectiva de gênero**. Fragmentos, v. 39, Florianópolis, Dezembro/ 2010, p. 121-130.

BOLTER, Jay D; GRUSIN, Richard. **Remediation**: Understanding new media. Edição revisada. Cambridge, Massachussets: Mit Press, 1999

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CASTELLI, Elizabeth A; RODMAN, Rosamond C. **Women, Gender, Religion**: A Reader. 1º ed. AIAA, 2001.

CASTRO, Olga. **(Re) examinando horizontes nos estudos feministas de tradução**: em direção a uma terceira onda?. Tradução de Beatriz Regina Guimarães Barboza. *TradTerm*, São Paulo, v. 29, Julho/2017, p. 216-250.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil CNBB. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CHAPELL, Julie. **Perilous Passages**: The Book of Margery Kempe, 1534–1934. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

CHAUCER, Geoffrey. **Os Contos de Canterbury**. Tradução de Paulo Vizioli. 1º ed. EDITORA 34, 2014.

D'ÁVILA, Manuela. **Porque Lutamos?** Um livro sobre amor e liberdade. 3º ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2019.

DALEY, Jason. **Researchers Decipher Recipe Believed to Treat Medieval Mystic**, 2017. Disponível In: <https://www.smithsonianmag.com/smart-news/researchers-decipher-recipe-treat-medieval-mystic-180962336/>. Acesso em: 10 nov. 2018.

DELISLE, Jean. **Os tradutores na história**. Tradução de Sérgio Bath. 1.ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

DICKENS, Andrea Janelle. **Contemplative Pilgrim**: Margery Kempe. In: *The Female Mystic Great Women Thinkers of the Middle Ages*. Nova York, I.B Tauris & CO Ltd, 2009.

DINSHAW, Carolyn. **Getting Medieval**: Sexualities and Communities, pre- and postmodern. Durham, Carolina do Norte: Duke University Press Books, 1999.

_____. **How Soon Is Now?**: Medieval Texts, Amateur Readers, and the Queerness of Time, Durham, Carolina do Norte: Duke University Press, 2012.

DOVE, Mary. **Wyclif and the English Bible**. In: LEVY, Ian Christopher (ed.). *A Companion to John Wyclif: Late Medieval Theologian*. 4.ed. Leiden, Holanda: Brill Academic Publishers, 2006. p. 365-406.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017. _____. **Ponto Zero da Revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

_____. **Mulheres e caça às Bruxas**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.

_____. **O patriarcado do salário**: notas sobre Marx, gênero e feminismo. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Boitempo, 2021.

FERRAZ, Salma. **Deuses em poéticas**: Estudos de Literatura e Teologia. Campina Grande, Paraíba: EDUEPB, 2008.

_____. **As Malasartes de Lúcifer**: textos críticos de Teologia e Literatura. Londrina, Paraná: Eduel, 2011.

_____. **O Pólem do Divino**: textos de Teologia e Literatura. 1º ed. Blumenau, Santa Catarina: Edifurb, 2011.

_____. **O Pólem do Divino**: textos de Teologia e Literatura. Blumenau, Santa Catarina: Edifurb, 2011.

_____. **Escritos Luciféricos**. Blumenau, Santa Catarina: Edifurb, 2014.

FERREL, Lorry Anne. **The Politics of Translation: THE BIBLE IN ENGLISH, C. 1500–1700**. In: _____. (org.). *Bible and the people*. New Haven, Connecticut: Yale University Press, 2008. p. 56-94.

FREDMAN, Sara. **Margery Kempe Had 14 Children and She Still Invented the Memoir**: Introducing the medieval patron saint of moms who also write. Ensaio disponível In: <https://electricliterature.com/margery-kempe-had-14-children-and-she-still-invented-the-memoir/>. Acesso em: 29 fev. 2020.

FRYE, Northrop. **The Great Code: The Bible and Literature**. 1º ed. Boston: Mariner Books, 2002.

FURLAN, Mauri. **Étienne Dolet e o “modo de traduzir bem de uma língua a outra”**. In: *Antologia Bilingue: Clássicos da Teoria de Tradução*, v.2, organizado por Claudia Borges de Faveri, Florianópolis: Universidade de Santa Catarina, 2004.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo, Ateliê Editorial, 2009.

GILBERT, Sandra. **The Norton anthology of literature by women: the tradition in English**. 2º ed. New York: W.W. Norton, 1985.

GLENN, Cheryl. **Author, Audience and Autobiography: Rhetorical Technique in the Book of Margery Kempe.** College English, v.54, n°5, National Council of Teachers of English, 1992, p.540-553.

GODARD, Barbara. **Translating and Sexual Difference.** Resources for feminist Research, v.13, Ontario, York University, 1984, p.13-16.

_____. **Theorizing Feminist Discourse/Translation:** In: Translation, history and culture London, London, 1990, p. 87-96.

GOODMAN, Anthony. **Margery Kempe and her world.** The medieval world. Grã-Bretanha: Pearson Education Limited, 2002.

HIRSH, John. **Hope Emily Allen (1883-1960): An Independent Scholar.** In: Women medievalists and the academy. Madison, University of Wisconsin Press, 2014.

HUDSON, Anne. **The Ideology of Reformation, The Premature Reformation: Wycliffite Texts and Lollard History.** Oxford: Clarendon Press, 1988.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação.** Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

_____. **On Linguistic Aspects of Translation.** In: On Translation. Editado por Reuben Arthur Brower. Cambridge, Massachusetts, 1959.

JOLLY, Margaretta. **Encyclopedia of Life Writing: Autobiographical and Biographical Forms.** v.1 (A-K) London/Chicago: FITZROY DEARBORN PUBLISHERS, 2001.

_____. **Encyclopedia of Life Writing: Autobiographical and Biographical Forms.** v.2 (L-Z) London/Chicago: FITZROY DEARBORN PUBLISHERS, 2001.

KELLEHER, James. **The Mysticism of Margery Kempe.** 1948. 256 f. Dissertação de mestrado (Artes). College of Liberal Arts, Boston University, Boston.

KELLY, Henry Ansgar. **Satan: A Biography.** 1° ed. Cambridge University Press, 2006.

KEMPE, Margery. **The Book of Margery Kempe.** Londres. British Library. Versão fac-similar, ca. 1434-5.

_____. **The Book of Margery Kempe.** ed. Sanford Brown Meech, com notas de Hope Emily Allen, London: Oxford University Press, 1940.

_____. **The Book of Margery Kempe.** Oxford: Oxford University Press, 1954.

_____. **The Book of Margery Kempe.** Tradução de Barry Windeatt. Harmondsworth: Penguin, 1985.

_____. **The Book of Margery Kempe: The Autobiography of the Wild Woman of God.** Tradução de Tony D. Triggs. Barnhart: Liguori Publications, 1995.

_____. **The Book of Margery Kempe: A New Translation.** Tradução de John Skinner. New York: Image Books/Doubleday, 1998.

_____. **The Book of Margery Kempe: A New Translation, Contexts and Criticism.** Tradução de Lynn Staley. New York: Norton, 2001.

_____. **The Book of Margery Kempe: Abridged Translation.** Tradução de Liz Herbert McAvoy. Suffolk: D.S.Brewer, 2003.

_____. **Libro de Margery Kempe: La mujer que se reinventó a sí misma.** Tradução de Salustiano Moreta Velayos. Brujas: Universitat de València- JPM ediciones, 2012.

_____. **The Book of Margery Kempe.** Tradução de Anthony Bale. Oxford: Oxford University Press, 2015.

KIECKHEFER, Richard. **Unquiet Souls: Fourteenth-Century Saint and Their Religions Milieu.** Edição reimpressa. Chicago: University of Chicago Press, 1984.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **Malleus Maleficarum: O Martelo das feiticeiras.** Tradução de Paulo Froés. Editora Record, 2017.

LEITE, Marília Dantas Tenório. **Orlandos: um olhar feminista sobre as traduções do romance de Virginia Woolf no Brasil.** 2017. Dissertação de mestrado (Estudos da Tradução) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet.** Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha. Minas Gerais, editora UFMG, 2008.

LEWIS, Robert E. **Middle English Dictionary.** ed.1. Ann Arbor, Michigan: University of Michigan Press, 1998.

LUTERO, Martinho. **“Carta aberta sobre a Tradução”.** Tradução de Mauri Furlan. In: Clássicos da Teoria da Tradução. Antologia bilíngüe, v. 4, Renascimento. Florianópolis: NUPLITT, 2006. p. 95-115.

MACHAN, Tim William. **English in the middle ages.** Nova York, Oxford University Press Inc., 2003.

MARCUS, Laura. **Auto/biographical discourses: Criticism, theory, practice.** California: Manchester University Press, 1994.

MARIANI, C.M.C.B; AMARAL, M.J.C. **A mística como crítica nas narrativas de mulheres medievais.** Revista de Cultura Teológica n° 86. PUC/São Paulo, 2015.

MARTINEZ, Lis Y.L. **O Diálogo Intermidiático Entre A Sociedade do Anel e The Lord of The Rings Online (Lotro): Aspectos de Remediação, Meia-Realidade, Estrutura e Ficção**

Interativa. 2017. Dissertação de mestrado (Estudos Literários), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MCAVOY, Liz Herbert. **Authority and the female body in the writings of Julian of Norwich and Margery Kempe**. Cambridge: D.S Brewer, 2004.

_____. **“An awngel al clothyd in white”**: Rereading the Book of Life and *The Book of Margery Kempe*. In: Women and Experience in Later Medieval Writing. Edição de Anneke Mulder-Bakker e Liz Herbert McAvoy. Nova York: Palgrave MacMillan, 2009, p.103-122.

MAUDE, Kathryn. **Citation and marginalisation**: the ethics of feminism in Medieval Studies. *Journal of Gender Studies*. n° 23, Junho/2014, p. 247-261.

MEECH, Sanford Brown; WHITEHALL, Harold; MOORE, Samuel. **The Middle English Dictionary**. ed.1. Nova York: Modern language Association, 1933.

MERRIAM-WEBSTER DICTIONARY. Springfield, Massachussets. Disponível em: < <https://www.merriam-webster.com/>>.

MIDDLE ENGLISH COMPENDIUM. Universidade de Michigan. 2020. Disponível em: < <https://quod.lib.umich.edu/m/middle-english-dictionary>>.

MILLWARD, CM; HAYES, Mary. **A Biography of the English Language**. ed.3. Boston, Massachusetts: Cengage Learning, 2011.

MONTESANO, Marina. **The hellish history of the devil**: Satan in the Middle Ages. *National Geographic Magazine Online*, 2018. Disponível em: < <https://www.nationalgeographic.com/history/magazine/2018/09-10/history-devil-medieval-art-middle-ages/>. Acesso em: 11 ago. 2020.

NADEL, Bruce. **Apologize or Confess!**: The Dilemma of Victorian Autobiography. *Biography*, v.5, n°3, Havaí, University of Hawaii Press, 1982, p. 189-204.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **O diabo no imaginário Cristão**. EDUSC, 2000.

NORWICH, Julian of. **Revelation of Love**. Edição e tradução de John Skinner. New York: Doubleday, 1996.

_____. **Откровения Божественной Любви**: Revelations of Divine love. Tradução, edição, e comentários de Juliana Dresvina. Moscow: Русский Фонд Содействия Образованию и Науке, 2010.

_____. **Revelations of Divine Love**. Edição de Grace Warrack. Digireads.com Publishing, 2013.

OLIVEIRA, Maria Aparecida. **A representação feminina na obra de Virginia Woolf: um diálogo entre o projeto político e o estético**. 2013. Tese de doutorado (Estudos Literários), Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

ONLINE ETIMOLOGY DICTIONARY. Lancaster, Pensilvânia. 2020. Disponível em: <
<https://www.etymonline.com/>>

OXFORD ENGLISH DICTIONARY. Oxford University Press, 2020. Disponível em: <
<https://www.oed.com/>>

PELLATT, Valerie. **Text, Extratext, Metatext and Paratext in Translation.** Newcastle upon Tyne, Inglaterra: Cambridge Scholars Publishing, 2013.

RODRIGUES, Cristina C. **(Re)lendo clássicos:** Trajetos de Pesquisa. Cadernos de Letras, n°22, 2014.

ROSEANNE, Gasse. **Margery Kempe and Lollardy.** Magistra, v.2, n° 43, Magistra Publications, 1996.

ROSS, Ellen M. **Spiritual Experience and Women's Autobiography:** The Rhetoric of Selfhood in The Book of Margery Kempe. *Journal of the American Academy of Religion*, v.59, n°3, Oxford University Press, 1991, p. 527-546.

SIMON, Sherry. **Gender in Translation:** Cultural identity and the politics of transmission. Nova York, Routledge, 1996.

SHEBLE, Margaret. **Queer eye for God:** Reading Margery Kempe as Female Masculine. Atchinson, v.24, 1° ed. Laffayette, Indiana: Purdue University, 2018. p.39-61.

SMITH, Sidonie; WATSON, Julia. **Reading autobiography:** A Guide for interpreting life narrative. Minnesota: University of Minnesota Press, 2001.

SOBECKI, Sebastian. **"The writyng of this tretys":** Margery Kempe's Son and the Authorship of Her Book. *Studies in the Age of Chaucer*, Groningen, V. 37, p. 257-283, University of Groningen, 2012.

STANTON, Domna C. **The Female Autograph:** Theory and Practice of Autobiography from the Tenth to the Twentieth Century, Chicago: University of Chicago Press, 1984.

SUTHERLAND, Annie. **The Middle English Mystics.** In: LEMON, Rebecca; MASON, Emma; ROBERTS, Jonathan; ROWLAND, Christopher (ed; org.). *The Blackwell Companion to the Bible in English Literature.* 1° ed. Hoboken, Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2012. p. 85-99.

TAYLOR, Helen Clare. **Hagiography to autobiography:** Generic conflation on The Book of Margery Kempe. 1991. Tese de doutorado (Estudos Literários e Medievais), University of Connecticut, Connecticut.

THE JERUSALEM BIBLE. Edição por Jones Alexander. 1° ed. Doubleday, 1966

VON FLOTOW, Luise. **Feminist Translation: Contexts, Practices, Theories**. TTR 42, 1991, p. 166-184.

_____. **Translation and gender: translating in the 'era of feminism'**. Manchester, UK: St. Jerome Publishing; University of Ottawa Press, 1997.

_____. **Translating Women**. Ottawa: University of Ottawa, 2011.

WILSON, K.; SCHLUTER, P.; SCHLUTER J. **Women Writers of Great Britain and Europe: An Encyclopedia**. Edição expandida. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1999.

WEINBERG, Carole; SCRAGG, Donald. **Literary Appropriations of the Anglo-Saxons from the Thirteenth to the Twentieth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ZETHSEN, Karen K. **Intralingual Translation: An Attempt at Description**. Meta. v.54, n°4, 2009.